

ESTELITA ANTONINO DE SOUSA

FATOS HISTÓRICOS DE SERRA BRANCA



Estelita Antonino de Sousa, a autora, nasceu no Sítio Ligeiro, hoje município de Serra Branca/Paraíba, no dia 09 de junho de 1931. Estudou o curso primário na Escola Estadual no sítio onde nasceu, com a professora Rita Tavares (Dudu).

Fez o curso ginásial no Ginásio Santa Rita da cidade de Areia PB, dirigido pelas irmãs Franciscanas que vieram da Alemanha de 1947 a 1950; o Curso Médio no Colégio Estadual do bairro da Prata em Campina Grande; o Curso de Suficiência em História, com duração de 4 meses e 15 dias, na Faculdade de Educação em João Pessoa, e o de Licenciatura Plena em História na Faculdade de Arco Verde, Pernambuco, de 1977 a 1981.

Lecionou no curso primário na Escola Profissional Pio XII, de 1956 a 1963; no Grupo Escolar Vasconcelos Brandão, de 1959 a 1972; no Ginásio e depois Colégio Torreão, de 1963 a 1991, quando se aposentou. Lecionou Português durante 10 anos e História desde a 1ª série ginásial até o 3º ano científico em todo período que lecionou. Foi presidente do Centro Cívico e professora fundadora da Escola Profissional Pio XII e do Colégio Wamberto Torreão que foi estadualizado em 1975 com o nome de Escola de 1º e 2º Graus Senador José Gaudêncio.

Escreveu o livro A genealogia dos Antonino, publicado em 2003.



ESTELITA ANTONINO DE SOUZA

FATOS HISTÓRICOS
DE
SERRA BRANCA

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que fizeram a história de Serra Branca, através dos tempos, com lutas, sacrifícios e prazer de viver nesta terra.

A todos os que contribuíram para a educação do nosso povo, em todos os parâmetros que compõem o nosso município, e fizeram com que uma pequena escola onde os filhos estudassem fosse impulso de crescimento e de melhores condições de vida.

Aos padres que por aqui passaram e sempre tiveram uma preocupação com a educação, mantendo escolas paroquiais, pois viam a carência de conhecimentos do nosso povo.

Aos que, mesmo com pequeno conhecimento, cuidaram da saúde do nosso povo com o dom que Deus lhe deu.

Aos que iam buscar alimentos e outros produtos em lugares distantes, viajando em animais, passando por grandes sacrifícios para trazer o que o povo necessitava para sua sobrevivência.

A todos que administraram essa terra, fazendo algo em benefício do povo.

E por fim, a Tagi Nunes de Sousa, meu esposo, companheiro de toda vida, e que sempre me deu apoio para que eu me dedicasse a minhas atividades profissionais e comunitárias e também a meus filhos Luzia, Paulo, Pedro e Luciana e a todos os meus familiares.

Agradecimentos

Agradeço ao Deus da vida, que me inspirou para eu registrar algo do passado, a fim de poder contribuir para o conhecimento de como foi feita a nossa história.

Aos meus pais, que deram as primeiras informações de como Serra Branca se formou.

Ao meu irmão João Francisco de Assis, que, naquela época de tanta dificuldade, teve todo interesse para que eu estudasse no ginásio Santa Rita, em Areia/PB, adquirindo assim mais conhecimentos para dar a minha contribuição à educação de Serra Branca.

Aos que contribuíram com informações para que esta pequena obra fosse realizada.

A meu filho Paulo Giovani Antonino Nunes e a minha nora Maria Lúcia da Silva Nunes pela contribuição que deram para realização deste trabalho.

Ao professor Luiz José Mamede de Lima (Zizo), ao Deputado Federal Luiz Couto, bem como à Secretaria de Educação do município, que deu todo apoio, e à sociedade serrabranquense em geral.

À Guisa de Prefácio

O trabalho intitulado "FATOS HISTÓRICOS DE SERRA BRANCA", escrito pela Professora Estelita Antonino de Souza, reúne em si mesmo duas virtudes que parecem antagônicas: simplicidade e preciosidade. É simples, em sua forma despretensiosa; é precioso, em seu rico conteúdo, pleno de dados e informações sobre a origem, a vida, o povo e os acontecimentos mais importantes de Serra Branca.

Desde que tomei conhecimento do seu conteúdo, sempre incentivei a autora a fazer a publicação deste trabalho. Tenho certeza de que representa um valioso subsídio para a historiografia serrabranquense, tão carente de documentos e de fontes secundárias.

Não são muitos os trabalhos, até agora, escritos sobre a cidade "Princesa do Cariri". Aliás, a bem da verdade, não existe nenhuma obra sistemática sobre Serra Branca. Talvez possam se contar, nos dedos de uma só mão, os escritos, atualmente, existentes, que relatam, mesmo de maneira resumida, aspectos históricos, geográficos, culturais, e sociais da bela cidade caririzeira.

Dentre outros escritos, atualmente, existentes, podemos enumerar, sem pretensão de ser completo, os seguintes: **SERRA BRANCA – Sua História e sua Gente** (verbete da autoria do Prof. Plauto Mesquita de Andrade, que ocupa duas páginas, na Enciclopédia dos Municípios, publicada pela Fundação IBGE, 1970); **SERRA BRANCA – Paraíba** (Monografia Municipal lançada pela Fundação IBGE, Rio de Janeiro, 1984, contendo 15 páginas que descrevem aspectos históricos, físicos, demográficos, econômicos, sociais, administrativos e políticos da cidade de Serra Branca); **SERRA BRANCA – um Esboço**

Histórico (fôlder preparado pelo Prof. Berilo Ramos Borba e lançado, em 1984, por ocasião da inauguração da Casa da Cultura "Padre João Marques" de Serra Branca).

Na obra do Prof. Emmanoel Rocha Carvalho, intitulada "**ENTRE TALENTOS DO CARIRI – Vida e Obra de ASSIS JUNIOR**" – Ed. Universitária da UFPB – João Pessoa, Paraíba, o autor - devidamente autorizado pela Profª Estelita - transcreve muitas das informações contidas no presente trabalho, enfeixando-as nos três capítulos por ele destinados a descrever fatos relacionados com a vida do biografado, enquanto habitante de Serra Branca.

Finalmente, também deve-se fazer menção ao "**PROJETO MATINORE** (brochura que contém estudos e pesquisas realizados, em 2005, pelos alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio, Senador José Gaudêncio, sob a supervisão do Prof. JUAREZ RIBEIRO DE ARAÚJO, que trata, com detalhes, dos aspectos históricos, físicos, sociais e políticos, relacionados com o Município de Serra Branca). Aliás, seria recomendável que esse trabalho de pesquisa, feito pelos alunos, até como incentivo aos mesmos, após passar por uma revisão cuidadosa, para correção de fatos, datas e nomes nele contidos, fosse publicado, em razão de sua utilidade, como documento informativo para a historiografia de Serra Branca.

Diante da escassez de escritos sobre a cidade "Princesa do Cariri", certamente, FATOS HISTÓRICOS DE SERRA BRANCA vem preencher uma grande lacuna, oferecendo ao público leitor um documento mais completo e detalhado sobre a bela cidade caririzeira.

Conheci a Profª Estelita, quando, ainda, cursava a Escola Mixta do Ligeiro. Não somente ela, como também seus irmãos: "Raminho" e Gilberto e suas irmãs: Estelina, Ester, Estela e Edite foram meus colegas, na Escola de D.

Dudu (Rita Tavares de Araújo) que funcionava em uma das dependências da casa residencial do sr. José Leôncio Antonino, localizada no Ligeiro de Cima.

Formada professora, Estelita sempre se destacou pelo entusiasmo e zelo com que se dedicava aos misteres da profissão. Teve atuação brilhante, tanto no Grupo Escolar Vasconcelos Brandão, e na Escola Profissional Pio XII, como no Ginásio e no Colégio Comercial Wamberto Torreão. Participou, também, ativamente, como docente no Colégio Estadual de Serra Branca. Após sua aposentadoria, a Profª Estelita não se resignou ao merecido repouso, pelo contrário, dedicou-se, com afinco, à pesquisa e ao registro de fatos e acontecimentos da sua terra natal que, não escritos, tenderiam a se perder nas brumas do tempo.

Como escritora, a Profª Estelita estreou com um trabalho sobre a "Genealogia dos Antoninos", editado pela Sal da Terra, Gráfica e Editora, João Pessoa – Paraíba, 2003, que constitui um valioso documento sobre a descendência do patriarca de sua família, Antonino José Gonçalves, um dos fazendeiros que ajudaram a fundar a povoação de Jericó, que mais tarde passou a denominar-se Serra Branca,

A sua obra, FATOS HISTÓRICOS DE SERRA BRANCA, é um minucioso trabalho de pesquisa sobre Geografia, História, Economia, Religião, Educação, Saúde, População, Comunicação, Transportes, Cultura e Tradição da cidade de Serra Branca.

Além do rico conteúdo do seu trabalho, a Profª Estelita, ainda, acresceu sua obra com dois anexos, plenos de dados e informações históricas sobre o Município de Serra Branca. São eles: **Levantamento de prédios e casas históricas do Município de Serra Branca**, trabalho resultante de uma ampla pesquisa de campo, feita pela autora, por solicitação da Secretaria do Trabalho

e Ação Social do Município, com vistas à implantação do Pacto Novo Cariri e **Histórico do Colégio Estadual de Serra Branca**, da autoria dos professores: Estelita Antonino do Sousa e José Bernardo de Oliveira, cujo texto contém uma minuciosa descrição da vida do referido colégio, e do seu fundador, Cônego João Marques Pereira.

Na ausência de fontes escritas, na realização do seu precioso trabalho, a autora buscou suprir essa carência, através de entrevistas e conversas com habitantes mais idosos, que melhor conheciam o passado de Serra Branca. Utilizou-se dessa fonte oral, para enfatizar fatos, pessoas e acontecimentos que constituíram e, ainda, constituem o dia a dia da cidade "Princesa do Cariri".

A publicação do trabalho da Prof^a Estelita, além de preencher uma grande lacuna existente na documentação que trata da cidade de Serra Branca, vai contribuir, decisivamente, para a recuperação e preservação de dados e informações, que, com a corrida inexorável do tempo, tendem a ser apagados da memória dos seus habitantes.

A nossa expectativa é de que o trabalho que ora vem a lume, não somente seja bem acolhido por todos, mas que, também sirva de renovado incentivo, tanto para a autora, como para as novas gerações de filhos da "boa terra", no sentido de ampliarem, cada vez mais, a pesquisa histórica sobre Serra Branca, de modo especial, junto às fontes primárias, constituídas, sobretudo, pelos arquivos existentes, nos órgãos públicos, cartórios e igrejas da região que, ainda, continuam, em grande parte, inconsultos.

"Ita speratur"!

João Pessoa, julho de 2008.

Berilo Ramos Borba, membro-fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri - IHGC

SUMÁRIO

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA _____	15
HISTÓRICO DE SERRA BRANCA _____	19
ECONOMIA _____	31
RELIGIÃO _____	43
EDUCAÇÃO _____	57
SAÚDE _____	75
POPULAÇÃO _____	81
COMUNICAÇÃO _____	85
TRANSPORTES _____	93
CULTURA E TRADIÇÃO _____	99
APÊNDICE _____	121
APÊNDICE A - PROFISSÕES _____	123
APÊNDICE B - LEVANTAMENTO DE PRÉDIOS E CASAS HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA _____	131
APÊNDICE C - HISTÓRICO DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERRA BRANCA _____	141

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA

O município de Serra Branca está situado na região geográfica denominada de "Cariris da Paraíba", especificamente na Micro-região dos Cariris Velhos. A zona urbana do Distrito Sede, a cidade de Serra Branca, está localizada a uma distância de 220 km de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba.

O município de Serra Branca tem como limites: ao norte os municípios de São José dos Cordeiros e Parari; a leste São João do Cariri; a oeste, Sumé e ao sul, os municípios de Congo e Coxixola, este último após desmembramento do referido município.

Com uma área de 1.034 km, Serra Branca está situada em 8º lugar em extensão territorial, entre os municípios da Paraíba. É uma área de clima semi-árido quente, com temperaturas que variam entre 18º e 35º. O inverno é irregular, concentrando os melhores índices pluviométricos em pequeno espaço de tempo e apresentando período de grande estiagem.

O solo do município é diversificado, sendo, em geral, raso com pedregulhos e poucas áreas apresentam solos mais fundos, nas zonas de várzea ou aluvião. Os principais tipos de solos são: arenoso, areno-argiloso e argiloso, caracterizados pela vegetação de caatinga alta com a predominância de bromeliáceas e cactos.

Não existem no município rios perenes e entre os rios temporários destacam-se Jatobá e Poção que foram Matoré e Sucuru, respectivamente.

O principal acidente geográfico do município, pela sua importância histórica, é a Serra do Jatobá, da qual se originou o nome do município.

O distrito de Coxixola foi emancipado do município de Serra Branca, no dia 29 de abril de 1994, pela Lei nº 5.910, publicada no Diário Oficial do Estado, edição de 05 de maio daquele ano. A eleição ocorreu em outubro de 1996 e no dia 1º de janeiro de 1997 houve a instalação

do município com a posse do prefeito e dos vereadores. Após o desmembramento do distrito de Coxixola, que tem uma extensão territorial de 113,6 km², o município de Serra Branca teve sua extensão territorial reduzida para 920,4 km² e seus limites foram alterados, conforme indicado anteriormente.

HISTÓRICO DE SERRA BRANCA

Os primeiros habitantes da região de Serra Branca foram os índios cariris. Ainda não existe um estudo científico sobre sua vivência, mas a nossa história começou com eles.

Segundo fontes orais, Serra Branca originou-se de duas fazendas de gado instaladas às margens dos rios Poção e Jatobá que, com suas cacimbas, forneciam água para as famílias e rebanhos. Isso mostra que a colonização do nosso município seguiu as características da colonização do interior do Nordeste: a expansão da pecuária.

As pessoas mais antigas informaram que os líderes da colonização do nosso município foram os fazendeiros Coronel José Alves Pequeno, Antônio Barbosa Coutinho e Antônio Pereira. Posteriormente, para aqui vieram o marinho João Pinto, o velho Víctor e Francisca Espanha.

Chegaram, também, à nossa região, o Sr. Porfírio José Limeira que fixou residência no Ahú; o coronel Antônio Gayão (Seu Tota) que, além de fazendeiro, era comerciante e morava às margens do rio Jatobá, onde hoje é a casa das Borbas; o Sr. Francisco Aprígio Vasconcelos Brandão, proprietário das terras de Santa Catarina; Dr. Genuíno Correia Lima, proprietário da fazenda Cauaçu; o Coronel Clementino da Costa Romeu, das fazendas Caboclo e Craibeira; Francisco da Costa Brito, na fazenda Salão; Izidro José Mariano, proprietário da fazenda Macapá; Antônio Rodrigues de Sousa, dono da fazenda Garrota; Antero da Cunha Torreão, proprietário das fazendas Melada e Areias e Antonino José Gonçalves, na Fazenda Ligeiro.

Todos esses fazendeiros com seus trabalhadores construíram casas para suas famílias e, gradativamente, faziam crescer o povoado de Serra Branca que, em 15 de novembro de 1921, através da Lei nº 520, foi elevado à categoria de Distrito do município de São João do Cariri.

O primeiro nome do povoado foi Jericó; o segundo

foi Serra Branca. Mas o Decreto-lei de nº 520, de 31 de dezembro de 1943, mudou o nome do Distrito para Itamorotinga, que em tupi-guarani quer dizer pedra esbranquiçada.

Em 1947, a nova Constituição do Estado, através do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, elevou o Distrito à categoria de cidade, restaurando o antigo nome de Serra Branca e fixando nela a sede do município de São João do Cariri. Mas no dia 02 de abril de 1951, a sede do município retornou a São João do Cariri. Pouco tempo depois, uma decisão judicial fez a sede do município voltar à Serra Branca e depois a São João do Cariri, mais uma vez.

A emancipação política de Serra Branca foi alcançada graças à Lei nº 2.065 de 27 de abril de 1959, tendo a instalação oficial do município se realizado no dia 10 de abril de 1960. Desmembrada de São João do Cariri, Serra Branca passou a ser a sede de um novo município, subdividido em três distritos: Coxixola, Santa Luzia do Cariri e Sucuru.

A comarca de Serra Branca foi criada em 1960, com a instalação do Cartório do Único Ofício. Mas, dois outros cartórios, o 1º Cartório de Registro de Imóveis e o Cartório do Registro Civil, já existiam em Serra Branca, instalados desde a época em que esta cidade foi sede do município de São João do Cariri.

Residiam em Serra Branca e foram prefeitos do município de São João do Cariri: o Sr. Joaquim Gaudêncio Queiroz que, após deixar o comércio de algodão, ingressou na vida política e foi prefeito do município de São João do Cariri de 1948 a 1951. Sendo considerado um dos principais chefes políticos de Serra Branca. Seus familiares que exercessem qualquer cargo político, em Serra Branca, eram representados por ele.

Nessa época os comícios não eram freqüentes. Os

líderes políticos e seus familiares visitavam, quando possível, a casa dos chefes políticos da cidade.

No dia da eleição, no município, os políticos, inclusive o Sr. Joaquim Gaudêncio de Queiroz e o Major Tertuliano da Costa Brito, mandavam matar diversas reses para dar refeições aos eleitores; durante o dia todo, eram servidos café, almoço, vinho, doce, bolo etc.

O Sr. Joaquim Gaudêncio de Queiroz ajudava muito o povo pobre, ou melhor, as pessoas que precisavam dele. Acolhia bem todos os padres que viessem para Serra Branca. Cantava no coro da Igreja, principalmente com as cantoras Sofia Borges, Judith Gaudêncio, Hilda Brito, Nevinha Torreão, Dulcinéa Mendes, quando a missa ainda era celebrada em latim e o padre ficava de costas para o povo.

Quando o Sr. Joaquim Gaudêncio de Queiroz ocupava a função de prefeito de São João do Cariri, a sede do município era em Serra Branca. Durante sua administração, como prefeito, o Governador do Estado da Paraíba era o Dr. Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo, que em 1950 mandou construir a Escola Pública Estadual de 1º grau, à época denominada Grupo Escolar Vasconcelos Brandão, que teve como primeira diretora a dinâmica professora D. Elça Carvalho da Fonseca.

Depois do Sr. Joaquim Gaudêncio de Queiroz, foi eleito prefeito do município de São João do Cariri o Sr. Francisco Moreira de Albuquerque, que exerceu seu mandato entre 1951 a 1955.

A Cadeia Pública foi construída na gestão deste último, pelo Governador do Estado, Dr. José Américo de Almeida que, em visita à Serra Branca, para tomar conhecimento das principais necessidades da população, castigada pela seca, além de ter enviado para o município vários caminhões com charque, feijão, farinha etc, para ajudar na alimentação da pobreza, também resolveu abrir

frentes de trabalho para ocupar as pessoas desempregadas. Nessa visita, o Governador perguntou ao prefeito Francisco Moreira qual a coisa mais necessária para cidade, este mostrou onde funcionava a Cadeia Pública, em precária situação para abrigar os presos. O Governador pediu que ele conseguisse um terreno adequado para a construção de uma nova Cadeia, que ele daria pronta dentro de 90 dias, e realmente, cumpriu com a promessa. O terreno foi adquirido pelo Sr. Antônio Bezerra de Souza, com o Sr. Tomé, e a mesma foi construída em 1956.

O sucessor do prefeito Francisco Moreira de Albuquerque, na Prefeitura de São João do Cariri, foi o Dr. Genival de Queiroz Torreão.

A iluminação elétrica de Serra Branca teve seu início em 1936, por iniciativa do Vigário Padre João Noronha que, associado ao Sr. Antero da Cunha Torreão, conseguiu implantar luz e força elétricas, na localidade, a partir de um motor de caminhão. Algum tempo depois, a energia elétrica passou a ser gerada por um vapor à lenha, pertencente ao Sr. Francisco Moreira de Albuquerque, instalado num salão à Rua José Moraes, vizinho à casa do Sr. Gedeão Maracajá. Esse motor teve como primeiro eletricista o Sr. Raul Arão, que o ligava das 18 horas da tarde às 23 horas da noite. Às 22:30 horas da noite, era dado um sinal, avisando que, meia hora depois, a luz ia se apagar. Todas as pessoas que estavam na rua, inclusive as moças, já sabiam que tinham que voltar para as suas casas, pois, após as 23 horas, a cidade estava escura e silenciosa. Outro eletricista foi o Sr. Janúncio Braz. A energia era cobrada pelo número de velas que tivesse cada lâmpada.

Na sua gestão, o prefeito Dr. Genival Torreão comprou um motor bem mais potente, para a manutenção da energia elétrica de Serra Branca, o qual serviu de calção

para a entrada da Eletro-Cariri.

Foi o prefeito Dr. Genival Torreão quem iniciou o Mercado Público ao qual deu o nome de Antero da Cunha Torreão, sendo o terreno adquirido, através do Sr. Antônio Bezerra de Souza que o conseguiu do Sr. Tomé, por quem ele foi criado.

Após o mandato do Dr. Genival Torreão, em 1959, o Dr. Inácio Antonino Gonçalves candidatou-se a prefeito do município de São João do Cariri, com sede em Serra Branca e foi eleito.

Em abril de 1960, Serra Branca foi emancipada, e o Dr. Inácio Antonino Gonçalves fixou a sede em São João do Cariri, município para o qual foi eleito e onde terminou seu mandato em 1963.

O município de Serra Branca teve seu desmembramento do município de São João do Cariri em 27 de abril de 1959, conforme Lei nº 2.065, cujo projeto foi da autoria do deputado Nivaldo de Farias Brito. A instalação do município ocorreu em 10 de abril de 1960.

Dessa data em diante, a relação dos prefeitos, vice-prefeitos e vereadores de Serra Branca é a seguinte:

Interventor e 1º prefeito: Aderbal Chagas Brito. Período: 10 de abril de 1960 a 12 de outubro de 1960.

2º prefeito: Manoel Gaudêncio Neto. Vice-prefeito: Ornilo Agostinho Araújo. Período: 13 de outubro de 1960 a 12 de outubro de 1964.

Vereadores da 1ª Legislatura: Antônio Bernardo de Souza, Eliseu Jacaré de Macedo, João Lopo e Araújo, Manoel Alcântara de Queiroz, Pedro Braz de Macedo, Pedro Calixto de Queiroz, Vicente Pereira de Albuquerque – Manoel Agostinho de Araújo – suplente.

3º prefeito: Álvaro Gaudêncio Filho. Vice-prefeito: José Antonino de Souza. Período: 13 de outubro de 1964 a 30 de janeiro de 1969.

Vereadores da 2ª Legislatura: Antônio Bernardo de

Souza, Elízio Emídio Gonçalves, José Araújo Cavalcanti, José Rodrigues, Ornilo Agostinho Araújo, Pedro Braz de Macedo, Severino José dos Santos.

4º prefeito: Manoel Gaudêncio Neto. Vice-prefeito: Manoel José das Neves. Período: 31 de janeiro de 1969 a 30 de janeiro de 1973.

Vereadores da 3ª Legislatura: Álvaro Nogueira, Elízio Emídio Gonçalves, Francisco das Chagas Souza, José Caetano de Brito, Ornilo Agostinho Araújo, Pedro Braz de Macedo, Severino José dos Santos.

5º prefeito: Juarez Maracajá Coutinho. Vice-prefeita: Terezinha Antonino Gonçalves. Período: 31 de janeiro de 1973 a 30 de janeiro de 1977.

Vereadores da 4ª Legislatura: Antônio Bezerra de Souza, Belizário Duarte Barros, João Bezerra de Souza, José Caetano de Brito, Leidson da Silva, Severiano José dos Santos, Dulce Neves e Carlos Antônio Barros.

6º prefeito: Wamberto Torreão Filho. Vice-prefeito: Sebastião Bezerra de Souza. Período: 31 de janeiro de 1977 a 30 de janeiro de 1983.

Vereadores da 5ª Legislatura: Carlos Antônio Barros, Dulce Neves, Edson Batista de Amorim, Geraldo Cantalice de Queiroz, José Leneide da Costa Mariano, Leidson da Silva, Manoel Guilherme da Silva.

7º prefeito: Juarez Maracajá Coutinho. Vice-prefeito: Jonas de Deus. Período: 31 de janeiro de 1983 a 31 de dezembro de 1988.

Vereadores da 6ª Legislatura: Antônio Justino Filho, Dulce Neves, Eduardo José Torreão Mota, Francisco Marinho Neto, Geraldo Cantalice de Queiroz, Heleno Domingos dos Santos, Ivete Medeiros Alves, José Francisco Nunes Antonino e Pedro Gomes de Macedo.

8º prefeito: Sebastião Bezerra de Souza. Vice-prefeita: Alda Maria Dias de Araújo Queiroz. Período: 01 de janeiro de 1989 a 12 de junho de 1991. Obs. Nessa

data, o titular renunciou ao cargo.

Na administração de Sebastião Bezerra de Souza, pelo Projeto de Lei nº 08/90 de 07 de agosto de 1990 no seu Art. 1º, foram oficialmente criadas as escolas municipais de 1º e 2º graus, no município de Serra Branca, entre elas a Escola Municipal de 1º e 2º graus Cônego João Marques Pereira, a Escola Municipal de 1º grau Profissional Pio XII e mais 47 Escolas de 1º grau em todo o município.

Vereadores da 7ª Legislatura: Antônio Justino Filho, Eduardo José Torreão Mota, João Henrique da Silva, Joilto Gonçalves de Brito, José Anselmo Almeida da Silva, José de Souza Oliveira, José Severino Pereira, Pedro Gomes de Macedo e Raul da Costa Leão.

9º prefeito: Alda Maria Dias de Araújo Queiroz. Obs. Assumiu o cargo de prefeita em virtude da renúncia do prefeito Sebastião Bezerra de Souza. Período: 12 de junho de 1991 a 31 de dezembro de 1992. Os vereadores continuaram os mesmos.

10º prefeito: Agostinho Nunes Filho. Vice-prefeito: Wamberto Torreão Filho. Período: 01 de janeiro de 1993 a 31 de dezembro de 1996.

Vereadores da 8ª Legislatura: Antônio Andrade Bezerra, Egberto Ferreira de Araújo, João Henrique da Silva, José Anselmo Almeida da Silva, Joilto Gonçalves de Brito, Jabel Costa de Albuquerque, José de Souza Oliveira, José Dudu de Amorim, Luiz José Mamede de Lima, Maria Valdete Carvalho Machado, Nilton Gregório de Souza, Normando José Araújo de Holanda e Severino de Assis Júnior.

11º prefeito: Eduardo José Torreão Mota. Vice-prefeito: Severino de Assis Júnior. Período: 01 de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2000.

Vereadores da 9ª Legislatura: Antônio Andrade Bezerra, Geraldo Caetano de Araújo, Gilvan Amorim de

Souza, Guilherme César D'Albuquerque Gaudêncio, Jabel Costa de Albuquerque, João Henrique da Silva, José Anselmo Almeida da Silva, José Edinaildo Saraiva de Brito, José de Souza Oliveira, Luiz José Mamede de Lima, Normando José Araújo de Holanda e Wamberto Torreão Filho.

Luiz José Mamede de Lima, quando vereador, editou o Decreto Legislativo, nº 019/97, que instituiu a Comenda Cônego João Marques Pereira de Honra ao Mérito, cujo texto é o seguinte:

Art. 1º - a Medalha Cônego João Marques é um título honorífico a ser concedido anualmente pela Câmara Municipal à pessoa ou instituição que tenha contribuído de forma relevante para o desenvolvimento da Educação, da Cultura ou do Esporte no âmbito do município de Serra Branca.

Art. 2º - a homenagem de que trata este decreto só será concedida por deliberação de, pelo menos, a maioria absoluta dos membros da Câmara Municipal, através do decreto legislativo.

12º prefeito: Eduardo José Torreão Mota. Vice-prefeito: Wamberto Torreão Filho. Período: 01 de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2004.

Vereadores da 10ª Legislatura: Antônio Alberto de Albuquerque, Esperdião Francisco de Lima Filho, Eugênio Barbosa de Souza, Geraldo Caetano de Araújo, Guilherme César D'Albuquerque Gaudêncio, Heydrich Dias Nóbrega de Queiroz, João Henrique da Silva, José Anselmo Almeida da Silva, José Ednaildo Saraiva de Brito, José Severino Pereira, Maria Valdete Carvalho Machado, Normando José Araújo de Holanda e Paulo Sérgio de Araújo.

13º prefeito: Luiz José Mamede de Lima. Vice-prefeita: Maria Celeste de Amorim. Período: 01 de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008.

Vereadores da 11ª Legislatura: José Severino

Pereira, Geraldo Caetano de Araújo, José Anselmo de Almeida da Silva, Eugênio Barbosa de Souza, Euwan Carlos Batista de Oliveira, Carlos Kleber Ribeiro Barros, Maria Valdete Carvalho Machado, Macilon Rafael de Brito e Paulo Sérgio de Araújo.

ECONOMIA

A primeira atividade produtiva da região foi a dos índios Cariris que, por viverem num estágio primitivo de produção, não desenvolviam atividades com fins econômico-monetários.

Depois de colonizada, a nossa região desenvolveu a pecuária extensiva em grandes fazendas de gado e agricultura de subsistência, como as primeiras atividades econômicas.

Quando ainda não existiam estradas de rodagens e automóveis em Serra Branca, o comércio era realizado pelos almocreves, homens que comercializavam mercadorias transportadas de diversos pontos da Paraíba e Pernambuco, em lombos de burros.

Os almocreves que possuíam tropas de até oito burros negociavam, aqui, com farinha, feijão, rapadura, café, açúcar, etc, adquiridos em Garanhuns, Caruaru, Surubim, Campina Grande, Esperança, Areia, Lagoa Nova, Puxinanã, Remígio e outras cidades. Realizando viagens que duravam entre uma e duas semanas, dependendo da distância e dos imprevistos, os almocreves faziam percursos diários de quarenta e oito a cinqüenta e quatro quilômetros, descansando com os animais em pontos chamados casas de rancho ou pousadas, onde dormiam e se alimentavam, pagando determinadas quantias aos hospedeiros. Havia também as casas de família que davam hospedagem aos viajantes. Durante a viagem, no meio da estrada, os almocreves carregavam os seus mantimentos em sacos de couro, conhecidos como "surrão".

À medida que as atividades comerciais foram se desenvolvendo, construiu-se o Mercado Público - um prédio antigo que fica na esquina da Travessa Antônio Gaião - que era dividido em diversos compartimentos, onde as pessoas vendiam carne, cereais e havia muitos hotezinhos. A feira se localizava nas ruas Coronel Manoel

Gaudêncio, Travessa Antônio Gaião e na atual Rua Bento Ribeiro.

As pessoas que traziam as mercadorias em tropas de burros – os almocreves – vendiam, eles próprios, na feira, os seus produtos, ou revendiam para outros comerciantes, conhecidos como “atravessadores”.

Segundo informações colhidas, muitas famílias do atual povo do município de Serra Branca têm almocreves como antepassados, podendo se destacar o nome de Inácio Limeira, Tranquilino Gancho, João Nunes, José Aleixo, Honorato Antonino, Antônio Duarte, Abdias Celerino, Pedro Jacó, Manoel Calixto, Cosme Ribeiro, José Nunes, Adolfo Nunes, João Menino, Cícero Nico, Severino Nunes, Senhorzinho Nunes, José Leôncio, todos já falecidos. Outros, ainda, estão vivos, morando em Serra Branca, são os senhores: Crispo Jacó e Severino Galdino.

Outra mercadoria comercializada era o couro de animais (pele) e os principais compradores desse produto foram Vicente Correia, José Leôncio, Paizinho Caluete e Bento Ribeiro.

Havia também a feira de louça de barro, como ainda hoje há, mas em décadas passadas esse comércio era maior, por ser uma mercadoria muito utilizada, já que não havia os objetos sofisticados dos nossos dias.

O Sr. Antônio Paulino vendia fumo; Zuca Mangaeiro tinha uma tropa de jumentos e vendia “bugingangas”, que o povo chamava “mangaio”. Era tempero, cominho, colorau, vassoura, chocalho, colher de pau, gamela, ratoeira, grelha, folhetos (Literatura de Cordel), chapéu de palha, chaleira, esteira de cangalha e muitos outros objetos.

O principal produto da nossa economia, a partir da década de 1920, foi o algodão e as pessoas que o comercializavam, nessa época, construíram armazéns, que eram utilizados para guardar o produto e ser instalado o

maquinismo para descarregar o algodão.

Ainda hoje existem, em nossa cidade, os armazéns que foram utilizados para esse comércio.

Os compradores de algodão que instalaram maquinismo para descarregar algodão foram os senhores: Joaquim Gaudêncio de Queiroz, que construiu armazéns para descarregar algodão onde hoje é a Rua Antero da Cunha Torreão, na saída para o Bairro do Pilão; Antero da Cunha Torreão, que depois comprou os armazéns de Joaquim Gaudêncio; Vicente Correia, Joaquim Dias Borba, Honorato Brandão, que também comprava gado, agave e mamona; Francisco Pinto, José Morais, Francisco Moreira de Albuquerque, todos de Serra Branca; Clementino Ramos Correia Lima, da Fazenda Água Doce; Tico Braz, de Cacimba Nova; Pedro Antonino, do Ligeiro.

Os almocreves transportavam a lã de algodão para Campina Grande, recebendo uma remuneração pelo frete da tropa de burros. Em Campina Grande, entregavam a lã aos diversos armazéns e voltavam a Serra Branca com os burros carregados de mercadorias como: trigo, tecidos, rapadura, sal, querosene, etc. Quando aqui chegavam, entregavam as mercadorias para os comerciantes locais.

Havia também o comércio de agave e caroá, onde muitas mulheres trabalhavam para ganhar algum dinheiro para o seu sustento. O Sr. Joaquim de Andrade Gaião comprava caroá para desfibrar na localidade Campo das Borbas.

Segundo informações prestadas pelo Sr. Benoni Ferreira de Lima, além dos produtos vendidos na feira, muitas casas comerciais foram sendo instaladas e se tornando importantes, do que se pode deduzir que Serra Branca, nas décadas de 1920 a 1940, tinha um comércio bastante desenvolvido em relação à população existente naquela época.

As casas comerciais que mais se destacaram foram

as de José Bitu de Araújo, Clementino Pacheco, Angelino da Costa Pinto, Alfredo Brito que vendia tecidos; Vicente Correia com uma mercearia e casa de tecidos; Pedro de Alcântara possuía mercearia e padaria; Alexandrino de Queiroz vendia tecidos onde hoje é a farmácia veterinária de Pedro Franco; Seu Lelo, José de Alcântara, Eliseu, sócio de Joaquim Gaudêncio; João Pereira, onde hoje é a mercearia de Sebastião de Souza; Alfredo de Freitas, Nezinho Farias, José Gaudêncio que possuía padaria; o Sr. Antônio Luiz possuía farmácia, sapataria e vendia outras mercadorias; o Sr. Severino Mota (Biu Mota) com uma casa de tecidos, onde hoje é a sapataria do seu filho Alírio Mota.

Na década de 1920, o Sr. Joaquim de Andrade Gaião começou o seu comércio aqui em Serra Branca, trazendo tecidos num burro e vendendo num banco na feira. Depois instalou uma casa comercial (Casa Gaião) com tecidos, louças, chapéus, guarda-chuvas, sombrinhas, ferragens, produtos alimentícios, padaria e tudo que o povo precisava comprar naquela época. Foi o maior comerciante do Cariri, pois vinha gente do Pageú, São José do Egito, Teixeira e dos municípios vizinhos fazer compras na sua Casa Comercial.

Foi também um grande comerciante o Sr. Wamberto Torreão, vendendo, praticamente, todas as mercadorias procuradas à época. Tendo falecido o Sr. Wamberto Torreão, em 12 de janeiro de 1954, sua esposa D. Isaura de Sousa Torreão deu continuidade à Casa Comercial e depois construiu o Supermercado Ki Preço, na Avenida Deputado Álvaro Gaudêncio, que foi o maior da nossa cidade, sob sua total direção, vindo a decair a partir de 1995, quando ela foi acometida por uma doença que a tornou impossibilitada de exercer as suas atividades comerciais.

Outro comerciante de grande porte foi o Sr. Antônio

Bezerra de Sousa com o seu Armazém do Povo, onde se vendia todo tipo de mercadorias: tecido, ferragens, chapéus, produtos alimentícios, querosene que era um produto muito importante na época, pois em poucos lugares havia energia elétrica.

Na década de 1950, o Sr. Bento Ribeiro, recentemente falecido, passou a comprar algodão em rama e vendê-lo sem descarregar à Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro – SANBRA – localizada em Campina Grande.

Na década de 1960, o Sr. Bento Ribeiro instalou em Serra Branca uma usina de separar o algodão do caroço. A partir de então, todo o algodão do nosso município e de municípios vizinhos passou a ser vendido em pluma, e o caroço passou a ser utilizado na fabricação de óleo e ração animal.

Nos anos de 1970, a incipiente indústria foi desativada, ao que parece porque o seu proprietário se aposentou.

São muitas as análises que tentam explicar a conjuntura econômica atual do nosso Município. Alguns defendem que a vocação econômica de Serra Branca é a agricultura, outros acham que, além da agricultura, a pecuária caprina e ovina surtiria bons resultados. Mas, na realidade atual, com tantas estiagens, a vida econômica do município depende do empreguismo estatal – Prefeitura e Governo do Estado – e dos recursos previdenciários destinados aos aposentados do INSS.

Não tivemos condições de conseguir informações de como funcionava o comércio no início da formação do povoado.

Atualmente existe uma associação de pescadores em Serra Branca, é a Colônia de pescadores.

Desde a sua fundação, em 25 de agosto de 1991 a ASPEC-SB é presidida por Dr. José Leonaldo Lina de Farias.

Foi inicialmente constituída por 40 sócios (pescadores artesanais). Sua meta principal é dar apoio nos setores jurídico, social e de trabalho a pescadores do município e regiões circunvizinhas.

Atualmente a ASPEC-SB tem um quadro efetivo de 70 associados. O trabalho desempenhado por Dr. Leonaldo vem estimulando e desenvolvendo uma atividade inovadora na área trabalhista no setor primário de pesca, com expressiva colaboração ao município.

Ele nos transmite um pouco de seu conhecimento em um pequeno comentário sobre as dificuldades encontradas em presidir uma associação.

“Dentre as maiores dificuldades, a falta de apoio por parte dos poderes públicos, o baixo nível de escolaridade dos sócios, o alto grau de interesse de pessoas alheias à atividade, na busca de benefícios do governo federal, e as interferências político-partidárias tentaram atrapalhar o bom andamento das atividades primárias na área da pesca no município.

Entretanto, avaliamos também que os métodos adotados são severamente cumpridos e rigorosamente inspecionados pela diretoria. Citamos, como exemplo, o sistema de ordenamento que consiste no cadastramento de pescadores, organização de horários de captura, controle de malhas e o combate a pesca predatória.

Com isso concluímos que presidir uma associação é tarefa difícil e de extrema responsabilidade, mas é gratificante quando reconhecido o esforço.”

Boa parte do açude se encontra aterrado e cheio de árvores, um exemplo é a algaroba, que lá se encontra em grande quantidade, além de muito lixo que a própria população colocou quando ele estava seco. Dentro do reservatório também se encontram fósseis de animais que morreram com a seca que nossa região sempre passa. Ao redor do açude se encontram vários currais, trazendo

assim muita sujeira para o mesmo. Mas isso acontece por falta de consciência da população e de responsabilidade de nossos governantes que, na época de seca, não fazem a limpeza do açude. Dessa forma, quando as águas chegam, tudo continua sujo, o que faz com que não tenhamos água de boa qualidade para o nosso consumo. Além disso, o açude se encontra num estado tão crítico que se chegar a sangrar pode acontecer de estourar, e o risco que corremos é alto.

Nos arredores do açude se encontra uma casa que pertence à Associação dos Pescadores de Serra Branca. Perto desta casa ficava a placa de cobre com todos os dados do açude, mas, por um ato de vandalismo, esta foi roubada juntamente com alguns pertences da casa. Hoje a mesma é ocupada pela família da senhora Josefa da Silva Raimundo que, além de ter esta casa como moradia, cuida dos instrumentos de trabalho dos pescadores, sendo um deles seu marido. Eles vivem em um estado crítico, tendo que criar muitos filhos e passando por grandes dificuldades.

O Serra Branca II (Açude novo) não está sendo utilizado por não ter condições de uso, ele se encontra no momento com 45,8% de sua capacidade.

Segundo o presidente José Leonaldo Lina de Farias (Leó), a associação passou a ter o nome de Colônia de Pescadores Z - 37. Ainda nas suas palavras, embora no governo do presidente Fernando Collor tenha havido alguns desmanches da máquina pública, para os pescadores ele criou o Seguro Defeso, um benefício que remunera o pescador na época do defeso da piracema (reprodução de peixe). Quando José Leonaldo de Lina Farias (Leó), criou a Associação de Pescadores ainda era estudante de agronomia na Universidade Federal da Paraíba, na cidade de Areia PB. Hoje a colônia funciona na sala 7, à rua Genival Torreão, nº 165, como escritório

de atendimento aos 98 pescadores associados. A gestão e o ordenamento pesqueiro abrangem os açudes locais: além dos Serra Branca I e II com aproximadamente vinte milhões de metros cúbicos, a Jurisdição Regional dos seguintes municípios: Sumé, São João do Cariri, Gurjão, Caraúbas e São José dos Cordeiros.

A Colônia oferece vários benefícios, como: aposentadoria como Segurado Especial, Seguro Defeso (na época da Piracema), Auxílio Doença, Auxílio natalidade, acesso a financiamentos bancários, empréstimos para aquisição de equipamentos e apetrechos de pesca, além do controle e ordenamento pesqueiro, tais como: repovoamento anual das variedades de captura (tilápia, curimatã, traira, tambaqui, carpa, pescada e piau), além do controle das malhas de pesca e capacidade de suporte (quantidade de redes de emalhar que o açude comporta).

Entre os nomes de pescadores da Colônia, podemos citar: Josinaldo Mecena, Manoel Brás da Silva, José Félix da Silva, Heleno da Costa Marinho, Agenor Quintino de Araújo, Raul Costa Filho, Francisco das C. R. de Souza, Severino Tavares da Silva, Dimas Leite Feitosa, Vanildo Alves, Roberto Gonçalves Queiroz, Valdir Silva, Ivanildo Barros Fernandes, Paulo Cezar Gonçalves de Araújo, Vital Teodomiro Silva, Vicente Paulo dos Santos, José Lopes Machado Filho, José Soares da Silva, José Adeval Costa, Manoel Raimundo Filho, João Soares Cabral, José da Paz Pimentel, Expedito Silva de Oliveira, Antônio Bezerra Lopes, Carlos Alberto Rodrigues, José Bezerra das Neves João Batista Campos, Gilberto de Brito, Severino Bezerra de Farias, José Leonaldo Lina de Farias, José da Guia Maceió Gonçalves, José de Anchieta Gonçalves, Gilberto Ferreiras dos Santos, Inácio Lustosa de Oliveira, Manoel Olinto Ferreira, Breno Lisandro M. Costa.

Outra cooperativa que existe no município é a

Cooperativa da Agricultura Familiar de Serra Branca, fundada no dia 19 de abril de 2007, em sede Provisória na Secretaria de Assistência Social, à rua Raul da Costa Leão s/n. Reuniram-se com o propósito de constituírem uma sociedade cooperativa nos termos da Legislação vigente as seguintes pessoas, que são os associados fundadores: Maria Aparecida Marques da Silva, Rita Araújo de Souza Lucas, Maria Luzia de Oliveira Lopes, Maria Salomé Ramos Souza, Maria Iraneide Muniz, Severino de Souza Flor, Alexandre Limeira da Silva, Helena Mesquita de Oliveira, Francisco das Chagas F. da Silva, Evanildo Oliveira de Araújo, Ozírio Amaro, Messias Souza Nogueira, Thiago Araújo de Souza Martins, Luiz Alves do Nascimento, José Zelmo da Silva Ricardo, Marli Galdino dos Santos, Gilson Goiana de Arruda, Rosângela Pereira Farias, Rosete Pereira Farias, Kelli Vanessa Maciel, Carmem Solange Almeida Lima, Flávio Souza Oliveira.

No dia da criação da Cooperativa, a mesa foi composta pelas seguintes pessoas: Sr Luiz Gonzaga de Holanda – Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Serra Branca, Messias de Souza Nogueira – Representante dos Agricultores Familiares e Sócio fundador, Maria Doralice Barbosa – Presidente da Associação de Turismo nos Espaço Rural e Cultural do Cariri - ATRACAR – PB, Ednaildo Saraiva de Brito – Secretário Municipal de Assistência Social, Antônio Alberto de Albuquerque – Coordenador Regional da EMATER e Secretário de Desenvolvimento Econômico do município. Dando início, foi solicitado que a Assembléia escolhesse uma pessoa para secretariar os trabalhos e redigir a presente ata que deveria ser feita. Foi escolhida a Sr^a Carmem Solange Almeida Lima. A Sr^a Geuma Marques, extensionista rural da EMATER, solicitou que fosse lido, explicado e debatido o projeto de Estatuto Social, anteriormente elaborado e discutido, o que foi feito artigo

por artigo. O Estatuto foi aprovado pelo voto dos cooperados fundadores cujos nomes estão devidamente consignados na ata. A seguir, a Sr^a Geuma Marques determinou que se procedesse a eleição dos membros dos órgãos sociais, conforme dispõe o Estatuto recém-aprovado. Foi apresentada uma chapa, destacando que esses nomes foram sugeridos, tendo como perfil as pessoas que se envolveram desde o início e que participaram da maioria das reuniões preparatórias, mostrando interesse e se dispondo a ter tempo de se dedicar à Cooperativa, sendo escolhidos para diretor presidente, Alexandre Limeira da Silva; como diretora administrativa, Carmem Solange Almeida Lima; para diretor financeiro, Flávio Souza de Oliveira; diretor de produção, Severino de Souza Flor; conselheiro, José Zelmo da Silva Ricardo. A eleição desses cargos foi feita através do voto secreto por um mandato de 3 anos.

A Cooperativa da Agricultura Familiar é uma parceria com a Prefeitura Municipal que doou 07 bancas metálicas para 10 famílias associadas. São vendidos na feiras ao sábados 46 tipos de produtos agroecológicos.

RELIGIÃO

Quando o branco colonizador aqui chegou, com suas fazendas de gado, trouxe também a religião católica, imposta ao índio e ao negro.

Como toda a população era católica e todo povoado apresentava como característica o templo para as atividades religiosas, havia um grande desejo de construção de uma capela.

A primeira igreja da localidade foi construída no lugar onde, atualmente, se encontra a Sinuca dos Medeiros (Sr. Manoel Medeiros), em torno de 1850. Em frente à mesma, fora também edificado um pequeno cemitério, localizado precisamente onde, depois, foi construída a atual igreja de Serra Branca.

Após a construção da atual igreja, que foi edificada sobre o terreno do primitivo cemitério, a antiga capela foi demolida para dar lugar à principal avenida da cidade - a Avenida Deputado Álvaro Gaudêncio.

Com a construção da atual igreja, do antigo cemitério restou apenas uma pequena área, onde atualmente se encontra a Casa Paroquial, razão por que o mesmo teve de ser desativado.

Segundo informações do Sr. José Alves Pereira, conhecido como Zé Grande da Água Doce, a última pessoa sepultada no cemitério que ficava atrás da Igreja, no local onde hoje se encontra a Casa Paroquial, foi D. Firmiana Ramos Correia Lima, mãe do Sr. Clementino Ramos, pai de Roque Ramos, em agosto de 1912. O atual cemitério de Serra Branca foi construído a partir de 1913.

A atual Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição foi edificada, no início do século anterior, entre 1908 e 1910, pelo pedreiro Luiz Gomes de Souza, conhecido como Mestre Luiz, que foi o construtor de toda a obra.

O servente de Mestre Luiz era o Sr. Luiz Gancho que, segundo informações de Seu Zé Grande, usava

diversas peneiras,(no. 1, 2, 3 10) para peneirar a areia e o cal segundo a massa que fosse adequada para o serviço.

Quando Serra Branca, politicamente, era distrito de São João do Cariri, havia também uma vinculação entre a Capela de Nossa Senhora da Conceição, de Serra Branca, e a Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Milagres, que tinha como vigário o Padre Apolônio Gaudêncio que se ordenou em 02 de novembro de 1926 e ficou sendo vigário em São João do Cariri. Até 1930, o Padre Apolônio celebrava missa em São João do Cariri, que era a Matriz, e em Serra Branca, que era capela de São João do Cariri.

Por questões políticas, foi fechada a Igreja Matriz de São João do Cariri e o Padre Apolônio não podia mais celebrar missa lá, então, mudou, provisoriamente, a sede da Paróquia para a capela de Serra Branca.

Em 1931, veio o Padre José Borges que passou pouco tempo, dois ou três meses apenas. Veio novamente o Padre Apolônio, mas em 1934 ele foi transferido para Taperoá e o Padre João Noronha veio para ser vigário de São João do Cariri e a sede da paróquia ficou em Serra Branca. A ele seguiram-se o Padre Edgar Toscano, Cônego João Marques Pereira, Padre José Rodrigues, Padre Antônio Apolinário Batista, Padre Valdir Campello Cabral, Padre Tarcísio Spirândio e, atualmente, o Padre João Barbosa.

Quando o Padre Edgar Toscano era vigário de Serra Branca, foi construída, na Paróquia, a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

A Igreja Católica, até a presença do Cônego João Marques Pereira, era do tipo tradicional, sem discussão sobre a realidade política e social. A partir dos últimos anos da presença do Padre Antônio Apolinário à frente dos trabalhos paroquiais, a Igreja de Serra Branca inclinou-se, ainda que modestamente, a assumir as decisões do Concílio Vaticano II. Descentralizada, apresentando uma

incipiente participação leiga nos lugares de evangelização, constituiu-se numa tarefa de transição de sua fase piramidal para uma Igreja Comunidade.

Hoje, a direção da Paróquia da Conceição, ainda em fase de adaptação às mudanças recentes, pretende caminhar ao encontro de uma Igreja de Comunidade.

Em 20 de maio de 1997, o Padre Valdir Campello foi substituído pelo Padre Tarcísio Spirândio.

Atualmente, a Paróquia de Nossas Senhora da Conceição de Serra Branca está dividida nas seguintes áreas, constituídas por proximidade geográfica das Comunidades:

1. Área de Serra Branca: Matriz, Capela de São Francisco (bairros Ahu, Quixaba, Vertentes), Capela de Nossa Senhora Aparecida (Pilão), Comunidade dos Pereiros e Malvinas (capela em construção), Comunidades do Odonzão, Campo de Aviação, Alto da Conceição (não têm capela), Serrinha (área rural sem capela), Capela de São João (área rural, bairros Cantinho de São João, Jureminha, Pereiros), Capela de São Sebastião (área rural, bairros Ligeiro de Cima, Ligeiro de Baixo, Lagoa do Panati). Capela de Santo Antônio, (área rural) nos Caboclos.
2. Área de Parari: Capela de São José (cidade de Parari), Capela de N. Sra. do Carmo (área rural, bairro Jaramataia), Comunidades de Poço de Pedra, Rio de Fora, Campo Grande (sem capela), Capela de N. Sra. de Fátima (área rural, bairros: Farias, Garrota, Caboclo, Açude).
3. Área de São José dos Cordeiros: Capela de N. Sra. das Dores (cidade de Cordeiros), Capela Jesus Menino (área rural, Bairro Simão Lopes e adjacências).
4. Área de Coxixola: Capela São José (cidade de Coxixola), Capela N. Sra. das Dores (área rural,

bairros Campo do Velho, São Joãozinho, Campo Redondo), Capela São Brás (área rural, bairros: Serrote Apertado, Quixaba, Vaca Morta), Lagoa de Cima e Cantinho (área rural sem capela).

5. Área das Serras: Essa área é toda ela rural. Capela de N. Sra. de Fátima (Jericó e Capoeiras), Capela da Sagrada Família (Pedra Lavrada e Serra da Pelada), Capela N. Sra. Aparecida (Duas Serras), Comunidades: Lagoa da Serra, Serra Verde e Tamburi, Salão, Angico, Angicão, Angico de Baixo (sem capela).

Além da Igreja Católica, em Serra Branca, existem templos de outras crenças religiosas, como igrejas evangélicas e centro espírita. A seguir são apresentadas algumas informações sobre esses cultos.

Igreja Evangélica Assembléia de Deus

A Igreja Evangélica Assembléia de Deus foi criada no dia 18 de junho de 1911 em Belém do Pará por dois missionários suecos: Gunnar Vingren e Daniel Berg, e em 1934 ela já alcançava todo o país. Esse crescimento se deu em concurso efetivo de outros missionários que aqui chegaram. A Convenção Geral da Assembléia de Deus no Brasil (CGADB) é o órgão máximo da igreja e congrega, atualmente, cerca de 9 mil pastores. Segundo os preceitos dessa igreja, se a pessoa não for batizado mas crer em Cristo será salvo, pois o batismo não implica diretamente na salvação.

Em Serra Branca, essa igreja foi fundada em 1980 pelo Sr. Vicente Galdino e o pastor atual é Benerval Nunes Costa.

O Senhor José Gomes, que me deu essas informações, disse que carregou muitas pedras para fazer

o alicerce da mesma. Ela começou numa casa no Beco do 7, em 1970, depois foi construída a igreja; um grande Templo, e ele continuou sendo membro da mesma como obreiro. O Presidente da Assembléia de Deus no Estado da Paraíba concede em Campina Grande, o ilustre patriarca e pastor Francisco Pacheco de Brito. Os cultos são realizados no tempo central às 7 horas da noite nas quartas sexta e domingos e os fiéis que participam são em numero de 120 pessoas.

O dízimo é voluntário e depende da fidelidade de cada um, embora esteja previsto na Bíblia.

Igreja Evangélica Universal do Reino de Deus

A igreja universal foi fundada em Serra Branca em abril de 2000 e o primeiro pastor foi Josinaldo. Atualmente tem como pastor Fabiano Marques de Sousa, que está na cidade há três meses, com um número de fiéis entre 50 a 60 pessoas.

A direção dessa igreja obedece as orientações do Bispo Edir Macedo, fundador e autoridade maior que rege todas as igrejas. O culto é realizado de segunda à quarta e de sexta a domingo, havendo reuniões pela manhã, à tarde e à noite. Em todo esse período funcionou normalmente com vários pastores. Há duas reuniões por semana, quarta e domingo que são culto de louvor e adoração ao Espírito Santo. Em toda primeira quarta-feira do mês e último domingo é celebrada a santa ceia onde os fiéis recebem o pão e o vinho que representam o corpo e o sangue de Cristo. Quando alguém faz algo que desobedece a Deus, pede uma orientação ao pastor. Para a oferta do dízimo, o fiel recebe o envelope e deposita a quantia que representa 10% do que possui ou recebe mensalmente, ou quinzenalmente, coloca sobre o altar e recebe uma oração.

Congregação Cristã do Brasil

Essa congregação funciona em Serra Branca há cerca de 30 anos. O Ministério é formado por anciãos, cooperadores e diáconos. A principal autoridade são os anciãos que batizam e atendem as Santas Ceias. São quatro cultos por semana e a Santa Ceia uma vez por ano. Prega-se a palavra de Deus e aquele que se sentir chamado pede para ser batizado. Vai ser orado pelos anciãos da Igreja, uma vez confirmado por Deus será batizado. Os cooperadores realizam os cultos, as visitas, mas não podem batizar, só auxiliam. Os diáconos atendem aos carentes. Os presbíteros da Igreja ungem os enfermos. O batismo é feito nas águas por emersão. É feito em nome de Jesus com as palavras: "Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo." Existem cerca de 70 fieis em Serra Branca, funcionando também em Santa Luzia e Sussuarana com outros cooperadores. Segundo o cooperador Heleno Pereira Campos (Hellus), que foi entrevistado, na congregação cristã não se paga dizimo; existe uma coleta voluntária para a manutenção da igreja.

Na congregação, as mulheres usam o véu branco e também o ósculo santo. As mulheres saúdam as mulheres, os homens saúdam os homens e as mulheres ficam separados dos homens.

Igreja Evangélica Congregacional

A igreja congregacional foi fundada em Serra Branca em 1982, sendo que ela foi a primeira igreja evangélica fundada no Brasil, através dos missionários escoceses doutor Robert Kalley e Dona Sara Kalley, em 1855, tendo sido construída a primeira igreja em Campos, no Rio de Janeiro. A igreja em Serra Branca teve até agora três pastores, sendo o atual o pastor Elusivan Florêncio do

Nascimento que pastoreia aqui há 14 anos.

Os cultos são realizados às terças, quintas, sábados e domingos, sendo aos domingos duas reuniões pela manhã e à noite a partir da 19:30, com uma média de 160 fieis. As pessoas que compõem o Ministério são: o pastor, os presbíteros, os diáconos evangelistas e líderes de departamentos, tendo esses também a missão de pregar a Palavra.

Funcionam, também, visitas, culto nos lares, culto ao ar livre, intercâmbio com outras denominações tanto local como em outras cidades. Sob a direção dessa igreja, existem igrejas nas cidades de Monteiro e Taperoá, com possibilidade de em breve ter também em Sertânia.

Participam das Ceias todos os membros que foram batizados pela igreja local. Quando uma pessoa não está enquadrada nos preceitos bíblicos, recebe aconselhamento bíblico. Se mesma não mudar de vida é aplicada a disciplina, se não houver a correção a bíblia aconselha que esta deve ficar desligada da comunhão. O batismo na igreja congregacional é por aspersão segundo Ezequiel 36, 25.

A Igreja Evangélica Batista

Essa igreja foi fundada em julho de 2004. é uma filial de Monteiro e o pastor atual é Genival Brito de Oliveira.

Os cultos são realizados às quartas, à noite, e aos domingos pela manhã e à noite com o número em média de 40 pessoas de todas as idades. Além do pastor existem os auxiliares que são em número de quatro pessoas. O culto é realizado com orações, louvores a Deus, pregação e ensinamento da palavra e uma vez por mês, em um domingo, é realizada a Ceia do Senhor. Só recebe a Ceia quem for oficialmente batizado. O batismo é feito por emersão. Sempre há oportunidade para quem quiser ser

batizado mediante os critérios bíblicos. O pastor é o ministro que dirige através da democracia.

Igreja Batista Vida Plena

A Igreja Batista Vida Plena foi organizada a partir de um grupo de crentes já existente nessa cidade que, em acordo mútuo, decidiram assumir a visão e doutrina dos Batistas renovados. Reúnem-se para se confraternizarem com irmãos da mesma fé, adorando a Deus num ambiente fraterno e acolhedor. No dia 29 de fevereiro de 2004, foram batizados os dez primeiros membros às margens do Açude Velho. O pastor, que deu estas informações, disse que nasceu assim espiritualmente a IBVP de Serra Branca, sendo acrescentado os demais membros por ato de aclamação durante a Santa Ceia no culto à noite. Segundo sua fé, acreditam na salvação pela graça de Cristo Jesus. O batismo (por imersão) é um ato de obediência, mas só o batismo não salva. Realizam mensalmente a Santa Ceia, quando utilizam o pão e o vinho.

Na IBVP não se pratica a confissão auricular, no entanto em determinados casos de pecados que se tornam públicos, se faz necessário que se aplique os efeitos disciplinares e confissão pública para que haja uma restauração. O governo da IBVP é estabelecida da seguinte forma: o pastor, os pastores auxiliares e os líderes de departamentos. Na IBVP, as mulheres participam assiduamente da liderança. Atualmente o número é de aproximadamente 70 pessoas. A IBVP exerce um trabalho exaustivo na evangelização de crianças através do "Projeto Geração de Deus" e no Departamento Infantil da Igreja .

Baseado em Mt. 3,10 o dízimo é a décima parte de tudo que chega às mãos como lucro ou salário que pertence ao Senhor. Não se deve dizimar por medo mas

por amor a Deus e a sua obra. O dízimo é uma atitude, como ato voluntário. Na IBVP não se estipula o valor de oferta, disse o pastor da Igreja Batista Vida Plena, João Ferreira Neto, quando foi entrevistado.

Igreja Petencostal Deus é Amor

A Igreja Deus é Amor foi fundada em Serra Branca em 1990 pelo senhor José Ângelo Filho (falecido). É registrada em São Paulo. Atualmente, o pastor é Magildo, que reside na cidade do Congo e vem a Serra Branca nos dias de culto, às sextas-feiras à noite e aos sábados pela manhã. Os membros da congregação atualmente são dez, havendo também os visitantes. O dízimo é de acordo com as possibilidades de cada pessoa. O batismo é feito por imersão num rio ou açude. Além do pastor há os obreiros que auxiliam ao pastor e a secretária que cuida dos documentos da igreja. Quem faz o batizado e ministra a Santa Ceia uma vez por mês é o presbítero.

Só recebe a Santa Ceia quem é batizado e está em comunhão com Deus. A confissão é feita a Deus através das orações.

Congregação das Testemunhas Cristãs de Jeová

Foi formada em 1993 através de um grupo de estudo bíblico, embora já houvesse pregação de casa em casa desde a década de 1980.

Não tem um líder ou mestre humano, o pastor é Jesus Cristo (João 10,11 – Mateus 23,8/11). Não tem igreja, pois o local de reunião se chama Salão do Reino das testemunhas de Jeová localizado na avenida Wamberto Torreão, 122. Em cada congregação existe um ou mais diligentes que são conhecidos pelo termo bíblico (não títulos) "ancião ou superintendente " que deve estar de acordo com

os requisitos bíblicos descritos em 1 Tm 3, 1-7.

Atualmente a dirigente da congregação local preferiu ficar anonimato.

Na congregação não fazem cultos onde há exaltações, promessa de curas, expulsão de demônios e apelos para que se aceite Jesus. As reuniões são para estudo da bíblia, como uma aula aberta a todos que desejarem participar, inclusive os que visitam pela primeira vez. Consiste em leitura de textos, perguntas e respostas, além de palestras educativas sobre diversos temas de interesse da maioria das pessoas sinceras. A entrada é franca e não se faz coleta de dinheiro nem se cobra dízimo. A impressão de livros, revistas, manutenção do local de reuniões são mantidos por donativos ou contribuições voluntárias (2 Cor. 9,7).

Em benefício da comunidade são feitas visitas as pessoas de casa em casa, independente de religião ou condição social, com o objetivo de ler mensagens bíblicas encorajadoras, distribuir as revistas A Sentinela e Despertai! bem como diversos livros e folhetos que tratam de assuntos: famílias, meio ambiente, educação, saúde e muito mais. Acima de tudo mostrar como é possível cultivar a fé em nosso Criador, através de cursos bíblicos domiciliares. Tudo isso de forma voluntária. Quanto ao tratamento às pessoas de outras religiões, a Bíblia ensina que devemos amar ao próximo como a nós mesmos (Marcos 12, 31). As testemunhas de Jeová se esforçam para cumprir esse mandamento visitando as pessoas, dando-lhes apoio emocional e espiritual. Respeitam as convicções religiosas de outros, mas não participam de nenhum ato ecumênico promovido por outras religiões.

É uma sociedade cristã mundial de pessoas que dão ativamente testemunho sobre Jeová Deus e seus propósitos para com a humanidade. Baseiam suas crenças unicamente na Bíblia.

Casa Espírita Lar de Maria

Foi fundada em Serra Branca no dia 24 de abril de 2005, na rua Francisco Moreira s/n. No dia da cerimônia de inauguração, foi criado o primeiro Estatuto da Instituição, cuja finalidade é o estudo, a divulgação e a prática do Espiritismo, no formato proposto nas obras de Allan Kardec para promover a caridade espiritual e material, sem qualquer distinção de crença religiosa, nacionalidade, cor, sexo ou faixa etária. Com um ano de trabalho, a casa ficou pequena para os trabalhos realizados. O local foi mudado para um prédio na rua Juarez Maracajá s/n, onde funciona até hoje, atendendo toda a comunidade de Serra Branca (bairros, centro, zona rural, distrito e cidades vizinhas).

A Casa Espírita Lar de Maria abre suas portas para a comunidade nos dias: segunda-feira às 19:30, para o estudo do Livro dos Espíritos, vibração e desenvolvimento mediúnico fechado ao círculos de trabalhadores específicos da tarefa, objetiva atender os espíritos manifestantes com orientação necessária a cada um; terça-feira às 19:30, reunião pública aberta à comunidade, onde se fala sobre o evangelho segundo o espiritismo e um tema, em seguida é feita a aplicação de passe que é uma transfusão de energia benéfica refazendo as forças físicas e espirituais, é aplicada todos os dias em que é realizada reunião pública em pessoas que necessitam de benefícios do passe; quarta-feira às 17 horas, é feito o evangelho no lar na casa de famílias que desejam implantar o Evangelho semanalmente ou na casa dos freqüentadores da casa e às 19:30, reuniões com os jovens, para estudar o evangelho e temas diversos; quinta-feira às 19 horas, reuniões com crianças, quando também é feito o estudo do evangelho.

A entidade realiza um trabalho social que consiste em arrecadar, durante todo o mês, alimentos não perecíveis e roupas usadas para serem distribuídos com famílias carentes do distrito de Sucuru, bairros e zona rural de Serra Branca.

EDUCAÇÃO

Segundo o modelo histórico de educação brasileira, Serra Branca teve suas primeiras escolas criadas pela Igreja Católica. Não existiam prédios públicos. As escolas funcionavam na sacristia ou em casas particulares e os professores ensinavam por conta própria (particular) ou eram remunerados pela Paróquia.

Os primeiros professores de Serra Branca, da Paróquia, foram: Irmã Cotinha, Inácia Ferreira Lima, Maria das Dores de Oliveira, Diva de Queiroz Gaudêncio, Odaci Meira, Maria Ferreira de Oliveira.

Já nas escolas particulares, os primeiros professores foram: Antonio Pedro de Farias, Manoel Farias, Aristóteles Meira, Naninha Marinheira, Terezinha Viana, Maria Ferreira de Oliveira, José Oliveira Filho (Zé Bolinha), Geruza Mamede de Lima.

Maria Cristina de Oliveira Antonino foi a primeira professora estadual e ensinava em sua residência.

Posteriormente, foram criadas as Escolas Reunidas, divididas em turmas do sexo masculino e feminino. Essas escolas funcionavam nos salões do Sr. Antero da Cunha Torreão ou em casas de família. Os professores eram nomeados pelo Estado, entre eles: Manoel Agripino Cavalcante, Tereza Fernandes de Araújo, Ana Ramos, Ana Maria de Oliveira, Maria José de Carvalho, Magna Lira Torreão, Ilza Luna da Silva, Maria Ferreira de Oliveira.

Em 1950, o Governador do Estado da Paraíba era o Dr. Osvaldo Trigueiro de Albuquerque Melo. No seu Governo, foi construída a escola pública de 1º grau (primário, na época) denominada Grupo Escolar Vasconcelos Brandão e teve como primeira diretora a dinâmica professora D. Elça Carvalho da Fonseca. Com os seus esforços e de uma equipe de professoras deram aos alunos do curso primário um ensino de boa qualidade.

As primeiras professoras do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão foram: Eunildes Borges, Carmelita

Rocha Brito, Odaci Lins de Brito, Adiles de Assis Antonino, Maria Bernadete Gaião, Maria do Socorro Moreira, Estelita Antonino de Sousa, Maria Ferreira de Oliveira e Quitéria Gouveia.

Ainda na década de 1950, o Cônego João Marques Pereira criou a Escola Profissional Pio XII, que começou a funcionar no dia 16 de fevereiro de 1956, na sacristia, ali permanecendo até o dia 12 de março, quando houve a inauguração do salão onde foi instalado o Cine Educativo e outros dois prédios vizinhos, funcionando na Escola, desde a alfabetização até a 5ª série que preparava o aluno para fazer o Exame de Admissão, a fim de ingressar no Curso Ginásial. Além disso, oferecia também os cursos de Corte e Costura, Bordado à Máquina, Datilografia e Trabalhos Manuais. Os primeiros professores foram: Paulo Lopo Saraiva, Estelita Antonino de Assis, Margarida Almeida da Silva que ensinava Corte e Costura, Bordado à Máquina. Foram professores de Datilografia: Vicente Jacó e Jonas Lopes. No segundo semestre do mesmo ano, Paulo Lopo Saraiva deixou de ensinar e foi substituído por duas professoras: Cleusa Ribeiro e Maria das Neves Oliveira (Nevinha Oliveira). Em 1958, foi dado um curso de artesanato pela professora cearense Maria de Lourdes Sousa.

Segundo os estatutos da Escola Profissional Pio XII, a mesma foi fundada em 25 de janeiro de 1955, sob os auspícios da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição desta cidade, sendo constituída de ilimitado número de sócios e teria duração por tempo indeterminado. Eis alguns extratos do Estatuto:

Parágrafo Único – Enquanto não ocorrer eleição para composição de sua Diretoria, esta será exercida pelo Vigário desta Paróquia, que poderá transferi-la a qualquer pessoa de reconhecida capacidade,

independência financeira e idoneidade.

Membros da Diretoria:

a) Presidente, b) Vice-presidente c) 1º Secretário, d) 2º Secretário ,e) Tesoureiro, f) Vice-tesoureiro. Parágrafo Único – Todos os cargos da Diretoria são exercidos gratuitamente.

Serra Branca, 20 de fevereiro de 1969.

O Estatuto foi assinado pelo Cônego João Marques Pereira e está registrado às fls. 61 a 63, do Livro de registro integral de títulos documentos e outros papéis deste Cartório a meu cargo, sob nº 83. Assina: Josefa Medeiros de Araújo, Oficial do Registro.

A Escola Profissional Pio XII deu origem ao Ginásio Comercial Wamberto Torreão que foi fundado no dia 08 de março de 1963, com o Curso Ginásial de Comércio, iniciando-se as inscrições no dia 14 de março e encerrando-se no dia 20 de março com 36 alunos.

O Curso Ginásial começou a funcionar no Salão da Escola Profissional Pio XII e teve como suporte financeiro inicial a assinatura de um convênio com o Ministério de Educação, cujo texto segue transcrito a seguir.

Aos 7 (sete) dias do mês de dezembro de 1962 no Gabinete do Ministério da Educação e Cultura (MEC) presente o respectivo titular, Professor Darcy Ribeiro e o representante devidamente credenciado da Escola Profissional Pio XII, o Deputado Federal Plínio Lemos, tendo em vista o Plano Federal do Desenvolvimento do Ensino Industrial foi firmado o Convênio Especial em que se estabeleceu os seguintes compromissos:

Cláusula Primeira – O Ministério da Educação por intermédio da Diretoria do Ensino Industrial prestará o auxílio de Cr\$ 5.000.000 (cinco milhões de cruzeiros) à Escola Profissional Pio XII, do Estado

da Paraíba para a construção do prédio em que deverá ser instalado o Ginásio Industrial de Serra Branca, naquele Estado, bem com para o seu equipamento.

Cláusula Segunda – O auxílio federal só poderá ser utilizado para o fim exclusivamente de liquidação de despesas previstas neste Convênio, cujos termos deverão ser amplamente divulgados para Edital e pela Imprensa local lida e falada.

Cláusula Terceira – O auxílio federal será remetido pela Agência do Banco do Brasil mais próxima.

Cláusula Quarta – Para habilitar-se ao recebimento do Auxílio, a entidade beneficiada deverá remeter a Diretoria do Ensino Industrial:

a) Prova de propriedade do terreno onde vai ser construído o Ginásio Industrial.

b) Planta do terreno.

c) Orçamento das obras com discriminação minuciosas das especificações.

d) Cópia do contrato das obras ou esclarecimentos sobre o sistema que será adotado para a construção. Todos os documentos deverão ter o visto da Autoridade responsável pela execução deste Convênio.

Cláusula Quinta – O prédio do Ginásio Industrial do tipo "A" será construído em terreno com área de 5000 m² pelo menos, devendo o mesmo satisfazer as melhores condições pedagógicas e de higiene e ficar protegido por muro ou cerca no final da construção.

Cláusula Sexta – A construção obedecerá ao projeto e plantas que farão parte integrante do presente Convênio devendo o prédio ser construído no prazo máximo de 6 (seis) meses a contar da data deste Convênio.

Cláusula Sétima – A verificação do cumprimento das obrigações decorrentes do presente Convênio caberá à Diretoria do Ensino Industrial que, por seu

Diretor ou Representante autorizado, poderá solicitar qualquer informação ou vistoriar o desenvolvimento dos trabalhos da construção.

Cláusula Oitava – Para efeito do que dispõe a Cláusula anterior a Beneficiária se compromete a facilitar, por todos os meios possíveis, inclusive o transporte, os trabalhos de fiscalização que venham a ser executados pela Diretoria do Ensino Industrial.

Cláusula Nona – O prédio, que deverá ser construído com estabilidade para longa duração, **será patrimônio da Beneficiária**, a quem compete providenciar a sua conservação. A Beneficiária não poderá destinar o prédio do Ginásio para fins diversos dos previstos deste Convênio Especial.

Cláusula Décima – Os recursos para construção do Ginásio serão proporcionados pelo Ministério da Educação e Cultura, Diretoria do Ensino Industrial, que fornecerá, ainda, o equipamento das oficinas, os laboratórios, a biblioteca e o mobiliário necessário. Além disso, prestará auxílio na formação dos professores de oficina, seja na seleção desse pessoal, seja na concessão das bolsas de estudo.

Cláusula Décima Primeira – A entidade Beneficiária concorrerá com o terreno onde será edificado o Ginásio Industrial e promoverá a manutenção deste independentemente de novos auxílios do Ministério da Educação e Cultura.

Cláusula Décima Segunda – O Ginásio terá de preferência estrutura peculiar, às entidades para estatais, de forma a ficar assegurada a sua autonomia administrativa, didática e econômica ou então, a de uma educação para fins educacionais, aplicando-se ao pessoal os preceitos da Legislação Trabalhista.

Cláusula Décima Terceira – Este instrumento do Convênio só entrará em vigor após o seu registro no Tribunal de Contas Local desde que a Legislação Estadual ou Municipal assim exija, ouvido a

Assembléia Legislativa ou a Câmara Municipal se for o caso.

Cláusula Décima Quarta - As obras serão realizadas pela Beneficiária com a preocupação máxima de redução de custos, adotando-se o processo de concorrência pública.

Cláusula Décima Quinta - A prestação de contas será feita dentro de três meses após a aplicação dos recursos a que se refere esse Convênio na construção das obras ou aquisição do equipamento, perante a Divisão de Orçamento do Ministério da Educação e Cultura, cujas instruções a Beneficiária se compromete a acatar, respeitando as demais exigências legais sobre o assunto.

Cláusula Décima Sexta - A Beneficiária se obriga a conservar em seu arquivo o presente Convênio com toda a documentação correspondente.

Cláusula Décima Sétima - Ao firmar o presente Convênio Especial, a Beneficiária declara que aceita, sem restrição, o auxílio estabelecido e suas condições e que se responsabiliza pelo fiel cumprimento de todas as cláusulas, de cuja inobservância resultará a denúncia deste Convênio com a conseqüente devolução do numerário já remetido, ou reversão do imóvel ao MEC que sempre o destinará a outra entidade educacional.

Brasília, 7 de dezembro de 1962

Darcy Ribeiro - Ministério da Educação e Cultura

Plínio Lemos - Deputado Federal - Procurador da Escola Profissional Pio XII

Armando Hildebrando - Diretor do Ensino Industrial

Segue transcrito, abaixo, extrato da Ata de Instalação (03/02/1963):

Aos 3 (três) dias do mês de fevereiro de 1963 às 19:00 horas foi realizada no Salão da Escola

Profissional Pio XII uma sessão extraordinária para a instalação do Ginásio Comercial Wamberto Torreão. Aberta a sessão o presidente convidou para fazer parte da mesa o Dr. Otacilio Cordeiros da Silva - Juiz de Direito da Comarca, o prefeito Manoel Gaudêncio Neto, Dr. Genival de Queiroz Torreão - Promotor Público, Ornilo Agostinho Araújo - vice-prefeito, a professora Estelita Antonino de Sousa e Sebastião de Luna Veras - secretário da Prefeitura. Estava presente grande numero de famílias da sociedade local. Nessa sessão o prefeito Manoel Gaudêncio Neto publicou que havia mandado uma mensagem à Câmara Municipal a fim de ser liberado uma verba de 180.000,00 (cento e oitenta mil cruzeiros) para o citado Ginásio e acrescentou que a mesma já havia sido aprovada e deliberada, tornando ciente que seria entregue Cr\$ 90.000,00 no primeiro semestre e o restante, ou seja, os outros Cr\$ 90.000,00 no segundo. O Presidente da Mesa falou para o plenário quanto devia ser pago com relação a matrícula e a mensalidade respectivamente, ficou acertado que deveria ser pago pela mensalidade e matrícula Cr\$ 500,00 e Cr\$ 300,00 respectivamente, ficando inclusive certo que deveria haver uma ponderação em pagamento para aqueles que não dependem de boa situação financeira, ficou certo que as matrículas iniciariam logo no dia seguinte (quatro de fevereiro e as provas do admissão ao Ginásio no próximo dia 11). O Ginásio funcionará misto na parte noturna. Dr. Genival Torreão frisou, principalmente, que o Ginásio é devidamente oficializado podendo qualquer aluno transferir para qualquer parte, nas mesmas condições, o Ginásio também receberá transferências de idêntico funcionamento e igual condição de ensino. (LIVRO DE ATA, 03/02/1963)

Em 1964, já funcionava a 1ª e 2ª séries com uma inscrição de 99 alunos, ainda nos Salões da Escola Profissional Pio XII.

Eis a Ata de Lançamento da Pedra Fundamental para a construção do Ginásio Industrial:

Aos 26 (vinte e seis) de maio de 1963, às 10:00 horas, estando presente a diretoria organizada para a construção do Ginásio Industrial desta cidade, convênio assinado pelo Ministério da Educação e Cultura com a Escola Profissional Pio XII, com a comissão assim constituída: Cônego João Marques Pereira – Diretor, Dr. Francisco Alves Feitosa – Tesoureiro, Dr. Genival de Queiroz Torreão – Secretário, Dr. Talma Benévolo de Benévolo – Engenheiro responsável, Antonio Trajano Ribeiro e Leidson da Silva – Construtores, autoridades e demais pessoas da sociedade, foi dada a bênção e lançada a pedra fundamental do citado Ginásio e celebrada a missa pelo padre Marques que, em seguida, convidou o prefeito Manoel Gaudêncio Neto para fazer o lançamento simbólico da pedra e dos documentos, isto é, ata, moedas e jornal da Borborema. Usaram a palavra Dr. Genival Torreão – Promotor Público da Comarca, Dr. Francisco Alves Feitosa – médico da Unidade Sanitária de Serra Branca e Tesoureiro da Comissão e Dr. Otacílio Cordeiros – Juiz de Direito da Comarca. (LIVRO DE ATA, 20/05/1963).

Ainda no mês de maio, foi iniciada a construção do citado Ginásio, tendo como responsável técnico o engenheiro Dr. Talma Benévolo de Benévolo.

Eis alguns registros sobre o funcionamento do Ginásio Comercial, em Serra Branca:

Aos 8 (oito) dias do mês de março de 1965, teve início às 14:00 horas, no Salão onde funcionava o

Ginásio Comercial “Wamberto Torreão”, desta cidade, uma soleníssima sessão, com a presença da diretoria, professores, alunos das diversas séries ginásiais e um grande número de famílias de nossa cidade que deu início aos trabalhos educacionais do ano em curso. Todos os componentes da mesa homenagearam nossa cidade e mostraram-se com muita boa vontade para cooperarem com o Ginásio em mais um ano de trabalho. O Diretor, o Cônego João Marques, agradeceu a presença de todos e saudou a toda Serra Branca, pela magnífica obra, que está próxima ao seu término, o prédio próprio do Ginásio. (LIVRO DE ATA, 08/03/1965).

Sobre o encerramento do ano letivo:

Aos seis (seis) dias do mês de dezembro de 1965, reuniu-se a diretoria do Ginásio Comercial Wamberto Torreão no Salão onde funcionava o mesmo, juntamente com os professores, alunos e famílias desta cidade, para juntos encerrarem os trabalhos educacionais do Ginásio no ano letivo. Nessa reunião Cônego João Marques agradeceu em nome da diretoria a bondade e o trabalho dos professores em mais um ano de luta. Agradeceu também a honrosa cooperação dos alunos na boa educação que receberam e souberam aproveitá-la e que nesse ano já contava com um número de 148 alunos. (LIVRO DE ATA, 06/12/1965).

Em 9 de março de 1966, no prédio próprio do Ginásio, teve início o ano letivo já com um número de 187 alunos.

A construção do prédio do Ginásio Industrial, que teve início no mês de maio de 1963, foi concluída no mês de novembro de 1965 (Ginásio Industrial referia-se ao

espaço onde funcionaria cursos profissionalizantes).

As solenidades de inauguração do prédio do Ginásio Industrial de Serra Branca, Estado da Paraíba, realizou-se aos 9 (nove) dias do mês de abril de 1966, às 15:30 horas, contando com a presença do Exmo. Dr. João Agripino Filho – Governador do Estado, Dr. Plínio Lemos – Deputado Federal e grande batalhador pela fundação do Ginásio Dr. Álvaro Gaudêncio de Queiroz – Deputado Estadual, Dr. Álvaro Gaudêncio Filho – Prefeito do Município, Dr. Genival de Queiroz Torreão – Promotor Público desta Comarca, Cônego João Marques Pereira – Vigário da Paróquia, inúmeras outras pessoas convidadas e mais o corpo docente e discente do Ginásio. Na sessão que dava início ao ano letivo de 1966 o Cônego João Marques falou a todos, explicando o bem que faz a educação e o saber ao homem.

O Ginásio Comercial Wamberto Torreão funcionou, por três anos, nos Salões da Escola Profissional Pio XII, enquanto o prédio próprio do Ginásio estava em construção, pois o Cônego João Marques Pereira, grande batalhador pela educação de Serra Branca, achava que não podia mais esperar para que o Curso Ginásial só se iniciasse quando o prédio estivesse pronto. Por isso deu início na Escola Profissional Pio XII com as mínimas condições físicas, mas com todo ardor e entusiasmo, tanto por parte do Diretor, como dos professores, alunos e as famílias de Serra Branca, zona rural e cidades vizinhas.

Aos 21 (vinte e um) dias do mês de abril de 1966, no prédio próprio do Ginásio Comercial Wamberto Torreão, foi dada a bênção solene, pelo Secretário de Educação Monsenhor Manuel Vieira, ao citado Ginásio. No momento, achavam-se presentes os

professores do Ginásio, alunos, diretoria e famílias desta cidade. O Secretário de Educação, depois de agradecer a honrosa homenagem que lhe foi prestada, saudou os alunos do Ginásio pedindo-lhes que fossem fieis à Paraíba e à Pátria Brasileira, prometendo ajudá-los na educação.

Eis alguns registros da instalação e funcionamento do Colégio Comercial Wamberto Torreão:

Às 10:00 horas do dia 10 de julho do ano de 1966, teve lugar no Salão nobre da Escola Profissional Pio XII nesta cidade de Serra Branca, Estado da Paraíba, a sessão solene de instalação do Colégio Comercial Wamberto Torreão, criado no dia 30 (trinta) de março de 1966, por solicitação do Cônego João Marques Pereira, Diretor do Ginásio do mesmo nome. Presidiu a reunião, especialmente convidado, o Prof. Afonso Pereira da Silva – Presidente da Fundação Padre Ibiapina, de João Pessoa, entidade mantenedora. Fizeram parte da mesa, o Presidente da Fundação, o Diretor do Ginásio, o Sr. Promotor Genival Torreão, a Diretoria do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão a professora Maria do Socorro Moreira, o professor David Alan Tophan. Aberta a sessão pelo Diretor do Ginásio, este passou a direção dos trabalhos ao Prof. Afonso Pereira. Por este foi dada a palavra ao estudante Alcides Ferreira que enalteceu a iniciativa de imensa repercussão para o Cariri, como seja a da instalação de um Colégio e aplaudindo os seus idealizadores. A seguir usou a palavra a professora do Ginásio Edite Antonino de Assis que descreveu a importância do acontecimento, estimulando o povo, estudantes, professores, pais de família a ajudarem o magnífico empreendimento que coloca Serra Branca em pé de igualdade com as grandes cidades do Estado e do Nordeste. O professor Berilo Ramos

Borba, congratulou-se com os seus idealizadores e, de modo particular com os estudantes que não mais necessitarão de ir para outras terras a fim de continuarem sua educação, diretamente de Serra Branca partindo para a Universidade. O professor Afonso Pereira descreveu a história do Colégio Wamberto Torreão lembrando a figura notável do Cônego João Marques Pereira, o "Apóstolo do Cariri", incansável indormido e com o destino dos heróis, que é o de muitas vezes receber a perseguição como glorificação e imortalidade. Leu as portarias de nomeação que fez do Diretor do Colégio na pessoa do mesmo Diretor do Ginásio, bem como a portaria da nomeação do Secretário, que recaiu na pessoa do professor Berilo Ramos Borba, assistido do sr. José Bernardo de Oliveira. Foi instalada, também, a Biblioteca do Colégio que recebeu o nome de Biblioteca Padre João Marques Pereira. Naquele instante, foi também fundada a Associação Estudantil de Serra Branca, a qual funcionará no Colégio, controlando toda a vida do estudante do ensino médio da cidade, para a qual ele mesmo organizaria o Estatuto, de acordo com a Lei Suplicy, em vigor. Referindo-se ao Deputado Plínio Lemos, o qual tem oferecido à Fundação Padre Ibiapina, à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, ao Ginásio Wamberto Torreão, à Escola Profissional Pio XII, esforço urgente na liberação de verbas."

Às 20:00 horas do dia 6 (seis) de janeiro de 1967 se deu a colação de grau da "Turma Pioneira Lafayette Belfort", concluinte do curso ginásial de Comércio Wamberto Torreão. A composição da mesa foi constituída das seguintes personalidades: Prof. Afonso Pereira – Diretor da Fundação Padre Ibiapina, que representou o Reitor da Universidade Federal da Paraíba Dr. Guilhardo Martins Alves e do Deputado Federal Plínio Lemos – Parainfo da turma

concluinte; Prof. Francisco Trócoli – Diretor Executivo da Fundação Padre Ibiapina, Prof. Vicente Alencar Luna – Inspetor Federal do Ensino, Dr. Álvaro Gaudêncio Filho, Deputado Álvaro Gaudêncio de Queiroz.

No dia 7 de maio de 1969 às 21:00 hs, na Diretoria do Colégio Comercial Wamberto Torreão, foi realizada uma reunião ordinária, onde o Diretor opina para que seja nomeado um vice-diretor para o Colégio. Dr. Antônio de Pádua Montenegro pede que seja feita uma eleição. Realizada e apurada, foi eleito o Dr. Antônio de Pádua Montenegro, o qual renunciou no momento em favor da professora Edite Antonino de Assis, explicando os motivos de tempo indisponível e esta função. O Diretor fala a respeito dos pagamentos aos professores, esclarecendo as razões pelas quais tem agido assim. De acordo com a situação do educandário, fica determinado para o Curso Colegial Ncr\$ 2,00 a aula e para o Ginásial Ncr\$ 1,70, até que o Estado decida oferecer uma ajuda para melhor remuneração.

No dia 17 do mês de junho de 1969, faleceu o digníssimo Diretor do Colégio, Cônego João Marques Pereira, perdendo Serra Branca um dos grandes vultos de nossa terra. Em razão do pranteado falecimento do Diretor do Colégio, seus corpos docente e administrativo se reuniram para uma análise da situação, conforme se depreende do registro que se segue:

No dia 22 de junho de 1969 às 9:00 horas no Salão do Cinema, sob a presidência da Diretora Edite Antonino de Assis, se reuniu o Corpo Docente, Administrativo e representantes do Corpo Discente para esclarecer a situação financeira em que se

encontrava o Colégio após o falecimento do Diretor, o Cônego João Marques Pereira. A Diretora pede para que reunidos trabalhemos, enfrentemos a luta com coragem para que tudo não desmoronasse.

Depois foram diretores do Colégio Comercial Wamberto Torreão, o Dr. Irênio e o professor Augusto Rodrigues. Em 1973 era Diretor do Colégio o Dr. Antônio Carlos Chaves Ventura.

A partir de 1971, o Colégio continuava passando por grandes dificuldades financeiras, então o Deputado Álvaro Gaudêncio Filho passou a tomar as decisões necessárias para que o Colégio pudesse continuar funcionando.

Não temos conhecimento como as medidas eram tomadas nesse período.

A situação foi amenizada com a estadualização que foi realizada no dia 7 de março de 1975, no governo do Dr. Ernani Sátiro. Eis o texto do Decreto de Estadualização do Colégio Comercial Wamberto Torreão, de Serra Branca:

Decreto nº 6.450 de 6 de março de 1975, estadualiza o Colégio Comercial Wamberto Torreão, da cidade de Serra Branca:

O Governador do Estado da Paraíba, no uso das atribuições que lhe confere o art. 61, da Constituição do Estado.

Decreta:

Art. 1º - Estadualiza o Colégio Comercial Wamberto Torreão, da cidade de Serra Branca, que passará a denominar-se Colégio Estadual de Serra Branca.

Art. 2º - Ficam incorporados ao patrimônio do Estado da Paraíba todos os bens pertencentes ao atual Colégio Comercial Wamberto Torreão, conforme Convenio a ser assinado com a S.E.C.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em

contrário.

Palácio do Governo do Estado da Paraíba, em João Pessoa, de março de 1975, ano 87º da Proclamação da República.

O Colégio Estadual de Serra Branca tem hoje o nome de Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio.

A educação escolar, em Serra Branca, vive, na atualidade, toda a crise da educação brasileira: escolas sem instalações físicas adequadas, professores mal remunerados, alunos desestimulados, alto índice de desistência etc.

São inúmeras escolas públicas municipais que, em sua maioria, principalmente no zona rural, funcionam precariamente ou não funcionam.

Já é uma realidade, na cidade, as escolas particulares que, dadas as condições econômicas dos serrabranquenses, absorvem parcelas pequenas da população.

Vale ressaltar a experiência pioneira da Escola Santa Quitéria, que foi instalada em Serra Branca e funcionava com alunos da 1ª a 8ª séries do ensino fundamental durante muito tempo, tendo à frente a professora aposentada Quitéria Gouveia Vilar. Depois funcionou um curso noturno de preparação de candidatos à Universidade, mas infelizmente funcionou pouco tempo.

Algumas vezes, o SENAI ministra cursos profissionalizantes em nosso município, apesar da falta de apoio do poder público.

Mas, de uma certa maneira, através de pequenas reivindicações feitas por alguns grupos da comunidade, a educação, em Serra Branca, ultimamente, tem contado com uma melhora, principalmente, nas escolas municipais,

tanto no espaço físico como em relação ao preparo dos professores e ao atendimento pela Secretaria de Educação do Município.

Na rede estadual de ensino, o município conta, hoje, com 4 escolas: a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio; a Escola Estadual de Ensino Fundamental Vasconcelos Brandão; a Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Cristina Antonino de Oliveira e a Escola Estadual de Santa Luzia. As outras, que existiam antes, 2 foram acampadas pelo município de Coxixola, quando de sua emancipação; as de Cantinho, Salão, Ligeiro de Cima, Ligeiro de Baixo e Salão foram extintas. Fato decorrente tanto porque a 1ª fase do ensino fundamental passou a ser de responsabilidade do município quanto pela quantidade insuficiente de alunos, para manter uma escola aberta.

Por outro lado, a rede municipal de ensino disponibiliza à população, atualmente, 10 escolas: Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (E.M.E.I.E.F.) Cônego João Marques Pereira, localizada no centro da cidade; E.M.E.I.E.F Joaquim Dias Borba, no Bairro dos Pereiros; E.M.E.I.E.F Ana de Queiroz Torreão, no Bairro do Ahú; E.M.E.I.E.F Amara Cavalcante Wanderley, no Distrito de Santa Luzia; E.M.E.I.E.F Amara Paulina, no Bairro do Odonzão; E.M.E.I.E.F Manoel Duarte da Silva, no Distrito de Sucuru; E.M.E.I.E.F Nely Maciel de Araújo, no Sítio Jericó; E.M.E.I.E.F José Romão de Jesus, no Sítio Capoeiras; E.M.E.I.E.F Manoel João de Sousa, no Ligeiro de Baixo e a Creche Pré-Escola João Paulo II, localizada no centro da cidade.

Há também funcionando um cursinho pré-vestibular para os alunos que terminam o ensino médio. Esse cursinho é mantido por professores que, recebendo uma pequena remuneração paga por pessoas da comunidade, querem dar sua contribuição. São estes, principalmente, pessoas que aqui já estudaram e hoje têm um trabalho profissional melhor remunerado, graças ao esforço e ao estudo com que se prepararam para o mundo do trabalho.

SAÚDE

Nos primeiros tempos de Serra Branca, a assistência à saúde era bastante precária. Não havia, na região, médicos nem casas hospitalares que atendessem as necessidades da população. A assistência odontológica vivia a mesma situação.

Sem assistência médico-odontológica, na região, as pessoas que tinham condições financeiras viajavam a cavalo para fazerem tratamento em Campina Grande, Caruaru ou Recife, em viagens de até 15 dias. O povo pobre valia-se de chás de ervas e plantas medicinais ou das recomendações homeopáticas do sr. Antônio Pedro, que nessa época morava em Serra Branca.

Posteriormente, o sr. Antônio Luiz de Souza instalou em Serra Branca uma farmácia, onde, além da comercialização de remédios, eram realizadas consultas médicas.

Também teve grande importância, nessa época, o sr. Abel Pereira (Abel Preto), um dos farmacêuticos mais famosos da região. Ele fazia consulta em casa, era também chamado para atender nas residências e passava os remédios para o doente.

Antes do sr. Antônio Luiz, outro farmacêutico de Serra Branca foi o sr. Horácio Lins. Ele preparava remédio, principalmente para as pessoas com febre, vermes e tuberculose.

João Lopo e Araújo (Joca Lopo) instalou uma farmácia em Serra Branca em 1956. Ele trabalhou como agente de saúde no Posto Médico e atendia doentes em sua farmácia ou nas residências, principalmente, crianças.

Vale ressaltar, no tratamento à saúde do nosso povo, um aspecto de religiosidade popular, a cura pela reza. Ainda hoje, pessoas do povo utilizam o trabalho de rezadeiras e benzedores para curarem doenças. Entre os/as rezadores/as mais famosos/as destacam-se: Inácio Luzia; Joana Barbosa de Lima, que morava no sítio Mares,

morreu aos 124 anos e diz-se que rezava para muitas coisas, inclusive para apagar fogo; Zé Vaqueiro, fundador do bairro do Pilão; Abel Ananias de Santos que, até hoje, com noventa e três anos, ainda exerce o ofício; Ernesto Antonino de Assis; Maria de Lourdes, esposa de Pedro Franco; João de Zabé.

Nessa mesma época, por iniciativa do Cônego João Marques Pereira, foi instalado em Serra Branca o primeiro posto médico estadual, localizado onde é hoje a Casa Paroquial, com o nome de Unidade Sanitária de Serra Branca e teve como primeiro médico o Dr. Francisco Feitosa e como funcionários Antônio Trajano Ribeiro, Margarida Almeida e Adelaide Vieira. O serviço do posto médico foi transferido para o Hospital e Maternidade Alice Gaudêncio, criado nos anos de 1960, sob a responsabilidade das famílias Gaudêncio e Torreão, com capacidade para 42 leitos. Esse prédio, hoje fechado, teve o empenho de vários médicos e médicas, entre eles/as: Dr. Agostinho Nunes, Dr. Paulo Luiz da Silva Lucena. Dr. Manoel, Dr. Cláudio, Dra. Salete Lucena. Dra. Salene, Dra. Luzia, Dra. Fleuriza; e como enfermeiras, Valdete Soares de Souza e Maria do Rosário.

Na década de 1980, foi instalado em Serra Branca o Hospital Geral do Cariri, de propriedade do Dr. Agostinho Nunes. De grandes proporções, o HGC é o maior hospital da região do Cariri. Em 2002, foi comprado pelo Estado, na gestão do governador Roberto Paulino e, em seguida, municipalizado. Hoje, chama-se Hospital Municipal Iaiá Maranhão.

Os tratamentos odontológicos eram realizados por cidadãos desprovidos de formação acadêmica, mas, dada a experiência adquirida, prestavam relevantes serviços à comunidade, merecendo destaque o sr. José Batista Amorim (Seu Cajarana), que era alagoano, e seu filho Edson Batista de Amorim (Arigó), que é pernambucano, e

se instalaram aqui em Serra Branca, prestando valiosos serviços à comunidade, extraíndo dentes e fazendo prótese; também o sr. Antonio Pereira (Seu Pereira) que realizava o mesmo trabalho.

Apesar do progresso, na atualidade, e de existir muitos profissionais formados em Odontologia, ainda há pessoas que não têm o curso de Odontologia e prestam esse serviço. Podemos citar: o sr. José Dentista e Gilvan Dentista. Entre os odontólogos que têm consultório instalado aqui em Serra Branca temos a Dr. Doralice Barbosa Torreão, que é filha de Arigó, e Dr. Euvan Oliveira, dentistas que prestam serviço pelo Município, nos postos de saúde, em determinados dias e em postos da zona rural.

A assistência odontológica é realizada tanto pelos postos médicos estatais e municipais quanto pelos consultórios particulares já citados.

A saúde no município de Serra Branca é tratada mais de forma curativa, embora já exista trabalho de prevenção de doenças feito pelos agentes de saúde e campanhas de vacinação realizadas em todas as áreas do Município.

No dia 23 de julho de 2001, foi criado em Serra Branca, por iniciativa da Secretaria de Ação Social e da assistente social Maria de Fátima Fialho de Sousa, o Grupo de Melhor Idade "Pioneiro do Amor". Um dos cursos realizados pelo Grupo, o de terapia ocupacional, objetiva levar o idoso a ter uma vida ativa com alegria. Também foram realizadas palestras com pessoas ligadas à Secretaria de Saúde sobre hipertensão, osteoporose, tabagismo, saúde bucal, saúde de mulher e diabetes.

Vieram enfermeiras e médicos para realizar essas palestras, ajudando o Grupo a viver com mais saúde através, também, de exercícios físicos que foram ensinados para serem feitos no dia-a-dia.

POPULAÇÃO

12:06 - 11/5/2012

Não existe um estudo científico sobre a formação do povo do Município de Serra Branca. Mas, segundo depoimentos de pessoas mais idosas, o nosso povo é formado a partir das etnias: branca, negra e índia. A etnia branca, na condição de colonizadora, é a que mais influência cultural exerce nessa região.

Segundo o recenseamento demográfico realizado no Brasil em 1996, o município de Serra Branca apresentava 13.569 habitantes, divididos da seguinte maneira:

	Homens	Mulheres	Total
Zona urbana:	3.012	3.553	6.565
Zona rural:	1.814	1.646	3.460
	4.826	5.199	10.025

Distrito de Coxixola

	Homens	Mulheres	Total
Zona urbana	237	230	467
Zona rural	353	375	728
	590	605	1.196

Distrito de Santa Luzia do Cariri

	Homens	Mulheres	Total
Zona urbana	236	277	513
Zona rural	366	352	718
	602	629	1.231

Distrito de Sucuru

	Homens	Mulheres	Total
Zona urbana	41	34	75
Zona rural	526	517	1.043
	567	551	1.118

COMUNICAÇÃO

Durante muito tempo, a comunicação em Serra Branca era feita por meio de cartas enviadas pelos Correios e Telégrafos. Se fosse uma notícia de urgência eram enviados telegramas, que se tornavam muitos caros e poucas pessoas utilizavam esse meio de comunicação. O correio ficava na residência do sr. Antônio Pedro e sua esposa D. Mariinha Ribeiro (Mariinha de Antônio Pedro) que era a funcionária responsável pelo Correio local. Essa casa fica vizinha à casa do sr. Gedeão Maracajá que pertenceu ao sr. Honorato Brandão.

Com o desenvolvimento dos meios de comunicação foi possível chegar o rádio. O primeiro rádio que surgiu na cidade foi comprado pelo sr. Honorato José Brandão em 1940. Ele trouxe no período da Semana Santa e o povo se reunia em sua casa para assistir aos programas religiosos dessa semana. Depois ele levou para sua fazenda Jatobá. Para funcionar, ele comprou um catavento a fim de fornecer energia para carregar as baterias (2 baterias). O catavento foi instalado pelo sr. Raul da Costa Leão (Raul Arão). A marca do rádio era "Piloto". O segundo rádio que funcionou em Serra Branca pertencia ao sr. José Moraes (Senhorzinho Moraes) e o terceiro foi trazido pelo sr. Joaquim de Andrade Gaião. Essas pessoas eram comerciantes, compradores de algodão, que tinham condição de viajar para as grandes cidades (Campina Grande, Recife etc).

Somente no início da década de 1960 apareceram em Serra Branca as primeiras televisões. As pessoas que compraram foram os srs. Bento Ribeiro de Assis, João Lopo e Araújo (Joca Lopo), João Aleixo de Sousa (Joca Aleixo) e Egmont de Lucena, que veio morar em Serra Branca como coletor federal.

A Coletoria ficava onde é hoje a casa de Severino Frande e Joana Mendes. O escrivão da Coletoria era sr. Luiz Guedes.

Ainda na década de 1960, Serra Branca conheceu um meio de rádio-difusão que produzia uma programação no próprio município. Foi uma experiência efêmera, desenvolvida clandestinamente por Luizinho Gonçalves, mas aquela rádio foi logo desativada por força da lei.

Outro meio de comunicação de grande utilidade foi o Posto de Serviço da Antiga Telpa de Serra Branca, que foi inaugurado no dia 10 de dezembro de 1976. No dia de sua inauguração foi celebrada uma missa em seu estabelecimento. Estavam presentes: o prefeito do Município, que à época era o sr. Juarez Maracajá Coutinho, a telefonista chefe de Campina Grande, a sra. Jaltanize, o Superintendente da TELPA, o sr. Sérgio Catão e as três funcionárias: Maria dos Milagres Borges (Pretinha), Maria Ivan Leite e Maria José Almeida (Dada). O primeiro cliente foi o sr. Manoel Gaudêncio Neto. O sistema não era ainda DDD. Para fazer uma ligação interurbana tinha que pedir ao 101, isto é, pedir a telefonista para completar. Isto era para as linhas residenciais e para o Posto. As instalações para as residências foram concluídas antes da inauguração do Posto. Funcionava no prédio: uma sala de bateria, outra de equipamentos, onde são registradas todas as ligações e ainda outra sala onde funcionava o DG, setor responsável por designar os números para serem instalados. Nesse período, não havia instalador residente na cidade; o mesmo tinha de vir de Campina Grande ou de Monteiro e havia apenas 50 proprietários de aparelhos telefônicos. Outra funcionária da telefônica foi a srta. Inês Almeida Alves que trabalhou seis meses pelo Município, iniciando em 1979, depois ficou 20 anos como funcionária da TELPA, por onde se aposentou.

Com o passar do tempo o sistema foi se modificando e se aperfeiçoando até chegar ao que existe hoje.

Nos anos de 1980, a TELPA-TELECOMUNICAÇÕES da Paraíba instalou-se em Serra Branca.

Com a venda da Empresa Estatal TELPA-TELECOMUNICAÇÕES, às empresas privadas como a TELEMAR, houve um grande número de aparelhos telefônicos instalados nas residências e casas comerciais. Orelhões foram instalados em diversos pontos das ruas do centro e dos bairros, facilitando assim a comunicação no Município, no Estado, em nível nacional e internacional.

Em 1982 foi criado, em Serra Branca, um jornal "Notícias do Cariri" com artigos escritos por diversas pessoas da comunidade, contando com um bom número de patrocinadores, o qual teve a duração de cerca de dois anos. Funcionou também entre 1988 e 1991 um jornalzinho, "Te Toca", da Associação Universitária de Serra Branca (ASUSB).

No campo da comunicação, a grande novidade do município de Serra Branca foi a fundação da Rádio Serra Branca FM, 103.3, no dia 11 de janeiro de 1992, emissora que surgia com o apoio técnico e administrativo da Rádio Campina Grande FM, empresa já consolidada, que deu todo o suporte necessário para que a Serra Branca FM viesse a se tornar, em um curto espaço de tempo, uma das maiores emissoras da região do Cariri Paraibano.

A Rádio nasceu de um sonho de seu fundador, Hilton Carneiro Motta, que era levar ao povo de todo o Cariri paraibano o conhecimento, a alegria, a informação e o entretenimento, proporcionados por uma empresa séria e com a cara do nosso povo. Conta com uma equipe de profissionais qualificados. Com o passar dos anos a emissora tornou-se parte viva da cidade, incorporando-se aos costumes e tradições da população.

Instalada na Praça Cônego João Marques Pereira, s/n, a Rádio Serra Branca possui prédio próprio, espaçoso, onde se localizam direção, sala de redação, estúdio de gravação e outros compartimentos necessários para o bom funcionamento da empresa.

Com o advento da tecnologia, a Rádio não parou no tempo, atualmente dispõe dos mais modernos programas de computação especializados em áudio, que possibilitam a melhor qualidade possível para a programação que é levada ao ar. A programação oferecida aos ouvintes demonstra uma eterna busca pelo aperfeiçoamento, diariamente, transmitindo alegria, energia e informação, na medida certa, sem apelação, com muito alto astral, músicas agradáveis e um departamento jornalístico que busca sempre ouvir a população, colocando-a em primeiro lugar.

Prestes a comemorar 15 anos de fundação, a Rádio Serra Branca FM espera que a sintonia entre ela e o povo do Cariri continue firme e bonita, com toda essa identificação que orgulha a todos, como também um relevante serviço de evangelização na transmissão de programas religiosos.

A Rádio Independente FM 107.7 foi fundada em 28 de janeiro de 1997 por Juarez Maracajá Coutinho. No seu antigo lugar, não tinha muita audiência. Agora, com a mudança para outra sede, melhorou bastante. Tem novas programações, novos locutores e muita audiência, devido a enorme criatividade dos programas e a simpatia dos locutores e as pessoas que fazem parte da Ind, como é chamada carinhosamente a Rádio.

A Rádio foi vendida por Juarez Maracajá e hoje tem como dona Maria Nilde Gonçalves, a esposa do prefeito de Gurjão, José Carlos Vidal. As mudanças dessa rádio foram grandes: seu símbolo que antes era um cacto com um fone no ouvido, agora é um I sobre um alvo. Mudaram alguns programas, antes denominados: Show da Manhã, Brega Hitts, Conexão 107.7, Tarde 107.7 e Love Nigth. Hoje são: Eu, você e a viola e Forronejo com J. Estrela, para o pessoal que mora em sítios; Show da Manhã, com músicas para relaxar, românticas e com informações do

tipo: horóscopo do dia, resumo das novelas; o Ind Folia com Roberto Jr; Jornal da Ind, com foco em informações, com Sondoval Vieira; Brega Hitts com Carlos Alberto; Conexão Ind, com Gerana Silva, apresenta um pouco de romantismo e descontração; Forró da Ind, com destaque para forró de sucesso, e As 10+ da Ind, que toca as músicas escolhidas pelos ouvintes durante o programa, sob a responsabilidade de Carlos Alberto; e Kara Metade, programa voltado para quem está apaixonado, toca músicas românticas, mensagens e tradução de músicas; Informativo Ind, sempre com novidades. A programação tem início às 5:00 e termina às 23:00 horas.

Aos funcionários antigos: J. Estrela (locutor), Nívea (antes operadora e agora recepcionista), Marília (secretária), Carlos Alberto (locutor), Maria Mateus, Arimatéia somam-se os novos: Roberto Júnior (locutor e diretor), Gerana (locutora), Sandoval (locutor, operador, jornalista e produtor do Jornal da Ind), Felipe (manutenção de computadores).

Essa nova programação foi implantada no dia 22 de novembro de 2004, tendo como resultado uma ótima audiência, visitas constantes de ouvintes, muitos elogios, ótimo relacionamento entre funcionários, satisfação do dono e diretor.

Não parece uma rádio do interior, pois o estilo dos locutores e da programação supera algumas cidades grandes, tem variedades em tudo. Roberto Jr. sempre teve o sonho de trabalhar em rádio e engajou-se em Serra Branca, ou melhor, Serra Branca lhe proporcionou a realização do seu sonho. Diz ele, "Saí de outra que era de Serra Branca mesmo, para vir para Ind que obteve seu nome depois de uma mudança, por haver maior possibilidade de uma realização pessoal e profissional. Porque adoro desafios, também adoro, amo, estar na 'boa'". Resumindo: veio para a Ind porque quem está na

Ind, está na boa. (slogan da rádio, que está na boca de todos os serrabranquenses).

Segundo os diretores, os resultados são os desejados, mas pretendem melhorar cada vez mais.

TRANSPORTES

Antigamente, em Serra Branca, tanto na zona urbana como rural, os transportes existentes eram os animais: jumento, cavalo, burro. As pessoas que vinham do sítio fazer a feira usavam esses animais como transporte: dependendo das suas condições financeiras, possuíam jumento, cavalo e burro.

Os alunos que moravam em sítios e estudavam em Serra Branca ou os alunos que moravam em sítios distantes daquele em que havia uma escola vinham em jumentos. Por exemplo: havia uma escola pública no Ligeiro; os alunos dos sítios Tatu, Poção, Lagoa de Cima iam estudar no Ligeiro e a viagem era feita em jumentos. Quando adoecia gravemente uma pessoa e a família tinha condições, esta era levada para Campina Grande e até mesmo para Recife a cavalo. Outro meio de transporte foi o carro de boi com as rodas de madeira (carro puxado por dois bois).

A primeira pessoa que possuiu carro de boi com roda de ferro foi o sr. Antero da Cunha Torreão. Vinha de sua fazenda para Serra Branca cinco a seis carros de boi carregados com lenha para as caldeiras, onde era descarregado o algodão, para também vender nas padarias e residências, a fim de ser usado no fogão de lenha.

A primeira carroça de boi com as rodas de pneu foi feita pelo sr. Raul da Costa Leão (Raul Arão). Sua oficina ficava à rua José Morais, perto da casa do sr. Bartolomeu Maracajá (Memé).

Depois surgiu a bicicleta, usada, principalmente, por jovens do sexo masculino que vinham para a escola.

Em 1933, o então Distrito de Serra Branca contava com o seu primeiro veículo: um caminhão, de propriedade do sr. Waldemar Torreão Maciel, que trabalhava em regime de frete, carregando mercadorias de Serra Branca para Campina Grande e vice-versa.

Posteriormente, outros cidadãos de Serra Branca

compraram caminhões, que faziam as feiras nos municípios vizinhos. Podemos citar: Joaquim de Andrade Gaião, cujo motorista era Paizinho Carolino (jogador de futebol, atuava como goleiro num campo que havia onde hoje mora Dedé de Doutor. Outros jogadores dessa época foram: Benoni Ferreira, Raul da Costa Leão (Raul Arão). Outros donos de caminhão: Wamberto Torreão, que tinha como motorista Manoel Gaudêncio Neto; Vicente Moreira, Antonio Bezerra, Francisco Moreira, Artur Correia Lima (Seu Paizinho), entre outros.

O primeiro automóvel (carro de passeio) pertenceu ao sr. Clementino Pacheco. Depois de sua morte, a esposa casou-se com o sr. Gonçalo Tejo e o carro ficou pertencendo a ele. Outras pessoas que possuíram carro nessa época: Luiz Araújo Agostinho, Antero da Cunha Torreão, cujo carro era da marca Sedam, e Pedro Antonino no sítio Ligeiro, que possuía um Ford 29.

O sr. Hermínio Soares foi o pioneiro na instalação de uma linha de ônibus que atendia aos serrabranquenses, na década de 1940. O ônibus (à época chamado "sopa") fazia a linha Sertania/Campina Grande. Posteriormente, a empresa foi vendida ao sr. Raul Farias, que passou a circular, regularmente, com uma linha de ônibus, ligando a região do Cariri a Campina Grande.

Antes da iniciativa desses dois senhores, o povo da cidade viajava em caminhões ou no lombo de animais.

As pessoas que iam trabalhar em São Paulo ou no Rio de Janeiro, na década de 1940 e início da década de 1950, tinham como único meio de transporte o caminhão "pau de arara" e viajavam de seis a oito dias para chegar ao destino.

A partir de 1955, começou a aparecer ônibus. Depois, a empresa Itapemirim colocou ônibus vindo de Campina Grande, passando aqui por Serra Branca.

Muitos dos homens que iam trabalhar, no sul do

país, levavam suas famílias consigo, por não terem condições de ficar morando aqui. Por isso grande é o número de famílias do Município de Serra Branca que mudaram sua residência, principalmente, para o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, diminuindo assim a população do município.

Atualmente, as pessoas de Serra Branca continuam viajando para o Rio de Janeiro e São Paulo em ônibus das empresas Itapemirim e da Penha, mas também já viajam muito de avião, saindo de Campina Grande, João Pessoa e Recife.

CULTURA E TRADIÇÃO

Serra Branca já não apresenta os mesmos traços culturais de outrora. Em tempos passados, ainda não remotos, eram impressionantes os carnavais e as vaquejadas realizadas no município.

Segundo Dimas Venâncio, em entrevista à autora, o carnaval, por volta de 1941, em Serra Branca era muito animado. Havia o bloco dos "Pretos" cujo título era "Não se incomode" que saía na rua à tarde, tendo como principais componentes: Seu Bonifácio dos Santos, Alfredo de Félix Venâncio, Evangelina Venâncio de Freitas (Tico), Brazilina Venâncio de Freitas (Preta), Dimas Venâncio de Freitas que era o porta-bandeira. Os bailes eram realizados onde hoje é o Hotel São João, com a saída para trás.

Uma das principais músicas da época foi de autoria de Dona Emília de Seu Aduauto Aprígio, cujo título era o nome do bloco "Não se incomode" e dizia assim:

Só brinca carnaval quem pode
Não se incomode, não se incomode
Nós somos bastantes fortes
Não se incomode, não se incomode ...
Nós somos da pagodeira, da lista ideal
Nós somos bastante fortes
Vamos brincar o carnaval.

Os "Pretos" sempre tiravam o 1º lugar.

O bloco dos "Branços" tinha como organizador o sr. José Mota (Mota), era chamado "Toureiro" e dançavam no salão junto à casa do sr. Francisco Moreira.

Na década de 1960, ainda foram realizados muitos carnavais com blocos bem organizados. Primeiro, tendo à frente o sr. Manoel Medeiros e Maria do Socorro Bezerra e depois com Edite Antonino, Maria do Carmo Nunes, Wamberto Torreão Filho. Nessa época os bailes de carnaval eram realizados na Sociedade Recreativa de Serra Branca (Clube do Flamengo).

Faz parte também da nossa cultura a instalação da Banda de Música. Mesmo quando Serra Branca ainda era distrito de São João do Cariri, foi criada aqui, pelo sr. Joaquim Gaudêncio de Queiroz, uma Banda de Música que tinha como maestro o sr. João Modesto de Araújo (João Estrela). Foram maestros da Banda de Música de Serra Branca:

- 1º) João Modesto de Araújo (João Estrela)
- 2º) Otávio Leal
- 3º) Apolônio Torreão
- 4º) Severino Vilô e Araújo
- 5º) Napoleão Ferreira Leão
- 6º) Severino Vilô de Araújo
- 7º) Artur Aprígio (Mestre Artur)
- 8º) Severino Vilô de Araújo
- 9º) Josedec Cordeiro
- 10º) Tenente João Ferreira
- 11º) Severino Vilô de Araújo
- 12º) João Lopo e Araújo (Joca Lopo).

João Lopo e Araújo (Joca Lopo) é o atual, que, com muita dedicação e esforço, construiu uma Sede para a Banda de Música Nossa Senhora da Conceição e ensinou muitos adolescentes a tocar os mais diversos instrumentos.

Este último maestro já recebeu doação de 18 instrumentos, através do Ministério da Cultura e do prefeito Eduardo Torreão. Seu trabalho voluntário junto à Banda já preparou diversos jovens que se engajaram em bandas de música como os Dragões da Independência, em Brasília e outras cidades. O maestro Joca Lopo é filho do primeiro maestro João Modesto de Araújo (João Estrela).

O prefeito Francisco Moreira de Albuquerque, em seu mandato, deu grande apoio à Banda de Música, a qual tinha como maestro o sr. Artur Aprígio, tornado-se maior e melhor nesse período.

Além da Banda de Música, o primeiro grupo musical a ter destaque, em Serra Branca, na década de 80, foi a Banda "Nova Geração" do saudoso músico José Lopes, mais conhecido como Zezé Sanfoneiro.

Destacou-se, também nessa época, a Banda DERIV'S do compositor Gilmar Gonçalves; ele tomou conta de um dos melhores corais na Igreja Católica de Serra Branca. Também fez bastante sucesso, em Serra Branca, o grupo musical "Perfume de Gardênia" composto por Batô, Ednaldo Aleixo, Toinho Cantalice e tendo como vocalista o maior seresteiro da região do Cariri, Jonas.

Ao término dessas bandas, veio a "Sensação Musical", de Paulo da Eletrônica, que chegou a gravar dois CD's.

Pouco depois, chegava do Sul do País, Ronaldo, que voltou com o intuito de formar mais uma banda, em Serra Branca, surgindo assim a "Signus" que tem dois CD's gravados.

Em 1998, nascia em Serra Branca a Banda "Perfil" trazendo consigo componentes das bandas que a ela antecederam, como também músicos de outras cidades. Com três CD's gravados, tem como proprietário o comerciante Edimilson Cantalice que fez, na cidade, uma das maiores estruturas de som.

Temos também a Banda "Vitrine", de propriedade de Bebeto de Belizário, que usa como instrumento musical apenas teclados, fato bem comum nos dias de hoje, e já gravou um CD.

Não podemos deixar de falar no forró que é um gênero musical extremamente nordestino. Sempre existiram em Serra Branca pessoas que exaltaram o que tem de mais verdadeiro no forró, o forró autêntico. Músicos como Dedé de Bastos, Valdeir Carvalho (Andorinha) e grupos como "Raízes do Forró" de Josias do Farias e João de Neco, o "Grupo dos Lopes do Forró" e Walkin do

Acordeon e outros defendem o que há de melhor no forró **mais** original (pé-de-serra).

Em alguns países desenvolvidos, música é uma disciplina escolar e isso é muito importante, pois desperta nas pessoas o dom dessa bonita arte que pode estar adormecida. "Música é a arte dos sonhos".

Outra forte tradição do nosso Município era o futebol, sempre desenvolvido na zona urbana e rural, mas, principalmente, pela Sociedade Recreativa de Serra Branca – o Flamengo, e pelo Clube do Vasco da Gama.

Segundo informações a nós concedidas, através de entrevista com o sr. Luiz Gonzaga de Holanda, a fundação do Flamengo se deu da seguinte forma:

inicialmente, existia o Vasco da Gama, fundado por Padre João Marques Pereira e a origem do Flamengo deu-se, porque Joca Lopo era goleiro do Vasco, mas se desentendeu com Padre Marques e decidiu fundar o Flamengo. Convidou Dr. Otacílio Cordeiro, que era juiz de Direito da comarca de Serra Branca, por sinal muito católico. Por influência do Padre Marques, Dr. Otacílio não aceitou. Nessa época Joca Lopo havia se desentendido com o Dr. Inácio Antonino, mas Luiz Gonzaga de Holanda, que era secretário da prefeitura de São João do Cariri e amigo de Joca Lopo, falou com Dr. Inácio Antonino que aceitou fazer as pazes e marcou uma reunião na casa do sr. Francisco Moreira.

Dessa reunião participaram: Francisco Moreira, Joca Lopo, Luiz Gonzaga e Dr. Inácio Antonino. Outra reunião realizou-se no Salão do Antigo Cinema de Serra Branca pertencente hoje a Carlos de Nassu, onde em 1962 foi fundado o Flamengo de Serra Branca, tendo como presidente o Dr. Inácio Antonino e secretário o sr. Luiz Gonzaga de Holanda.

Os jogadores do Vasco da Gama, no período de Padre Marques foram: José Rolinha, Paulo de Duvige (Paulo

Careca), Som de Janunço, Tibiriçá de Zé da Bulanda, Inácio de João Gonçalves, Miro de Zé Vaqueiro, Luiz Miguel Santos, Everaldo Cantalice, Zéu de Tico, Porrinha de Cazuza Felizardo, João de Joaquim Cândido e Mário Bezerra.

O Vasco e Flamengo jogaram poucas vezes entre si, devido ao desentendimento entre seus diretores. Normalmente jogavam contra times de fora, principalmente de Campina Grande, e, quase sempre, ganhavam, tanto por ter um bom time, quanto por receber, quando preciso, uma "ajudazinha" dos juizes que, no caso do Vasco, era o próprio dono do time, o Sr. Leidson da Silva, que, segundo o "folclore" do futebol da cidade, teria respondido a um dirigente de um time que reclamava de sua arbitragem, "Vocês vêm para aqui, comem, bebem, namoram e ainda querem ganhar o jogo, não é possível". Os jogos do Flamengo eram apitados, primeiro, por Jonas Tavares e depois por Wamberto de Dozé. Esses dois times praticamente se extinguíram no final dos anos de 1970. O Vasco, por divergências políticas, envolvendo grupos políticos locais e o Flamengo porque o Vasco deixou de existir. Houve tentativas de reconstrução de ambos, mas sem mais o mesmo brilho dos anos sessenta e setenta.

Nos anos oitenta, houve uma nova tentativa de reconstrução do futebol de Serra Branca, baseada nessa rivalidade positiva, com a formação de dois novos times, o Camaleão e o Boca Livre, obtiveram relativo sucesso, mas por um tempo breve.

O cinema foi fundado pelos srs. Antonio Bezerra de Souza e José Torreão Mota. Houve um desentendimento entre os dois e o cinema foi fechado.

Naquele salão funcionou Teatro, Prefeitura e o Clube do Flamengo, depois chamada de Sociedade Recreativa de Serra Branca.

Também fazem parte da nossa cultura a festa da

Padroeira Nossa Senhora da Conceição e as festas juninas, principalmente os festejos de São João.

Outra festa popular que já se firmou no calendário cultural do Município é a festa de São Vicente de Paulo realizada pela Associação dos Vicentinos, a fim de angariar recursos para manter a Associação que cuida de pessoas idosas desamparadas.

A festa consta de pavilhão, com candidatas do Vasco e do Flamengo, com leilão de animais, que são doados pelos criadores do Município para ajudar na manutenção do Abrigo São Vicente de Paulo. Este possui quartos para as pessoas que lá vivem, uma Igrejinha e um Salão Cultural onde se realizam eventos promovidos pela Associação e outros eventos sociais da comunidade. Atualmente funciona também a APAE.

Realizou-se também por diversos anos a Semana Universitária, promovida pela Associação Universitária de Serra Branca (ASUSB).

Nos últimos anos vêm sendo realizadas festas dos padroeiros e padroeiras. Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Pilão, e São Francisco de Assis, no bairro do Ahú, com a finalidade de angariar recursos para a manutenção das capelas daquelas localidades.

Entre os anos 1940 e 1950, Seu Inácio Luzia, que sabia dançar coco, procurou organizar várias festinhas enaltecendo a dança de coco. Seu filho Benoni, com o seu dom criativo, improvisava os versos envolvendo todas as pessoas presentes. Ele participou cantando o coco em várias festas de casamento, inclusive no dele.

As cantigas de coco mais conhecidas da época eram "Rodeiro Novo" que começa assim:

Rodeiro novo quero ver rodar
Quero ver dama ligeira
Quero ver balancear.

E outros como "Na Barra Maria" e "Olé, lê, ô cauã o galo canta é de manhã".

O galo canta é de manhã
E é em cima do poleiro
Chama a galinha primeiro
Para os pitinhos arrodar
Olé, lê, ô cauã o galo canta é de manhã.

Com a criação do Grupo da Melhor Idade "Pioneiro do Amor", procurou-se resgatar essa dança em datas como as festas juninas, "Dia do Folclore" e outras datas comemorativas da nossa cidade. Geruza Mamede de Lima, filha de Seu Inácio Luzia, que faz parte do Grupo da Melhor Idade fez esses versos e cantou com o Grupo:

Nesta festa do Folclore
Viemos se apresentar
Com o coco afinado
Que é o melhor do lugar

Cante coco e firme a dança
Faça com sabedoria
Chame toda juventude
Pra aumentar nossa alegria

Gente nova quer mais charme
Gente idosa assim não pensa
Viemos satisfazer
E transmitir experiência

Nosso grupo é bem unido
E tem amor no coração
Venham logo aplaudir
Pra nos dá satisfação
No folclore o coco brilha
Sempre traz recordação
Venham todos pra esta dança
Fazer grande animação

Até breve minha gente
Esperamos vossas palmas
Se vocês assim fizerem
Enriquecem nossas almas.

Procurou-se também resgatar a dança da Ciranda no Grupo da Melhor Idade, cantando e dançando de várias formas, entre outras, a "Rosa Vermelha", alegrando e trazendo as melhores recordações.

Oh! Rosa vermelha, oh meu bem querer
Oh! Rosa vermelha e branca
Eu hei de amar-te até morrer.

Resgatando a dança da Ciranda, que era cantada e dançada por famílias dos sítios Barbosa e Ligeiro de Baixo, foram registrados versos por pessoas que cantavam e dançavam nessa época.

De Francisca de Jesus Leite (Chica Thui);
Música de Pastoril
Folia de Roda

Oh! Ciranda, cirandinha
Vamos todos cirandar
Vamos dar a meia volta
Volta e meia vamos dar. (bis)

Depois da volta dada os cavaleiros trocam os pares.

Sacudi papel pra cima
De cima virou suzena
Morro na ponta da faca
Mas só amo a cor morena.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Jurubeba me fez queixa
Que a rama dela murchou.
Eu fiz queixa a jurubeba
Que meu amor acabou.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

O fogo quando se apaga
Na cinza deixa o calor,
O amor quando se apaga
No coração deixa a dor.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Minha mãe quando me dava,
Me dava com a rodia.
Eu chorava de manhosa
Que a lapada não doía.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Minha mãe me chamou feia,
De bonita que ela é.
Ela é o pé da rosa
E eu sou a rosa do pé .

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Minha mãe me chamou feia,
Me chamou malamanhada.
Como foi a minha mãe,
Eu me calei não disse nada.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

De Maria de Geralda e Rita Feitosa:

Oh! Ciranda cirandinha,
Vamos todos cirandar,
Vamos dar a meia volta,
Volta meia vamos dar. (bis)

E depois da volta dada os cavaleiros trocam os pares.

Cravo branco é dos solteiros,
Encarnado é dos casados,
Mangericão dos viúvos,
Angélica dos namorados.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

O meu bem é gente baixo,
Meu amor era baixinho,
Gente baixo tem beleza,
Gente baixo tem carinho.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Da tua casa pra minha
Corre água sem chover.
Se eu visse meu amor hoje,
Eu engordava sem comer.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Cravo branco na janela
É sinal de casamento.
Menina guarda teu cravo
Pra casar não falta tempo.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

A lua girou, girou,
No meio fez um compasso.
Eu conheço meu benzinho
Pelo salto do sapato.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Quem tiver raiva de mim,
Que não puder se vingar,
Bote uma corda no pescoço
E vá pra o mato se enforcar.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Não me caso com viúvo
Nem que a corda dê um nó,
Que viúvo tem um dizer
Que a finada era melhor.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Meu benzinho passou por mim,
Nem o chapéu tirou.
Ai meu Deus o que será,
Que contaram ao meu amor.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

Sai-te daqui pata choca,
Vai te lavar na maré,
Outra melhor do que tu,
Eu já dei de ponta pé.

Oh! Ciranda, cirandinha ... (bis)

A ciranda diz que tem
Duas filhas pra casar,
Uma tem a perna torta
E a outra não pode andar.

De Maria de Geraldo:

Vai vai oh! Maria!
Vai vai oh! Leonor!
Vai e recebe lembrança,
Quem mandou foi teu amor.

Já te disse que não quero,
Já te dei o desengano,
Não me importa que tu morras,
No sereno cochilando.

Vai vai oh! Maria !

Eu era quem te dizia,
Tu era quem duvidava,
Que no fim do nosso amor,
Tu era quem me deixava.

Vai vai oh! Maria!

O anel que tu me deste
Era de vidro e se quebrou.
O amor que eu te tinha
Era pouco e se acabou.

Vai vai oh! Maria !

A lua de tanto andar,
Já tem seu caminho no céu .
Eu conheço o meu benzinho
Pela capa do chapéu .

Vai vai oh! Maria !

Da tua casa pra minha
Tem um riacho no meio,
Tu de lá dá um suspiro

E eu de cá suspiro e meio.

Vai vai oh! Maria!

A lua quando nasce,
Por detrás de um leque leque ,
Filho de branco é menino
E filho de negro e moleque.

Vai vai oh! Maria !

Açucena quando abre,
Toma conta do jardim.
Tomara que meu benzinho
Já tome conta de mim.

Vai vai oh! Maria!

Vai vai oh! Maria!

A lua quando nasce ,
Por detrás da nuvem escura,
Sustenta a sua palavra
Que a minha está segura.

De Luzia de Geraldo:

No tempo que eu te amava,
Rompi matas escuras. (bis)
Hoje pago com dinheiro
Pra não ver tua figura.

Oh! Ciranda cirandinha,
Vamos todos cirandar. (bis)
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar.

Depois da volta dada os cavaleiros trocam os pares.

Já fui cravo, já fui rosa,
Já fui do teu coração ,(bis)
Hoje sou vassourinha
Com que tu varres o chão .

Oh! Ciranda, cirandinha...

O anel que tu me deste
Era de vidro e se quebrou.
O amor que tu me tinhas
Era pouco e se acabou.

Oh! Ciranda, cirandinha...

Lá vem a lua saindo,
Redonda com um tostão,
Nem é lua nem é nada,
É os olhos de João.

Oh! Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar, (bis)
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar.

De Maria Dina casada com Benome Ferreira de Lima:

Ô meninas me ajudem,
Não me deixem cantar só.
Eu sozinha canto bem,
E com vocês canto melhor.

Refrão

Rodeiro novo quero ver rodar,
Quero ver dama ligeira,
Quero ver balancear .

Meninas se queres vamos,
Não te ponhas a imaginar.
Quem imagina cria medo
E quem tem medo não vai lá.

Meu anel de sete pedras,
No buraco de parede.
Os rapazes quando vêem moças,
Bebem água sem ter sede.

Refrão

Rodeiro novo quero ver rodar...

Daqui para o ligeiro,
Corre água sem chover.
No dia que eu não ter vejo ,
Nem água posso beber.

De Geruza Mamede de Lima:

Ciranda do Anel

Achei tão bonita,
Meu amor dançar
Ciranda maneira.
Vem cá ó cirandeira,
Vem pra balançar. (bis)

Refrão

Esta ciranda,
Quem me deu foi Lia,
Que mora na ilha
De Itamaracá. (bis)

Refrão

Rodeiro novo quero ver rodar...

Geruza está tão triste,
Parece que já chorou.
Geruza te consolas
Que Antônio é teu amor.

Refrão

Rodeiro novo quero ver rodar...

Eu plantei um pé de cravo
Somente pra dar trabalho.
Estelita e seu Tagi
São duas rosas no galho.

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

Ó meu Deus onde está Geruza
Que não ouço ela falar.
Geruza está no jardim
Procurando rosedá.

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

No dia em que eu fui casar,
Dei com as mãos e olhei pra trás.
Adeus vida de solteira,
Já logrei e não logro mais.

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

Vou embora desta terra,
Como já disse que vou.
Eu aqui não sou querida
E na minha terra eu sou.

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

Minha mãe não quer que eu case
Nem converse com rapaz.
Eu vou perguntar pra ela
Porque namorou papai.

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

Eu perdi, perdi, perdi,
Eu perdi pra não achar.
Eu perdi meu anelão
No balance do mar.

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

Quatro com cinco são novembro,
Com meu coração são dez.
Eu não quero amor de meia
Que meia só para os pés .

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

De minha casa pra tua,
Corre um riacho no meio.
Tu de lá dás um suspiro,
Eu de cá suspiro e meio.

Refrão:

Rodeiro novo quero ver rodar...

Nunca vi carrapateira
Botar cacho atravessado
Nunca vi moça solteira

Namorar rapaz casado.

Refrão:
Rodeiro novo quero ver rodar...

Se eu soubesse que tu vinhas,
Nesta tarde de trovão,
Eu tinha varrido a casa
Com uma rosa palmeirão.

Refrão:
Rodeiro novo quero ver rodar...

Meu anel caiu a pedra
E procurei mais de uma hora.
Choro de noite e de dia
Quando meu bem vai embora.

Ô cirandeira,
Cirandeira ô,
A pedra do teu anel
Brilha mais do que o sol.

Refrão:
Esta ciranda...

Mandei fazer
Uma casa de farinha
Tão maneirinha
Que o vento possa levar.
Ô leva sol, leva chuva,
Ô leva vento,
Só não leva o pensamento da ciranda rodar.

Refrão:
Esta ciranda...

Ainda com relação à cultura, bem mais recente, merece destaque o 1º Fest Pífano do semi-árido do Cariri paraibano, que foi realizado no dia 05 de julho do ano de 2008 em Serra Branca, na feira, a partir das 10:00 horas e na sede da Associação mantida por Amigos Responsáveis por Educação Cultural e Empreendimentos (AMPARE), com as seguintes atrações:

- Participação especial: Zabé da Loca de Monteiro – PB
- Apresentação de bandas de Pífanos
- Oficinas de Pífanos
- Seminário sobre a cultura das bandas de pífanos no folclore nordestino
- Exposição fotográfica.

Esse trabalho é integrado por municípios do Cariri Paraibano através dos projetos: Programa BNC de Cultura, Projeto Mandala Cultural do Cariri – Instituto Votorantim, SEBRAE - , Pacto Novo Cariri, Associação dos Municípios do Cariri Paraibano (AMCAP), Grupo Kiriry (Cariri Paraibano), tendo como núcleos os municípios de Serra Branca (você é quem faz), Taperoá e Boqueirão.

Com o intuito de resgatar a cultura dos nossos antepassados, o importante evento teve a participação das seguintes bandas:

- A banda de Pífano Santa Luzia de Arco Verde – PE
- A banda de Pífano Santo Antônio de Jataúba – PE
- A banda de Pífano da Mata de Sertânia – PE
- A bandinha do Alto de São Vicente de Monteiro – PB
- A banda de Pífano Zabé da Loca de Monteiro – PB

Fui conversar com Douglas Soares Feitosa de Monteiro e ele me informou que uma banda de Pífanos sempre é formada com os seguintes instrumentos:
- 1º Pífano

- 2º Pífano
- Caixa
- Zabumba
- 1 conjunto de pratos.
- Algumas bandas tem um surdinho a mais.

O Pífano é de origem indígena com uma mistura dos colonizadores e negros.

Segundo Josivane, que cuida de Zabé da Loca, morando com a família em sua casa, ela começou a tocar pífano com 7 anos de idade com o irmão Aristides. É viúva, teve três filhos, mas só um está vivo.

Ficou viúva após 10 anos do seu casamento; morava numa casa de taipa. A mesma caiu, por isso ela foi morar na loca (uma gruta) com os dois filhos, onde permaneceu por mais de 25 anos. Por isso ela tem o apelido de Zabé da Loca. Hoje, com 84 anos, vive viajando. Está gravando o 3º CD que ela chama de "Bom Todo" e atualmente mora no assentamento próximo à Loca.

Esses eventos que estão começando a serem realizados têm a participação total da Drª Doralice Barbosa Torreão, que é a grande odontóloga do Cariri, mas além de sua profissão ela se empenha com pessoas destes municípios para que a cultura, que é a alma de um povo, não pereça. Que outras pessoas desses municípios e as autoridades governamentais possam dar total apoio e participação para que a cultura do Cariri permaneça viva e ativa, surgindo novos saberes e viveres para o engrandecimento da Cultura Caririzeira.

APÊNDICES

APÊNDICE A: PROFISSÕES

Na construção da história de Serra Branca, todos os seus habitantes estiveram envolvidos e deram sua contribuição, com suas habilidades e ocupações profissionais diversas.

Sem a pretensão de apresentar uma listagem completa e definitiva desses profissionais, destaco a seguir algumas profissões e seus profissionais mais conhecidos, de outrora e de hoje.

Pedreiros: Luiz Gomes Souza (mestre Luiz), que começou a construção da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Serra Branca no dia 20 de setembro de 1908. Os construtores da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes da nossa cidade foram: Severino Jordão, Severino Cristina, Ramiro Cazumbá, Alísio Ferreira da Cruz e Angelino da Costa Pinto. Outros pedreiros: Antônio Jordão, Geraldo Jordão, José Cazumbá, Sebastião Izaias, Zezé Gancho, Inácio Antonino, Pedão de Preta, João Bazulino, Chico Pedreiro, José de Luiz Gancho, José de Inácia Gancho, José Luiz, Chico Agostinho, Severino Pilar, Antonino Honorato, João Patrício, Antônio Trajano, Evandro, Genival, Belo, Joca e Duca, filhos de Antônio de Lina, José Caetânio, Manoel Vieira, Zé de Bio Batista, Tagi Nunes de Sousa, João Firmino (João Cano Quente), Pedro Miguel, Ernane Saraiva, Sebastião Bezerra (Tião), Zumba Saraiva, Nezinho Saraiva, Felizardo Filho, Dezinho Cavalcante Brito, Antônio Gonsalves, Heleno Gonsalves, Valdemiro Brito que hoje é comerciante, Elisbão Gomes de Santana, Zé Ledegaro (Zé).

Todos construíram residências, armazéns, escolas, e, na década de 60, foram muito importantes, principalmente na construção de prédios públicos como o colégio Wamberto Torreão, hoje Colégio Estadual de Ensino

Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio; o Banco do Estado da Paraíba que não funciona mais em Serra Branca; o Hospital e Maternidade Alice Gaudêncio, que hoje se encontra fechado; o Hospital Geral do Cariri, que foi patrimônio de Doutor Agostinho Nunes, depois foi vendido e municipalizado em 2002 e passou a ter o nome de Hospital Geral de Serra Branca. Construíram também e clínica de Doutor Agostinho Nunes e os postos de Saúde (Programa de Saúde da Família): PSF I - Unidade Básica de Saúde de Serra Branca, com uma âncora no Ligeiro e Odonzão; PSF II - Abel Pereira, com âncora no Pilão e Cantinho do São João Batista; PSF III - Unidade Básica de Saúde de Santa Luzia do Cariri, com âncora em Sucuru; PSF IV - Júlia de Lima Oliveira na Região das Serras, com âncora no Farias, Serrinha e no Salão e PSF V - Dr. Djalma Oliveira com âncora no Ahú.

Em Serra Branca, atualmente, existem: a Rede de Farmácia Ideal do Senhor Amaro Albino de Barros e família (quatro farmácias), o Posto de Vacinação do Srº Pedro Franco e a "Agroserrana" do veterinário Elias Carvalho e da proprietária Verônica Ribeiro Antonino, onde além dos remédios para animais também são vendidos utensílios para o campo.

A existência desses prédios públicos construídos por pessoas de Serra Branca, dos sítios ou que vieram morar aqui, foram importantes para o desenvolvimento do nosso município nos setores de educação, saúde e finanças.

Outra profissão muito importante é a de **sapateiro**. Podemos citar como os mais antigos: Inácio Luzia, pai de Geruza Mamede de Lima, que trabalhava por conta própria. Severino Pedro tinha uma sapataria no Sítio Ligeiro, porque casou-se com Quitéria filha de Izidro Antonino. Depois veio morar em Serra Branca, onde instalou sua sapataria e muitos sapateiros e aprendizes

passaram a trabalhar com ele, entre os quais: Benone que, além de sapateiro, era caçador, pescador, dançarino, improvisador de côco de roda e com seu irmão Zé Preto, que também era sapateiro, faziam bola de futebol.

Outros sapateiros que trabalharam na sapataria de Severino Pedro: Chico Perua e Valdemiro, irmão de Margarida de Leidson; Pimentel, Zeca Braz, Deca Alcântara, Inacinho Galego, Nelson de Antero, Adalberto Mendes, Mário Gabriel, Antônio Gabriel, Severino Azul, Aduino Gancho, Zuzinha, Inácio Filizardo, que fazia alparcata e vendia num banco na feira; Aduino de Abdias Celerino, Cazuzza Felizardo, Severino Antonino (Bicudo), Zuzu, Adriano, Deca de Zé Grande, mestre Alfredo Antônio, que veio de Campo Grande perto de Taperoá e instalou uma sapataria na rua Joaquim de Andrade Gaião (Rabo da Gata); Manoel Felizardo tinha uma sapataria e com mais de 90 anos ainda trabalha em João Pessoa; Joaquim Firmino Leite com seus filhos Dimas e Luiz de Nina; Argemiro de Zé vaqueiro, do bairro do Pilão; Zuzinha e Inácia Barbosa, que instalaram uma sapataria em sua residência durante três anos. Inácia iniciou fazendo concertos em sapatos, mas depois, com seu esposo Zuzinha, também fazia as peças.

Os sapateiros, uns eram cortadores da peça, outros, apalazadores e outros, ainda, soladores, e trabalhavam por produção. Nicanor de Manoel Felizardo e Maurílio de Cazuzza Felizardo eram ótimos apalazadores, criavam desenhos para os calçados, principalmente para as mulheres.

José Torreão Mota também instalou uma sapataria em Serra Branca. Depois seu irmão Alírio Mota tomou conta empregando muitos dos sapateiros já citados e também com Amaro Albino, que além de sapateiro era seleiro.

Como **seleiros** também merecem destaque: Zezé

Ramos, Eronides Guimarães, Zé Preto Canário, Quinca Canário, Miro de João Alexandre, José Ureia, filho de Artur Quati que ainda trabalham. Essa profissão, há cerca de 60 anos e em tempos mais antigos, tinha grande prestígio, uma vez que existiam poucos caminhões e carros, e por isso as pessoas viajavam em animais: jumentos, burros, cavalos. Daí a necessidade das selas com todos os arreios. Não eram só os vaqueiros, mas a maioria das pessoas usavam esses animais para suas viagens. As mulheres mais antigas usavam silhões, montavam de lado e contavam com o cabeçote, um apoio para seu equilíbrio.

Outra profissão antiga e importante é a de **ferreiro**, hoje exercida por poucas pessoas. Em Serra Branca, nesse ofício, podemos citar: José Gonçalves, Mestre Luiz (pai de Leidson), Severino Zuza, João Gonçalves, Galdino Gonçalves, Zé de Alfredão, Geraldo Gonçalves (Cobra Preta), Mauricio de Azogue e seus filhos Naninho e Murilo, José Batista Pereira (Dedé Bronha). Os homens da família Gonçalves todos aprenderam a trabalhar como ferreiro, mas depois seguiram outras profissões e Cobra Preta foi o que mais se destacou, trabalhando até quando faleceu.

Também merecem destaque os **serralheiros**: pessoas que trabalham com portas, portões, grades de ferro, vasculhantes. Os mais conhecidos são: Milton Fernandes Martins (Cebolinha), José Joan (filho de Zefa Camilo), Givanildo Gonçalves (filho de Cobra Preta), Robson Gonçalves (Cacá de João Gonçalves), Nenê Mosquito, Moura e Orlando da Silva Santos, da Serrinha.

Os **marceneiros** mais conhecidos foram: Pedro Lopo, João Xavier, Antônio Batista, Antônio Gomes (Antônio do Bracinho), Joca Guilhermino, todos falecidos. Ainda trabalham nessa profissão Zé de Eliodório, que veio de Coxixola; Sebastião Xavier, que possui um maquinário e alguns funcionários; Chico Xavier, Manoel Cavalcante Ramos, que também é carpinteiro; Maurício Almeida

Celerino e Francisco Mesquita de Melo.

Os **carpinteiros** mais antigos e conhecidos foram: Seu Batista, Severino Caetano, Honorato Brandão que trabalhava para uso próprio; Chico Firmino, Ladislau Firmino, José Alves Pereira (Zé Grande da Água Doce), Inácio Antonino, Ernane Saraiva, todos falecidos, e Antônio Fernandes.

Como **tanoeiros**, profissionais que fabricavam ancoretas para carregar água no jumento, destacaram-se: Pedro Nunes de Sousa, Daniel Nunes Costa (Rebolo), Inácio Higínio no Ahú, Antônio Paulino, Inácio Tui, e Inácio Antonino no Ligeiro.

Os **padeiros** mais antigos foram: Alfredo Alcântara, João Maria (João Fuba), João Higínio, Cícero Higínio, Manoel Macena e Elói Mariano. José da Paz Guimarães possuía uma padaria e nesse prédio funciona hoje a padaria de Antônio Borborema, com outros pontos de vendas. Outra padaria que funciona instalada já há algum tempo, inicialmente dirigida por Sebastião Bezerra (Tião de Manoel Benvina), pertence hoje a sua ex esposa Eugênia Neves, com o nome Panificadora Wilma, onde também funciona uma lanchonete.

Outra profissão muito destacada era a de **alfaiate**, entre outros nomes são citados: Josa Lima que veio de Sumé; Vidal e Romildo que vieram de Caraúbas; Manoel Medeiros, Dezinho Guimarães, José Correia Lima (Seu Dé), Paizinho Correia Lima, José Arão, Lourival Antonino, (filho de Zé Barbeiro do Ligeiro), Antônio Josué, Edgar (Dida), e seu irmão Carlos.

A profissão de **mecânico** está bem representada em Serra Branca: Raul da Costa Leão (Raul Arão) instalou a primeira oficina mecânica e, atualmente, seus filhos René, Raulino e Roldofo da Costa Leão trabalham como mecânicos na oficina instalada por seu pai; Cuca, filho de Jaime Arão, Renato Nunes Claudino possui uma oficina e

ele mesmo trabalha como mecânico; Edivaldo Nunes da Costa que possui uma oficina mecânica perto da BR 412 trabalha com seu irmão Evandro e seu filho. Nas especialidades, temos João Soares Cabral, Rivanildo (Manga Rosa), Damião Augusto de Andrade como eletricitistas de automóvel; como pintor de automóveis destacam-se: no Ahú, Ernane de Sousa e Alex Araújo, nos Pereiros; já Marcelo Ferreira da Silva é capoteiro (estufamento de automóveis), na capotaria Serra Branca e José Batista da Silva (Zé Machucão) é lanterneiro (desamassador de carro), assim como Negão de Zé Roberto.

Nas oficinas de motos, trabalham: Jota Estrela, Buru do Pilão, Rogério de Guimar, Bira de Ferreira, Leomar do Ahú, Marinaldo da oficina de Damon, Giliarde, Lázaro dos Pereiros, Ediglei (Negão de Zé Roberto) e Magno (Magno Motos).

Outra profissão bem representada em Serra Branca é a de **vaqueiro**. O vaqueiro do Gibão pegava gado no mato. Alguns nomes: José Canário e José de Sousa (Caipira), vaqueiros de Antônio Antonino nas Aroeiras; Neco Apolinário, vaqueiro de Nestor Farias no Sítio Quixaba e na fazenda Lagoa de Cima de Doutor Pedro Tavares, que depois passou a pertencer a Doutor Álvaro Gaudêncio Filho, com quem ele continuou trabalhando; Bezinho Sousa Moraes, vaqueiro de Herminio Soares, na fazenda Riacho do Açude em Boa Vista; João Silva e Inácio, seu filho, na Malhada Vermelha com Manoel Gaudêncio; Chico Gouveia e Adauto Emídio, na Melada com Quinca Gaudêncio; Manoel Vermelho, na fazenda Peões, de Ornilo Araújo; Severino Calixto, na Garrota, com Francisco Moreira. Também eram vaqueiros: Assis, Félix e Zé Calixto; Pedro Nunes de Sousa no Ligeiro; Zé Pretinho da fazenda Jatobá; Manoel Alves (Nenê), do Uruçu; Bio de Zé Preto nos Grossos, de Vicente Correia; Valdemar Mendes no

Cauaçu; Maximiniano Gouveia e Sebastião de Maximiniano no Uruçu; Louro de Antônio Antonino no Ligeiro; Sebastião Zeca, vaqueiro da fazenda Lagoa de Cima de Doutor Pedro Tavares; Macário, em Coxixola, com seu pai Bento Antonino; João Honorato no Ligeiro e na sua fazenda; Manoel de Rita, vaqueiro de Paulo Guerra; João Barbosa, vaqueiro no Ligeiro; Olival da Silva nos Grossos, com seu Ino; Gilberto Antonino (Galo Branco), vaqueiro do Belo Monte; Antônio Hilário da Costa e seus filhos Samuel, Raimundo e Assis Hilário no Cauaçu, fazenda de Zé Moraes; Neguinho de Líbano no Cauaçu, com Djalma Moraes; Raminho, na fazenda das Areia; Manoel Franco e Tezinho de Manoel Franco da Fazenda Marinheiro; Pedro Franco, vaqueiro dos Grossos; Zé e Pedrinho de Pedro Franco trabalham para eles mesmos.

Como **oleiros**: Inácio Caboclo, nos Pereiros; Inácio Beijinho, no Feijão; Chico Otaviano na Várzea Nova; Inácio Caboré no Ligeiro; Zequinha Antonino e Zé de Lica na Lagoa.

As **costureiras** mais conhecidas: Idalina de Isidro Antonino do Ligeiro, costurava roupa de homem, inclusive paletó; Liinha, irmã do mestre Luiz, construtor da Igreja Matriz; Ana de Sousa (Nanu) viúva do Ligeiro, também costurava paletó; Mariola do Ligeiro, Inácia de Manoel Cosme, Severina de Alfredo Peba, Joana Nunes, Maria Moreira, Lenira do Ahú, Maria Granjeiro, Ester filha de Amaro Mézio, Zefinha, Quitéria e Socorro, filhas de Adolfo Nunes, Anita Guimarães, Josefa Honorato costurava roupa de homem e mulher; Inácia, Josefa e Judite Celerino; Elvira Maria da Conceição da Serrinha, Carma Mézio, Estelina Antonino dos Santos, Inácia de Ivo da Emater, Zita de Leneide, Ilza de Jaime Conserva, Elza Lúcia Araújo Brito, Nininha de Senhor de Joca, Luciene (Lú) de João Félix, Selma de João Bosco, Deda filha de Heleno Gonçalves e sua prima Conceição, Marlene Antonino e Fátima Costa.

As **parteiras** eram importantes, principalmente porque iam fazer o parto nas residências das mulheres. Dentre elas destacam-se: Maria Bula, Domingas Semeão, Nana Leôncio, Inacinha de Angelino, Umbelina de Gustavo Caboré, Belmira Augusto, Amélia de Zé Antonino (Zé do Chão), Severina de Vilô, Maria da Paz de Seu Ino.

Como **artesãs**, trabalhando com louça de barro, no Ligeiro de Baixo e no Barbosa, são conhecidas: Maria, esposa de Inácio Teotônio (Maria de Barro), com suas filhas; Zabé Jordão, Maria de Zabé, Rita Feitosa, Lourdes Feitosa, Josefa Tui, Helena Feitosa, Maria de Lourdes Jordão, Maria José Rodrigues Pereira, Fátima de Chica Tui (Friso), Vera de Helena Feitosa, Severina de Zé Veloso.

São conhecidos como **barbeiros**: Rafael Salvador, Aureliano Ribeiro, Bento Ribeiro (Bal), Zé Barbeiro, Severino, Sr. Anísio, Genésio, Antero Correia, Antônio Bernardo, Daniel Hilário (Rebolo), Pedro Barbeiro, Benedito Deodato, Gilson Ferreira, Oscar Gomes, Apolônio Carvalho, Nemésio (Mezo), Inácio Elói de Brito, Isaias da C. Brito, Isaurino C. Brito, Salvador Ferreiro, irmão de Salvador Barbeiro. Na Barbearia Central, trabalham Apolônio de Rufina, Gilson Ferreira, Oscar Gomes, Juceder, Neco Gomes e Josa.

Outra profissão de destaque em Serra Branca é a de **cabeleireiro(a)**. Nesse ramo, destacam-se: Hellus, Adailton, José Vantuil, Magna Almeida, Keith, Velúcia, Raquel de Carminha, Luza, Leonides (Leó), Jô, Flauziane, Claudiana de João Gonçalves e Tereza Antonino.

Os **pescadores** mais conhecidos são Cícero Honório, Zacarias Preto, Inácio Pelado, Inácio Luzia, Raul Arão, Manoelzinho Raimundo, Urbano Ferreira (Benome) e Amaro Albino.

APÊNDICE B - LEVANTAMENTO DE PRÉDIOS E CASAS HISTÓRICAS DO MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA

Através do Ofício nº 56/2001, foi solicitado pela Secretária de Trabalho e Ação Social do Município à assistente social Maria de Fátima Fialho de Sousa elaborar um levantamento dos prédios históricos e atrações turísticas da cidade e do meio rural do nosso município, para implantação do Pacto do Novo Cariri.

Há, no município de Serra Branca, uma grande quantidade de casas antigas e armazéns que pertenciam aos primeiros moradores aqui instalados para estabelecer o seu comércio ou desenvolver a agricultura e a pecuária. São casas ou prédios construídos em décadas passadas e que, ainda hoje, permanecem com o estilo daquela época.

No centro da cidade, à Avenida Wamberto Torreão, existe a casa que pertenceu ao Sr. Bitu Araújo, depois ao Sr. Luiz Agostinho e hoje pertence ao Sr. José Nunes Sobrinho.

Na rua José Moraes, existem diversos prédios construídos por ele para instalar o maquinismo de algodão e outros construídos pelo Sr. Vicente Correia que depois pertenceram ao Sr. Honorato Brandão, com a mesma finalidade.

As casas mais antigas dessa rua são as que pertencem a herdeiros de descendentes da família Antonino; a que pertencia ao Sr. João Antonino, hoje pertence a Auta Antonino; a que foi do professor Tobias Sariva, hoje pertence à viúva e aos filhos do Sr. Antônio Honorato; a dos herdeiros do Sr. Antônio Pedro e a casa da viúva e dos filhos do Sr. Gedeão Maracajá que foi construída pelo Sr. Alfredo Brito.

Na rua Coronel Manoel Gaudêncio, as casas existentes são: a que pertence aos herdeiros do Sr. Pedro

Antonino e a que pertencia ao Sr. Joaquim Gaudêncio de Queiroz (Quinca Gaudêncio) e hoje é do Sr. Aimar Gaudêncio; a que pertencia ao Sr. Clementino Pacheco, depois ao professor Gonçalo Aquilino Pereira Tejo, hoje é de posse dos herdeiros do Sr. Bartolomeu Maracajá (Memé).

Na Travessa Antônio Gaião, existem ainda, sem ter passado por reforma, as casas dos herdeiros dos Srs. Severino Nunes e Evangelino da Costa Pinto (Seu Angelino), e a que pertencia ao Sr. Chico Braz de Macedo e hoje pertence ao Sr. Daer Borba.

Na rua Joaquim Andrade Gaião, a casa mais antiga é da viúva do Sr. José Agostinho, D. Lilia; a que pertencia ao Sr. Zacarias de Oliveira (Zacarias Preto), hoje, é dos herdeiros do Sr. Odilon Manoel dos Santos (Odilon Preto), e a dos herdeiros do Sr. José Marques.

Na rua Deputado Álvaro Gaudêncio, existe a casa da herdeira do Sr. Roque Ramos; a dos herdeiros do Sr. Amaro Mésio; a dos herdeiros do Sr. Genuíno Moreira; a casa e o Armazém (Casa Gaião) pertencentes aos herdeiros do Sr. Joaquim Andrade Gaião.

Como prédio histórico, existe a fachada e a torre da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição e a gruta de Nossa Senhora de Lourdes, inaugurada no dia 29 de dezembro de 1939 pelo pároco Pe. Edgar Toscano.

No bairro do Pilão, as casas mais antigas são: a que pertencia ao Sr. José Antonino (Zé do Chão) e, no vizinho Sítio Lagoa, existe a casa que pertencia a Sr. Inácio João, hoje é de sua filha Josefa Antonino (Zefa Preta); e próximo à BR 412, encontra-se a casa pertencente aos herdeiros do Sr. Pedro Nunes de Sousa.

No bairro dos Pereiros, existe a casa que pertence ao Sr. Joaquim Dias Borba, já bastante deteriorada.

Na zona rural, ficam registradas as casas mais antigas:

No sítio Lagoinhas: a casa da viúva do Sr. Vicente Galdino.

Nos Grossos: a casa que pertencia ao Sr. Vicente Correia, hoje pertence ao Sr. Afonso Cartaxo.

No Ligeiro de Cima: casa de João Antonino, onde mora Ivo Fernandes Nunes; na casa de José Antonino (José Leôncio), mora Auta Antonino; na casa de Francisco João de Sousa (Chico João), mora Estela Antonino; a casa de Pedro Antonino e os armazéns de descarregar algodão pertencem hoje a João Barbosa; na casa de João Braz, mora José Nunes (Zé Urêa); na casa de Honorato Antonino, mora João Honorato; na casa de Antônio Antonino, mora Dr. Inácio Antonino; a casa de Manoel Antonino está vazia; na casa de Francisco Antonino, mora Raimundinho Hilário; na casa de Isidro Antonino, mora José (Zé) de Sebastião Isidro; na casa de José Antonino, mora Raimundo Hilário. A casa de Severino Antonino (casa de Nunu, viúva) está vazia; na casa de Isidro Antonino, há um prédio onde funcionava uma casa de farinha e depois a sapataria de Severino Pedro; a casa de Francisco Antonino (Chico Mésio).

No Ligeiro de Baixo: na casa de Isabel Pereira de Barros (Zabé Jordão), mora Maria Pereira de Barros (Maria de Zabé); na casa de Antonino João de Sousa, mora José da Guia de Sousa; na casa de Joaquim Teotônio (Joaquim Tui), mora Maria Teotônio (Maria Tui); na casa de Jordão, mora Luzia Pereira de Barros (Luzia de Geraldo); a casa de Francisco Jordão (Chico Jordão) está vazia; a casa de Antonino Jordão encontra-se vazia; na casa de Inácio Pereira de Barros (Inácio Caboré), mora Ademar Celerino (Ademar de Romão); na casa de Francisco Ribeiro Leite (Chico Boi), pai de Deodato Boi, mora Severina Ribeiro Leite; na casa de Estanislau (Estendelau) mora Francisca Teotônio (Chica Tui).

No Cauaçu: a casa do sítio Aliados que pertencia ao Sr. Joaquim Borba Filho (Quinca Borba) pertence hoje

aos herdeiros de Dr. Djalma Morais.

Na Craibeira, existem ainda várias casas de taipa: a casa que pertencia ao Major Celestino, hoje pertence aos herdeiros de Dr. Djalma Morais; a casa onde moram os familiares de Águida de Ananias (Guida) também é propriedade dos herdeiros de Dr. Djalma Morais, assim como a casa em que mora Seu Inácio Caboclo (o Veio da Porteira).

Nos Caboclos: a casa de José Francisco pertence ao Sr. Elói Guimarães; a casa do Sr. Zéu Guimarães pertence a José Rodrigues; a casa de Artur Correia Lima pertence a José Correia Lima Sobrinho (Dé Seu); a casa de Ângelo Custódio de Lima (Anjo dos Caboclos) pertence a Reginaldo Trajano. Existe a capela de Santo Antônio, prédio histórico, onde é celebrada a novena do santo homônimo, uma tradição religiosa daquela região.

Na Malhadinha: a casa de Ambrosina Ramos Correia Lima pertence a Clementino Domingos dos Santos; a casa de Senhorzinho Capiba pertence aos herdeiros; a casa de Severino Ribeiro Leite (Severino Boi) pertence a herdeira Maria de Fátima.

Na Água Doce: a casa de Roque Ramos pertence à herdeira Ronete Ramos; a casa de Emídio Hortêncio pertence a Clementino Domingos dos Santos; a casa de Manoel Jurema pertence a José Gomes.

No Rocha: a casa de Cícero Pereira da Silva (Cícero Nico) pertence aos herdeiros; a casa de Inácio Tavares pertence a Noel Jacinto.

No Macapá: a casa de Severino Galdino pertence a Humberto Hilário; a casa de Aureliano Ribeiro não existe mais; a casa de Manoel Ribeiro Calixto (Maneco) pertence aos herdeiros de José Noberto.

No Ariú: a casa de Juvino Pacheco pertence a Brasiliano Galdino; a casa de Manoel Calixto pertence aos herdeiros; a casa de Bento Ribeiro pertence a Mocinho Jacó; a casa de Abdias Cantalice pertence ao Sr. Brasilino Galdino.

No bairro do Alto da Conceição: a casa de José Tranqüilino (Zezinho) pertence aos herdeiros.

No Campão: a casa de Adolfo Nunes; a casa de Clementino Pacheco, depois do professor Gonçalo Aquilino Pereira Tejo (Gonçalo Tejo), professor em São João do Cariri, hoje é de propriedade de Edinaldo Sousa Pequeno.

No Bom Jesus: a casa de Severino Barreto e casa de João da Silva Barreto (Janjão) pertencem aos respectivos herdeiros.

Na Várzea Nova: a casa de Maria Amélia de Souza Lima pertence a Claudimira Saraiva Pequeno; a casa de José Otaviano pertence aos herdeiros de Francisco Otaviano Pequeno; a casa de Olímpio Pereira dos Santos pertence aos herdeiros de Antonio Gonçalves Lima (Antônio Amaro); a casa de Amaro de Castro Lima (Amaro Mésio) pertence aos herdeiros; a casa de Renovado Gonçalves Lima pertence ao herdeiro Ariosvaldo Gaião de Lima (Arió); a casa de Maria Gonçalves (Maria Mésio) pertence a Hildebrando Mamede (Panta); a casa de Joaquim Domingos pertence a Maria das Neves Oliveira, Marly e Orlando Saraiva.

Na Melada: a casa de Sr. Antero da Cunha Torreão pertence a Aimar e Nilson Gaudêncio.

Na Malhada Vermelha: a casa do Sr. Antônio Nemésio, depois pertenceu ao Sr. Manoel Gaudêncio Neto e hoje pertence aos seus herdeiros.

Sítio Aguiadas: a casa construída pelo Sr. Genuíno Moreira pertence a Manuelzinho Gaudêncio.

No Sítio Veloso de Cima: na casa do Sr. Trajano de Maria e de Josina (Sinhá Trajano) hoje mora Maria Trajano, uma das herdeiras; a casa de João Calixto Ribeiro (Bidaó) pertence aos herdeiros de Pedro Queiroz; e a do Sr. Jacinto José Ribeiro (Sr. Calixto) pertence ao Dr. Valdemir Ribeiro Pinto (Pinto).

No Sítio Veloso de Baixo: a casa de Inácio Jerônimo

pertence aos herdeiros de Simão Pinto.

No Picoito: na casa de José Pinto (Zezé Pinto) hoje mora Antônio Pinto; a casa de Francisco Pinto foi construída em 1906; a de Estevão Pinto, construída em 1910, hoje é da herdeira Ambrosina Pinto; a de Oscar Pinto, construída em 1925, pertence à viúva Águida Pinto; a de Eustáquio Pinto pertence aos herdeiros de Inácia Saraiva.

Serrinha de Cima: a casa que pertenceu ao Sr. Tranqüilino José de Santana (Tranqüilino Gancho) hoje é da viúva do Sr. João Ferreira (Joca Guilhermino), a Sra. Josefa Ferreira de Santana; na casa do Sr. Roque Gomes de Souza hoje mora Eraldo Roque da Silva (Lalada Gomes); a casa que pertenceu ao Sr. Né Gomes é do Sr. Anísio Ricardo; a que pertenceu ao Sr. João Gomes de Santana (João Gancho) pertence à viúva Terezinha.

Na Serrinha de Baixo: a casa que pertenceu ao Sr. João Chagas de Brito pertence ao Sr. José Chagas Brito de Araújo (Brito); a que pertenceu ao Sr. Antônio Agostinho pertence hoje a Manoel Agostinho de Araújo (Manoel Pinto Mago); a casa de taipa pertence a Manoel Agostinho de Araújo (Manoel Pinto Mago).

No Pau Ferro: a casa que pertenceu ao Sr. Bitu Araújo pertence a Celso Nunes de Arruda; duas casas de taipa, uma pertence ao Sr. Celso Nunes de Arruda e outra pertence ao Sr. Nelson Xavier Gomes.

Na Fazenda Garrota: na casa que pertenceu ao Sr. Antônio Rodrigues, mora o Sr. José Lima e pertence ao Sr. Aimar Gaudêncio; a casa em que morou o Sr. José Firmino (Seu Zezé), que está vazia, e aquela em que morou o Sr. José Benedito pertencem ao Sr. Aimar Gaudêncio.

No Sítio Farias: a 1ª casa construída no Farias foi a de Dr. Vilar, pertence aos herdeiros de Anísio Vilar e nela mora Cleonildo Vilar; a casa do Sr. Bento Vilar pertence

aos herdeiros do Sr. Francisco Vilar (Chico Vilar) e quem mora nela é Suely Alves; na casa que pertenceu a Sra. Maria Vilar, mora a filha Geracina Vilar e pertence aos herdeiros; a casa do Sr. José Carneiro pertence hoje aos herdeiros do Sr. Francisco Vilar (Chico Vilar).

No Farias, como atração turística, existem as Serrotas Brancas. Junto às pedras naturais, destacam-se pedras de vários tamanhos em cores diferentes. Essas pedras se encontram na propriedade de Sr. Antônio Bezerra (Toinho Bezerra).

No Jatobá: as casas construídas pelo Sr. Honorato Brandão hoje pertencem a Napoleão Maracajá e a Ernesto Antonino; a casa do Sr. José Honorato pertence a Carlos Queiroz; a casa construída pelo Sr. Pedro Guilhermino hoje é do Sr. Aderval Guilhermino.

A principal atração turística dessa região é a Serra do Jatobá, que é de grande beleza natural, principalmente, no período do inverno, e pode ser contemplada tanto pelo lado do Jatobá como do Tamburi.

No Poção: a casa construída pelo Sr. Severino Nunes pertence aos herdeiros; a construída pelo Coronel Pequeno, hoje, pertence ao José Daer Borba; a casa do Sr. Celso Nunes; a que pertenceu ao Sr. Epaminondas Francisca Lima pertence aos herdeiros do Sr. Leidson da Silva; a do Sr. Henrique Feitosa pertence a Maximiano Feitosa.

No Poção: junto à casa do Sr. José Daer Borba, existe umas pedras que contêm uma itacotiara de grande dimensão, o que representa um bom potencial turístico.

No Sítio Cantinho de São João (Sítio Cotó): a casa que pertenceu ao Sr. Severino Anastácio (Severino Gola), hoje, está vazia e pertence aos herdeiros; a do Sr. João Anastácio (João Gola) pertence aos herdeiros, e nela mora Juvêncio Anastácio; a casa do Sr. Aristides Moreno pertence à viúva Nercina; a do Sr. Luiz Cantinho pertence

aos herdeiros e nela mora o filho Geraldo; a do Sr. Nelson Anastácio; a de Severino Anastácio (Dilo); a casa de Severino Anastácio Filho (Negrinho).

Na Caatinga: a casa do Sr. Eunilson Cândido; a da Sra. Argentina Cândido (Argentina Gia); na casa do Sr. Patrício Cândido, mora seu filho.

No Tatu: a casa que pertenceu ao Sr. José Braz, hoje, pertence ao Sr. Pedro Gomes de Macedo; a que pertenceu ao Sr. José Braz Filho pertence a Clodoaldo Braz; as casas do Sr. José Braz Neto e do Sr. Francisco Braz (Chico Braz) pertencem, hoje, aos respectivos herdeiros; a casa que pertence ao Sr. João Gomes de Macedo.

No Sítio Cantinho de Cima: a casa que pertenceu ao Sr. José Bento (Cazuza Bento) pertence, hoje, aos herdeiros; a que pertenceu ao Sr. Serviliano Brito pertence hoje a Viana Brito; a que pertenceu ao Sr. Luiz Brito pertence ao Sr. Nivaldo Agostinho.

No Riacho do Buraco: a casa do Sr. José Barros (Dé Barros).

Na Quixaba de Salgadinho: a casa que pertenceu ao Sr. Domingos Zeferino pertence aos herdeiros e nela mora a herdeira Rozita Félix de Farias; a que pertenceu ao Sr. Henrique Eleoterio pertence ao Sr. Edson Pereira Leite.

No Sucuru: existe a casa dos Lucas, já bastante danificada.

Na Craibeira de Riacho do Branco: a casa que pertenceu ao Sr. Vito Régis; a que pertenceu ao Sr. Francisco Régis (Chico Régis) pertence ao Sr. Manoel Régis.

No Riacho Verde: a casa que pertenceu ao Sr. Severino Régis pertence ao Sr. Genival Régis.

No Tamburil: a casa do Sr. João Lulu pertence aos herdeiros; a do Sr. Serviliano Brito pertence ao Sr.

Serviliano Brito Filho (Viana); a do Sr. Sebastião Lulu pertence ao Sr. Serviliano Brito Filho (Viana).

Na Serra Verde: a casa do Sr. João Preá pertence ao Sr. Honório José de Almeida.

Na Jureminha: a casa do Sr. Francisco Costa Brito pertence ao Sr. Manoel Apolinário (Neco Apolinário), já bastante deteriorada (fechada); a do Sr. Severino Pereira pertence aos herdeiros.

Na Lagoa da Serra: a casa do Sr. Luiz Bento de Queiroz pertence aos herdeiros e está fechada.

No Sítio Capoeiras: a casa do Sr. José Cordeiro de Souza; a casa de taipa da Sra. Salvina Benevinuta pertence ao Sr. Joaquim Ciriaco; a da Sra. Quitéria Lameu, também de taipa; a casa da Sra. Anercina Lameu, parte de taipa, pertence ao sobrinho João José Nunes; a da Sra. Geneza Joana da Conceição, já falecida, está fechada; na casa da Sra. Adauta Bezerra da Silva, também de taipa, mora um neto, José Ilton; a que pertencia ao Sr. Joaquim Inácio está fechada; a do Sr. João Luiz Nunes pertence à viúva Maria Rita da Conceição; a do Sr. José Luiz Nunes (José Preá) pertence a Liça Preá e nela mora Luiz Bezerra.

No Jericó: a casa do Sr. Manoel Felipe Lopes pertence à viúva Benta Maria de Araújo; a do Sr. João José da Silva (João Romão) pertence aos herdeiros; a do Sr. José Martins de Oliveira (Seu Dozé) pertence aos herdeiros; a do Sr. Sebastião Felipe, de taipa, está fechada; a do Sr. João Lopes Maciel, de taipa; na casa da Sra. Maria Sabino mora o filho Antônio Sabino; a casa do Sr. Braz Galdino pertence a Maria da Glória Bezerra; a do Sr. Manoel André pertence ao Sr. Ademário Ramos da Silva e foi reformada; a casa, de taipa, da Sra. Luzia Rosa da Conceição; a do Sr. Martinho André está fechada.

Registre ainda a Capela do Jericó, construída em 1947.

No Sítio Duas Serras: a casa do Sr. Antônio Lameu Sobrinho pertence ao herdeiro Manoel Lameu Neto; a do

Sr. João Mariano Estevão pertence ao herdeiro José Mariano Estevão; a do Sr. Cícero Barbosa pertence ao herdeiro Antônio Francisco dos Santos (Antônio Mineiro); as casas do Sr. José Martim de Oliveira e do Sr. Gregório Laurentino pertencem aos respectivos herdeiros.

No Sítio Varejão: na casa do Sr. Pedro Preto mora o filho Edgar Pedro da Silva; na casa, de taipa, da Sra. Terezinha Romão mora o sobrinho Severino Romão; a casa do Sr. Manoel Leite pertence ao Sr. José Luiz da Silva; a do Sr. Antônio Cordeiro Maciel, já falecido, está fechada; na casa, de taipa, da Sra. Dorinha Vitalino, mora o Sr. Didi Adão; a casa do Sr. José Galdino; na casa do Sr. Aristó Delfonso, mora um filho; a casa da Sra. Joaquina Delfonso, já falecida, está fechada; a do Sr. Severino Gomes (Biu Gomes) pertence, hoje, ao Sr. Inácio Américo; a que pertencia ao Sr. Sebastião Gomes está fechada.

No Sítio Salão: a casa do Sr. Inácio de Alcântara é de taipa e está fechada; a do Sr. Apu Genuíno, era um ponto comercial e turístico, está fechada também, assim como a casa do Sr. Manoel Genuíno.

No Sítio Angicão: a casa, de taipa, do Sr. Alfredo Romão pertence aos herdeiros e está fechada.

No Sítio Angico de Cima: a casa do Sr. Laurentino José Alípio, que está fechada, e a do Sr. Sabino Carolindo, de taipa, e também fechada, pertencem aos respectivos herdeiros.

No Sítio Malhada Vermelha: a casa do Sr. Elias Galdino de Sousa pertence ao filho Santino Ferreira Ramos.

No Sítio Salgadinho: a casa do Sr. Domingos da Costa Romeu pertence a Luiz Cavalcante Lacerda.

No Sítio Caldeirão: a casa do Sr. Ulises da Costa Brito pertence aos herdeiros e nela mora Lúcia Nóbrega da Costa; a do Sr. Alípio da Costa Brito pertence aos herdeiros.

APÊNDICE C - HISTÓRICO DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERRA BRANCA

APRESENTAÇÃO

Este texto encerra um conjunto de informações sobre a história do Colégio Estadual de Serra Branca, a partir de um trabalho feito pelo professor José Bernardo de Oliveira, em agosto de 1992, sobre o período que se estende de 1963, ano da fundação do Colégio, até 1992, e de uma pesquisa feita pela professora Estelita Antonino de Sousa, que abrange a história desse Educandário, desde a sua fundação até os dias atuais.

Trata-se de uma humilde contribuição às pessoas que desejarem conhecer um pouco da história da educação do município de Serra Branca.

INTRODUÇÃO

Vamos lançar um primeiro olhar sobre a história do Colégio Estadual de Serra Branca, conhecendo um texto escrito pelo professor José Bernardo de Oliveira:

O atual Colégio Estadual de Serra Branca tem como fito atender aos jovens estudantes, não somente desta cidade e Município de Serra Branca, como das demais cidades e Municípios circunvizinhos e até de outros Estados, colaborando, desta forma, com a formação da juventude, não apenas no campo moral, como educacional e social, proporcionando uma oportunidade para o ingresso na escola superior.

Seus frutos são salutares; suas finalidades vêm se desenvolvendo, ora de forma brilhante, ora de forma regular e às vezes até precária. Entretanto, deixando de lado o aspecto negativo, vez que as quedas são superadas, vemos que centenas e centenas dos estudantes que

passaram pelas bancas escolares do citado Educandário ocupam lugares de destaque e até de projeção no campo profissional, pois muitos dos nossos estudantes têm sua vida segura, firme e o princípio adveio do nosso Colégio. Muitos profissionais liberais – médicos, advogados, engenheiros, economistas, agrônomos, administradores, dentistas, assistentes sociais, contadores, pedagogos e outros - receberam instruções a nível secundário naquela casa educacional, não se furtando a mencionar o grande número de universitários e professores que desfilaram naquela mesma unidade de ensino.

Historicamente, muito se tem a dizer sobre os primeiros dias do Colégio Estadual.

Foi um raio divino que desceu sobre a pessoa do imortal Pe. Marques, clareando-o e advertindo-o da necessidade da implantação de um ginásio em Serra Branca. Brilhante idéia foi compartilhada com outra figura imortal, Sebastião de Luna Véras (Bastinho). Desta forma, ambos decidiram convidar algumas pessoas da comunidade e fariam uma reunião que, de imediato, realizou-se às 19:00 hs do dia 03 de fevereiro de 1963, no salão onde funcionava a Escola Profissional Pio XII, atualmente prédio do Cine Educativo local. Percebeu o Pe. Marques que muitos e muitos dos jovens de Serra Branca concluíam o curso primário, à época, e não dispunham de condições de se deslocarem para estudar em outras comunidades, em outras cidades.

Assim, na mesma reunião que contou com o Cônego João Marques Pereira (Pe. Marques, o idealizador do Ginásio), Sebastião de Luna Véras (Bastinho), Dr. Otacílio Cordeiro da Silva, M.M. Dr. Juiz de Direito da Comarca, Sr. Manoel Gaudêncio Neto, Prefeito Municipal e demais famílias, decidiu-se que o Pe. Marques tomaria as primeiras providências para o início do funcionamento do ginásio como diretor-fundador e Bastinho seria o Secretário,

iniciando, de imediato, isto é, no dia seguinte, as matrículas para os Exames de Admissão ao ginásio e já para o 1º ano ginasial, em caso de aluno transferido, convencionando-se, igualmente, que o início das atividades letivas dar-se-ia no dia 08 de março de 1963, data considerada como o aniversário da Escola.

CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO

Para a edificação do prédio do Ginásio, atualmente Colégio Estadual, o diretor Pe. Marques conseguiu subvenções com o Dr. Plínio Lemos e a primeira parcela foi recebida em 14-05-1963, numa terça-feira. No dia 26 do mesmo mês, pelas 10 horas, houve o lançamento da pedra fundamental como marco inaugural da construção do Ginásio. Presentes estavam o diretor, Dr. Francisco Alves Feitosa, médico e posteriormente professor, Dr. Otacílio, também professor, e o capitão Luiz Gonzaga de Melo, à época, delegado.

No dia seguinte, 27-05-1963, pelas 6:30 hs, numa segunda-feira, o Dr. Talma Benévolo de Benévolo, engenheiro civil encarregado da construção do mesmo Ginásio, deu por iniciada a construção, entregando a responsabilidade dos trabalhos aos Srs. Antônio Trajano Ribeiro e Leidson da Silva.

Cronologicamente, em 10/07/1963, o primeiro bloco já se achava em fase de cobertura; em 29/08, foi o término do 1º bloco; em 1º de setembro, pelas 9:00 hs, houve uma missa celebrada pelo Pe. Marques, em ação de graças pela conclusão da construção do 1º bloco do Ginásio. Deu-se a continuação dos trabalhos dos demais blocos e dependências, sendo que em 20/03/66, realizou-se uma segunda missa pela conclusão da construção de todo o prédio, havendo, no dia seguinte, o início do funcionamento regular do prédio, qual seja, o início das

aulas normalmente naquele novo edifício.

A inauguração oficial verificou-se no dia 09/04/66, pelas 15:30 hs, contando com a presença do Governador João Agripino Filho, Deputados Plínio Lemos e Álvaro Gaudêncio, corpos docente e discente e pessoas da comunidade.

Em 21/04/66, passando por nossa cidade o Monsenhor Manuel Vieira, então Secretário da Educação da Paraíba, este deu a bênção do prédio do Ginásio Comercial "Wamberto Torreão".

CURSO GINASIAL

O Colégio Estadual de Serra Branca, que atualmente se denomina Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio, teve sua origem no Ginásio Comercial Wamberto Torreão fundado em 1963, tendo como seu primeiro administrador escolar seu idealizador, o saudoso Cônego João Marques Pereira, popularmente conhecido como Pe. Marques.

Trata-se de um prolongamento da Escola Profissional Pio XII, nosso Colégio Estadual.

Suas primeiras instalações foram no prédio onde atualmente funciona o Cine Educativo de Serra Branca, igualmente fundado pelo aludido religioso, visto que somente alguns anos após seu regular funcionamento foi que efetivamente funcionou no atual prédio.

O antigo Ginásio Comercial contou com total arrimo da Fundação Padre Ibiapina, de João Pessoa, como sua entidade mantenedora, cujo Presidente era o Professor Afonso Pereira da Silva, realizando os saudosos "Exames de Admissão" à primeira série do curso Ginasial de Comércio, em 1963, contando com um elevado número de candidatos inscritos. Todavia, somente 31 lograram aprovação e, conseqüentemente, juntando-se a outros

oriundos de outras unidades contíguas de ensino formaram a turma pioneira em número de 39 alunos, iniciando, desta forma, as atividades letivas em março de 1963.

A referida turma chegou ao término do curso Ginasial em 1966 contando apenas com 18 concluintes, pois reprovações, evasões e transferências, simplificaram à turma pioneira que fez sua festa de conclusão no dia 06 de janeiro de 1967, festa esta, abrilhantada pelo extinto conjunto musical "Os Adams".

O curso Ginasial de Comércio foi completamente inspecionado, sobretudo por três inspetores: um seccional, na pessoa do Professor Joel Souto Maior, de João Pessoa, e dois outros do Recife – os professores Alberto Teófilo Braga e Adelsita de Medeiros Delgado.

Foram os primeiros professores: Estelita Antonino de Sousa, Sebastião de Luna Véras, Dr. Otacílio Cordeiro da Silva, Gilvandro Sales, Dr. Francisco Alves Feitoza, Dra. Maria Selma Feitosa Bezerra, Maria Íris Bezerra, Maria das Neves Bezerra e o Pe. Marques, entre outros.

A turma pioneira denominou-se "Turma Pioneira Lafayette Belfort" em homenagem ao diretor do Ensino Comercial. Seus concluintes foram: Alcides Ferreira dos Santos, Ana Maria Gaião, Carmem Lúcia Mendes Ferreira, Dalva da Costa Leão, Ivone Alves de Medeiros, José Bernardo de Oliveira (orador), José Sales dos Santos, José Antônio Ribeiro, Luís Lima de Almeida, Maria Bernadete de Sousa, Maria Alice de Araújo, Maria da Guia de Brito, Maria Salete de Lima, Marli de Sousa Maracajá, Maria de Lourdes Araújo, Maria de Lourdes Lima de Araújo e Rosimare Mota.

O CURSO COLEGIAL

O segundo grau, conseqüentemente, é um prolongamento do Ginasial e sem sombra de dúvida,

igualmente, foi outra iniciativa do Pe. Marques que convenceu de que efetivamente o Ginásio havia cumprido na íntegra seus reais e verdadeiros objetivos, e sobretudo percebendo, não apenas a necessidade do 2º Grau, como seria essencial Serra Branca oferecer condições de manter um curso Científico, assim o fez.

Em 09/01/1967, a primeira turma do Ginásio efetuou uma excursão até Paulo Afonso - BA, tendo como líder o Professor Berilo Ramos Borba e, ao chegar, o Pe. Marques, em reunião, convenceu os concluintes da sua idéia fabulosa, logicamente aplaudida por todos. Assim, o Ginásio foi elevado à categoria de Colégio, em 1967, com a implantação e funcionamento do curso Científico, contando com uma matrícula inicial de 16 alunos, os quais terminaram em 1969, com somente nove concluintes.

Historicamente, em 10/07/1966, houve a instalação do Colégio Comercial Wamberto Torreão, em cerimônia presidida pelo Professor Afonso Pereira da Silva, Presidente da Fundação Padre Ibiapina. Na oportunidade, este descreveu toda história do Ginásio e deu por instalado ou implantado o 2º Grau, transformando o mesmo Ginásio em Colégio, admitindo e conservando como diretor o Pe. Marques, salientando a repercussão para todo Cariri e toda a Paraíba, a nova iniciativa.

Representando o corpo discente, falou agradecendo o estudante Alcides Ferreira dos Santos; em nome do corpo docente, discursou a professora Edite Antonino de Assis, frisando encontrar-se Serra Branca, com o 2º Grau, no mesmo pé de igualdade das grandes cidades; depois o Professor Berilo Borba que se disse congratulado com a comunidade serrabranquense e os idealizadores do evento, acrescentou: "os estudantes não mais necessitarão se deslocar para continuarem sua educação, partindo desta cidade para outras, a fim de se preparem para o ingresso na escola superior, todavia, diretamente

de Serra Branca, passarão para a universidade".

O Professor Afonso Pereira leu as portarias especificando as funções administrativas - como diretor: Pe. Marques e como secretário, Berilo Borba, assistido do Sr. José Bernardo; e concluiu: "o funcionamento do Colégio Comercial Wamberto Torreão é irreversível". Suas palavras tiveram uma sensacional aceitabilidade com prolongada salva de palmas.

São professores pioneiros do 2º Grau: Edite Antonino de Assis, Estelita Antonino de Sousa, Pedro Alves de Melo, David Alan Topham, Francisca Carmélia Nunes, Maria José Bezerra, Dra. Selma Feitosa, Dr. Aumadir Cabral e Antônio de Pádua Lima Montenegro.

Sua primeira turma concluinte colou grau em 07/12/1969, sem contar com a presença de seu primeiro diretor, vez que havia falecido em junho de 1969 e por isto a turma adotou seu nome, como justíssima e significativa homenagem "Turma Pioneira Cônego João Marque Pereira".

Foram concluintes: Albiege Lea de Miranda Nunes, José Bernardo de Oliveira (orador), Maria Bernadete de Sousa, Maria Alice de Araújo, Maria da Guia de Brito, Maria de Lourdes Lima de Araújo, Maria Salete de Lima, Maria Rubenita Mota e Rosimari Mota.

JORNADAS PEDAGÓGICAS

Em 29//10/1966, o Ginásio Comercial Wamberto Torreão ofereceu um dia intenso de estudos pedagógicos - métodos de ensino dinamizado e áudio-visuais.

Simpósio promovido pela Inspeção Regional do Ensino Comercial, tendo como idealizador os Professores Gennecy Veloso de Sousa Bandeira, Eugênia da Costa Carvalho e Piragibe de Melo e Silva, ditos promotores da jornada, que tiveram total apoio da Inspeção Técnica,

liderada pelo Professor Alberto Teófilo Braga, Inspetor Regional.

Das Jornadas Pedagógicas participaram todos os professores de Serra Branca, alunos concluintes/1966 – primeira turma; além dos professores do Ginásio Comercial Pe. Inácio, de Boqueirão; Ginásio Comercial de Juazeirinho; Ginásio Comercial Abgar Renault, de Sumé; e Ginásio Comercial de Boa Vista.

Êxito completo nos trabalhos.

NÚMERO DE TURMAS CONCLUÍNTES

Até agosto de 1992, o Colégio já contou com as seguintes turmas concluintes: 1º Grau (atual ensino fundamental) – 27; 2º Grau (atual ensino médio) 24. Obs. Quando se reporta aqui a número de turmas, isto que dizer não exatamente a quantidade, pois há anos em que há duas turmas de 2º Grau e, às vezes, três do 1º Grau.

ADMINISTRADORES ESCOLARES

Até 1992, o Colégio contou com os seguintes diretores:

- a) Cônego João Marques Pereira – o fundador
- b) Edite Antonino de Assis Sousa
- c) Augusto Rodrigues Pereira
- d) Antônio Carlos Chaves Ventura
- e) José de Arimatéia Neves
- f) Maria das Neves Fong
- g) Maria Rubenita Mota
- h) Maria Augusta de Brito
- i) Maria Mendes Gouveia
- j) Maria Selestete de Amorim.

ATUALIDADES

Há alguns anos, o prédio passou por uma reforma física, contando com uma limpeza geral, consertos nas partes elétrica e hidráulica, vez que não mais estava em condições de atender às normais necessidades ou seja o funcionamento regular das aulas, tendo em vista o estado de precariedade em que se encontrava, pois a deterioração encontrava-se em estada avançadíssimo e o Poder Público competente encarregou-se da reforma, deixando à altura de verdadeiro e normal ambiente acolhedor, no campo educacional.

Já ofereceu alguns cursos profissionalizantes, tais como: cabeleireiro, datilografia, eletricitista instalador, torneiro mecânico, contabilidade, relações humanas e outros, firmando convenio com o SENAI e LBA.

Funciona normalmente, projetando-se com a aprovação de nossos estudantes que concluem o ensino médio e são submetidos aos Exames Vestibulares e dele partindo desta forma, diretamente, à escola superior, além de proporcionar condições ao alunado concluinte do ensino fundamental que realizem testes seletivos junto às Escolas Técnicas e sejam devidamente aprovados para ingressarem nas Escolas Profissionalizantes em nível de ensino médio e, conseqüentemente, sejam bem sucedidos, isto ocorrendo anualmente, visto que nossos educandos passam a ingressar às escolas de Bananeiras, Lagoa Seca e João Pessoa, deduzindo-se, obviamente, que os objetivos são alcançados todos os anos letivos, destacando-se como um dos melhores educandários da região e do Estado.

Já contou com duas sucursais, sendo uma situada no distrito de Coxixola que funciona desde 1975, atualmente escola independente, vez que foi estadualizada, ministrando aulas da 5ª à 8ª séries; e outra

instalada mais recentemente sediada no distrito de Santa Luzia do Cariri, igualmente com séries iguais à Coxixola e também já se encontra independente.

Urge registrar, a esta altura, que o Colégio já viveu, didática e pedagogicamente falando, dias melhores, mais áureos afinal, viveu dias mais profícuos. Numa análise mais acurada, há de se constatar que nos últimos anos, lamentável e infelizmente o nível do ensino vem caindo de forma assustadora; os motivos? – que fiquem por conta da interrogação, vez que são muitos.

Ainda fundado na administração do 1º diretor, Pe. Marques, houve um Centro Cívico Escolar que teve como seu primeiro presidente o estudante Ildefonso de Barros Neto, proporcionando a todo alunado sadias noções de civismo e moral, colaborando de uma forma indireta na administração escolar, além de contar com sala de jogos, sala de leitura, sala de ciências, com uma exposição dos melhores trabalhos ministrados nas aulas da mencionada disciplina.

Conta com instrumental na forma de uma boa banda marcial que já realizou excelentes espetáculos patrióticos nas festas cívicas de 7 de setembro, atualmente passadas despercebidas.

Em novembro de 1985, o Colégio passou a denominar-se Escola Estadual de 1º e 2º Graus Senador José Gaudêncio, substituindo a denominação Colégio Estadual de Serra Branca.

Boa assistência aos seus educando vem ministrando a escola, contando sua administração escolar com adjuntas, supervisoras, lamentando-se que contava com orientadora educacional de tanta valia na formação da juventude, bem como de médicos.

Além, dessas informações, registradas pelo professor José Bernardo de Oliveira, quero acrescentar o seguinte:

Aos 7 (sete) dias do mês de dezembro de 1962, no Gabinete de Ministério da Educação e Cultura (MEC), presente o respectivo titular, professor Darcy Ribeiro e o representante devidamente credenciado da Escola Profissional Pio XII, Deputado Federal Plínio Lemos, foi firmado o Convênio realizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Escola Profissional Pio XII de Serra Branca, Estado da Paraíba para a construção do prédio em que deveria ser instalado o Ginásio Comercial de Serra Branca, bem como para o seu equipamento.

Na sessão extraordinária realizada aos três dias do mês de fevereiro de 1963 para a instalação do Ginásio Comercial Wamberto Torreão, o Sr. Prefeito do Município, Manoel Gaudêncio Neto, publicou que havia mandado uma mensagem à Câmara Municipal a fim de ser liberado uma verba de Cr\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil cruzeiros) para o citado Ginásio e acrescentou que a mesma já havia sido aprovada e deliberada, tornando ciente que seria entregue Cr\$ 90.000,00 no primeiro semestre e o restante, ou seja, os outros Cr\$ 90.000,00 no segundo semestre.

O Presidente da Mesa falava para o plenário quanto devia ser pago com relação à matrícula e à mensalidade, o que ficou acertado que deveria ser pago pela mensalidade e matrícula Cr\$ 500,00 e Cr\$ 300,00 respectivamente, ficando inclusive certo que deveria haver uma ponderação em pagamento para aqueles que não dependem de boa situação financeira.

Ficou certo que as matrículas se iniciariam logo no dia seguinte, 4 de fevereiro, e as provas de admissão ao Ginásio no próximo dia 11.

O Ginásio funcionaria misto na parte noturna. O Dr. Genival Torreão – Promotor Público – frisou principalmente que, com o Ginásio devidamente oficializado poderia o aluno transferir-se para qualquer

parte; nas mesmas condições, o Ginásio também receberia transferências de idêntico funcionamento e igual condição de ensino.

O Colégio Comercial Wamberto Torreão foi fundado em 1963, começando a funcionar num salão da Escola Profissional Pio XII – o prédio do Cinema.

Até o início do funcionamento no prédio próprio do Ginásio, o Colégio Comercial Wamberto Torreão funcionou nos salões da Escola Profissional Pio XII. Em 1964 já funcionavam a 1ª e a 2ª séries ginásias com uma inscrição de 99 alunos.

Aos 8 dias do mês de março de 1965, teve início, às quatorze horas, no salão onde funciona o Ginásio Comercial “Wamberto Torreão” desta cidade, uma soleníssima sessão, com a presença da Diretoria, professores, alunos das diversas séries ginásias e um grande número de famílias de nossa cidade que deu início aos trabalhos educacionais do ano em curso. Todos os componentes da mesa homenagearam nossa cidade e mostraram-se com muito boa vontade para cooperarem com o Ginásio em mais um ano de trabalho.

O Diretor, o Cônego João Marques Pereira, agradeceu a presença de todos e saudou a toda Serra Branca pela magnífica obra que estava próxima ao seu término, o prédio próprio do Ginásio.

Aos 6 dias do mês de dezembro de 1965, reuniu-se a Diretoria do Ginásio Comercial Wamberto Torreão no salão onde funciona o mesmo, juntamente com os professores, alunos e famílias desta cidade para encerrarem os trabalhos educacionais do Ginásio do ano letivo findo.

Nessa reunião, o Cônego João Marques agradeceu em nome da Diretoria a bondade e o trabalho dos professores em mais um ano de luta. Agradeceu também a honrosa cooperação dos alunos na boa educação que

receberam e souberam aproveitá-la e que nesse ano já contava com um número de 148 alunos.

No dia 26 de novembro de 1965, foram concluídas as obras do Ginásio de Serra Branca, onde funciona o Colégio Comercial Wamberto Torreão.

As obras foram iniciadas em 1963 pela dedicação do deputado federal Dr. Plínio Lemos e foram conseguidas através de um Convênio realizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Escola Profissional Pio XII de Serra Branca. A cópia do Convênio juridicamente constituída e registrada encontra-se no 1º Cartório dessa cidade.

Aos 9 dias dos mês de março de 1966, no prédio próprio do Ginásio, teve início o ano letivo, já com um número de 187 alunos. Na sessão que dava início ao ano letivo de 1966, o Cônego João Marques falou a todos, explicando o bem que faz a educação e o saber ao homem. Ainda nessa sessão de inauguração do Ginásio Comercial Wamberto Torreão foi convidado de honra o Deputado Plínio Lemos, o grande batalhador no serviço do Ginásio.

O Ginásio Comercial Wamberto Torreão funcionou por três anos nos salões da Escola Profissional Pio XII, enquanto o prédio próprio do Ginásio estava em construção, pois o Cônego João Marques Pereira, o grande batalhador pela educação de Serra Branca, achava que não podia mais esperar para que o Curso Ginásial só se iniciasse quando o prédio estivesse pronto. Por isso deu início na Escola Profissional Pio XII, com as mínimas condições físicas, mas com todo ardor e entusiasmo, tanto por parte do Diretor como dos professores, alunos e as famílias de Serra Branca, zona rural e cidades vizinhas.

Às 10 horas do dia 10 de julho do ano de 1966, teve lugar no salão nobre da Escola Profissional Pio XII nessa cidade de Serra Branca, Estado da Paraíba, a sessão solene de instalação do Colégio Comercial Wamberto

Torreão, criado no dia 30 de março de 1966, por solicitação do Cônego João Marques Pereira, Diretor do Ginásio do mesmo nome. Presidiu a reunião, especialmente convidado, o professor Afonso Pereira da Silva – Presidente da Fundação Padre Ibiapina de João Pessoa, entidade mantenedora.

Fizeram parte da mesa: o Presidente da Fundação, o Diretor do Ginásio, o Sr. Promotor Genival Torreão, a Diretora do Grupo Escolar Vasconcelos Brandão – professora Maria do Socorro Moreira, o professor David Alan Tophan, Aberta a sessão pelo Diretor do Ginásio, este passou a direção dos trabalhos ao professor Afonso Pereira.

Foi instalada também a Biblioteca do Colégio que recebeu o nome de Biblioteca Padre João Marques Pereira. Naquele instante foi também fundada a Associação Estudantil de Serra Branca, a qual funcionaria no Colégio, controlando toda a vida do estudante do ensino médio da cidade, para o qual ele mesmo organizaria o Estatuto de acordo com a lei Suplicy em vigor. Referiu-se ao Deputado Plínio Lemos, o qual vinha oferecendo à Fundação Padre Ibiapina, à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, à Escola Profissional Pio XII, ao Ginásio Wamberto Torreão, esforço urgente na liberação de verbas.

No dia 7 de maio de 1969 às 21 horas, na Diretoria do Colégio Comercial Wamberto Torreão, foi realizada uma reunião ordinária onde o Diretor opina para que seja nomeado um vice-diretor para o Colégio. Dr. Antônio de Pádua Lima Montenegro pede que seja feita uma eleição. Realizada e apurada, foi eleito o Dr. Antônio de Pádua Montenegro, o qual renunciou no momento em favor da professora Edite Antonino de Assis, explicando como motivo o tempo indisponível a essa função. O Diretor fala a respeito dos pagamentos aos professores, esclarecendo as razões pelas quais tem agido assim. De acordo com a

situação do educandário, foi determinado para o Curso Colegial NCr\$ 2,00 a aula e para o Ginásial NCr\$ 1,70, até que o Estado decidisse oferecer uma ajuda para melhor remuneração.

Aos 17 dias do mês de junho de 1969, faleceu o digníssimo Diretor do Colégio, o Cônego João Marques Pereira, perdendo Serra Branca um dos grandes vultos da nossa terra.

No dia 22 de junho de 1969 às 9 horas, no salão do Cinema, reuniu-se sob a presidência da diretora Edite Antonino de Assis, os corpos docente, administrativo e representante do corpo discente para esclarecer a situação financeira em que se encontrava o Colégio, após o falecimento do Diretor, o Cônego João Marques Pereira. A Diretoria pede que reunidos todos trabalhassem, para enfrentar a luta com coragem para que tudo não viesse a desmoronar.

A partir de 1971 o Colégio continuava passando por grandes dificuldades financeiras, então o Deputado Álvaro Gaudêncio Filho passou a tomar as decisões necessárias para que o Colégio pudesse continuar funcionando.

Não temos conhecimento como as medidas eram tomadas nesse período.

A situação foi amenizada com a estadualização que foi realizada no dia 06 de março de 1975.

Decreto nº 6. 450 de 06 de março de 1975.

Estadualiza o Colégio Comercial Wamberto Torreão da cidade de Serra Branca.

O Governador do Estado da Paraíba, no uso das atribuições que lhe confere o art. 61, da Constituição do Estado.

Decreta:

Art. 1º - Estadualiza o Colégio Comercial Wamberto Torreão, da cidade de Serra Branca, que passará a denominar-se Colégio Estadual de Serra

Branca.

Art. 2º - Ficam incorporados ao patrimônio do Estado da Paraíba todos os bens pertencentes ao atual Colégio Comercial Wamberto Torreia, conforme Convênio a ser assinado com a S.E.C.

Art. 3º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado da Paraíba em João Pessoa, 06 de março de 1975; ano 87ª da Proclamação da República”.

A partir de 1993, o Colégio contou com os seguintes números de turmas:

No ano de 1993 a Escola funcionou com 10 salas de aula, 46 professores e 25 turmas de alunos do 1º e 2º grau; em 1994 com 24 turmas, 511 alunos do 1º grau e 174 alunos do 2º grau; em 1995, com 27 turmas, 574 alunos do 1º grau e 196 do 2º grau; em 1996, com 29 turmas, sendo 697 alunos do 1º grau e 261 do 2º grau; em 1997 com 29 turmas, 619 alunos do 1º grau e 245 do 2º grau; em 1998 funcionou com 693 alunos do 1º grau e 254 do 2º grau; em 1999, funcionou com 32, com 740 alunos do 1º grau e 292 do 2º grau.

O número de funcionários da Escola em 1999 era de 22 auxiliares de serviço, 13 agentes administrativos, 1 diretora, 2 diretoras adjuntas, 1 secretária, 3 subsecretárias, 3 supervisoras de ensino, 1 assistente social e 46 professores.

A partir de 1994, voltou a administração escolar a ser dirigida pela professora Maria Seleste de Amorim que está no cargo até a presente data.

Em outubro de 1998, foi iniciada uma reforma geral no prédio da Escola através do Convênio firmado no Projeto Nordeste com a Secretaria de Educação, no valor de R\$ 312.000,00 (trezentos e doze mil reais). A Escola passou

a funcionar em prédios alugados por período de 6 meses, tendo voltado a funcionar no seu prédio próprio em abril de 1999. Não houve nenhuma mudança na sua estrutura física, foi apenas a substituição do telhado e do piso em geral.

A Escola dispõe de uma quadra de esportes construída pelo governador do Estado, em 1990, tendo sido recuperada em 1997 através de campanhas com a comunidade escolar.

A Escola dispõe hoje de uma Unidade Executora (Conselho Escolar), recebendo assim os benefícios da escolarização da merenda escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola.

Na sua nova nomenclatura a Escola passou a chamar-se Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Senador José Gaudêncio abrangendo assim o antigo ensino de 1º e 2º graus.

Sobre a atuação do Cônego João Marques Pereira, o professor José Bernardo de Oliveira presta o seguinte depoimento:

Cônego João Marques Pereira, agnominado de “Pe. Marques”, era paraibano da cidade de Serra Redonda, nascido em 13 de novembro de 1911, sendo filho de José Marques Pereira e de Josefa Marques Pereira.

Optando pela vida religiosa, vindo de uma família humilde, mais precisamente, de pessoas intimamente ligadas à agricultura, ordenou-se sacerdote católico em 1940, com a idade de 29 anos.

Foi o 6º titular desta freguesia e paróquia de Nossa Senhora da Conceição, com sede em Serra Branca, da diocese de Campina Grande.

Aqui chegando, passou a ter um desvelo por Serra Branca, às vezes, até com uma certa dosagem de exagero, pois não admitia que nenhuma pessoa dessa localidade, nem pessoa outra, ou seja, um

forasteiro, proferisse o menor adjetivo que chegasse a ferir ou menosprezar a comunidade serrabranquense. Foi tão grande o seu civismo por essa cidade que, em certa ocasião, numa mercearia de propriedade do Sr. Chagas Bezerra, um estranho proferiu poucas palavras que servissem de deboche para com essa cidade e o Pe. Marques estava presente, ofendendo-se de forma muito assustadora, passando, de imediato, a defender a cidade.

Inteirou-se ao progresso da comunidade; cultivou instituições religiosas que já encontrou ou até mesmo tenha instituído, tais como: a Cruzada Eucarística Infantil, formando jovens, preparando-os para uma profícua adolescência; a Pia União das Filhas de Maria e os Congregados Marianos – espécie de prolongamento da Cruzada, pois o escopo era continuar modelando jovens, de ambos os sexos, preparando-os para a construção de um lar mais sadio e mais cristão, essencialmente para aqueles que optassem pelo matrimônio; depois, havia também as zeladoras do Sagrado Coração de Jesus que eram uma espécie de modalidade de ofertório paroquial, ou seja, pessoas que contribuíram com ajuda financeira para as despesas normais da Igreja, além de bom apostolado. Assim, no campo espiritual, Pe. Marques foi um exímio talento. A entidade Pia de São Vicente de Paulo não ficou sem seu apoio, pelo contrário, era um grande admirador e ardoroso colaborador.

Dessa forma, analisa-se que das associações religiosas surgiram casais que construíram verdadeiras famílias – moral e cristãmente – bem formadas e que atualmente continuam a colaborar com a Igreja Católica local.

Fundou a Amplificadora Voz Católica de Serra Branca – serviço de som porta-voz dos acontecimentos religiosos, em essencial, e sociais, além de oferecer seus préstimos às utilidades

públicas.

Pe. Marques foi o primeiro religioso que celebrou a Santa Missa em língua portuguesa na Paróquia de Serra Branca, bem como o dito exercício religioso voltado para o povo, implantando dessa forma, as preliminares normas modernas da religião católica – determinações estabelecidas pelo Concílio Vaticano II, liderado por S. S João XXIII. Referidas normas cristãs estenderem-se às capelas de Coxixola, São José dos Cordeiros, Parari, Jericó, Gurjão, São João do Cariri, Malhada de Roça, Farias e demais comunidades que englobam o território eclesiástico dessa Paróquia, integrando-as às novas disciplinas eclesiásticas e episcopais.

Todos os exercícios religiosos eram celebrados à luz do Evangelho; seus trabalhos eram todos trilhados com fulcro nos sagrados ensinamentos bíblicos, posto que o aludido religioso não se desligava das suas funções religiosas.

As festa tradicionais da nossa excelsa padroeira – Nossa Senhora da Conceição, celebradas na primeira semana de dezembro, anualmente, culminavam com seu dia maior – 8 de dezembro – Dia da Imaculada Conceição, feriado e dia santo. Eram celebradas com um brilhantismo modelar e revestidas de um fervoroso calor humano/religioso, posto que ele era devoto da íntegra Virgem da Conceição. Suas comoventes mensagens e pedidos à Virgem eram verdadeiramente tocantes; suas salvas e vivas à Padroeira faziam ainda mais celebrar o espírito religioso de todos os que assistiam e participavam da festa em homenagem à Imaculada Conceição. As girândolas e mais girândolas e demais fogos de artifício completavam as procissões soleníssimas da padroeira.

As saudosas missas solenes – “missas cantadas” e as novenas do “mês mariano”, foram todas revestidas do maior e mais puro espírito cristão e

devocional à Maria Santíssima.

Frisem-se as festas natalinas e de Ano Novo; comoventes eram suas mensagens de fim de ano e Ano Bom.

Benzeu as pedras fundamentais para a constituição do atual Colégio Estadual, do açude público do DNOCS, igualmente benzeu o primeiro poste de iluminação elétrica local (de Paulo Afonso). Daí concluir-se que ele acompanhava de perto e até chegava a vibrar com o progresso da comunidade serrabranquense, porque desejava que ela se tornasse a mais bela e mais bem servida de serviços públicos, além de tornar-se a melhor cidade do Cariri paraibano.

A atual Casa de Cultura local, que conta com o nome de Pe. Marques, teve suas raízes no museu do Colégio Estadual, cujas peças foram todas adquiridas numa campanha que levou meses e meses, visitas e mais visitas às cidades vizinhas e sobretudo à zona rural.

Fundou a Escola Profissional Pio XII, homenagem prestada ao Santo Padre e Papa daquela época "Pio XII", o italiano Eugênio Pacelli de quem era forte admirador pelo seu exemplar trabalho desempenhado como líder espiritual da Igreja Católica, essencialmente naquela época de muitas dificuldades. Dita escola foi a origem, o começo, do Ginásio Comercial Wamberto Torreão; tudo isso ocorrendo, dado ter Pe. Marques um ótimo e vastíssimo ciclo de amizade.

Trouxe, em certa ocasião, a Professora Maria de Lourdes Sousa, uma cearense, que ministrou com bastante proveito, para um grupo de senhoras e senhoritas da sociedade local, um curso de "Trabalhos Manuais", o que nos dias atuais se pode denominar de uma verdadeira Educação Artística, além de trazer a manter cursos de datilografia, cujos professores foram Vicente Pereira de Albuquerque

(Vicente Jacó) e Vicente Gomes de Albuquerque, além de outro estranho.

Seu desvelo pelos professores era até exagerado, porque se dizia amicíssimo de todos e isto é público e notório – fiel verdade –, no início do Colégio, havia um carro para transportar os mestres de suas residências ao ginásio e vice-versa. E nas horas dos intervalos das aulas, oferecia-lhes "lanche".

Nunca tomou medida precipitada; todas eram bem pensadas e a decisão era coletiva, pois quando pretendia tomar qualquer medida, reunia todo colegiado para que o decisório fosse melhor e surtisse melhores efeitos.

Assim, vê-se que o Pe. Marques é um autêntico perfil do Pe. José de Anchieta e sor isto, meritoriamente, tem seu nome ligado ao estádio do Vasco da Gama; uma das praças locais tem seu nome, uma das ruas da cidade, também, e o destaque maior é para o Educandário fundado por um dos seus admiradores e ex-discípulo, o Bel. Milton Lins de Brito – a Escola de 1º e 2º graus Cônego João Marques Pereira – conhecida como o antigo Pró-Município.

Seu nome é constantemente lembrado nas paradas de 7 de setembro, como homenagem à memória daquele que, sem dúvida, foi o precursor da educação de Serra Branca.

Todavia, o que poucos se recordam e até quem sabe, muitos até ignoram, é o título que a ele foi concedido exatamente no dia 10 de julho de 1966, pelo Professor Dr. Afonso Pereira da Silva, Presidente da Fundação Pe. Ibiapina, entidade mantenedora do Ginásio Comercial Wamberto Torreão, atualmente Colégio Estadual.

Disse o Professor Afonso Pereira: "A figura notável, incansável, indormida, com destino dos heróis – que é o de muitas vezes receber a perseguição como glorificação e imortalidade, por

isto confiro-lhe o título de APÓSTOLO DO CARIRI".
A platéia eufórica e entusiasticamente aplaudiu de pé.

Humildemente como ele era, respondeu o Pe. Marques: "Eu me considero apenas um ministro de Cristo a serviço do bem comum" – quando a esta altura foi calorosamente aplaudido também de pé pelos assistentes.

Subitamente, não somente o território paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Serra Branca, mas todo o território diocesano de Campina Grande foi sacudido pela calamitosa notícia do falecimento do Apóstolo do Cariri, afetando assim a todos indistintamente – era o dia 17 de junho de 1969.

ANEXO

HINO DO COLÉGIO

Levantada por uma esperança
De bons homens aqui estudar
Vem de longe ou de perto um amigo
Para aqui melhor se informar

Nesta Escola que muitos passaram
Gerações que irão de passar
És das fortes a minha guerreira
Que pra sempre iremos honrar

Na história de nossa cidade
O teu nome tem o seu lugar
Diretores com boas doutrinas
Os seus nomes aqui vão ficar

Fundação que por muitos negada
De ajudas que foi terminar
Foi João Marques quem lutou por ela
Obrigado sempre iremos te dar

As barreiras que tanto enfrentaram
Na cabeça a cadeira pro chão
Certamente queiram um destino
Desta Escola formar cidadãos

Para sempre em pé estarás
Sei que nunca vou te esquecer
Os alunos que por te passaram
Todos eles assim vão dizer

Refrão

Escola de tantos prestígios
A bandeira já mostra o que és
Ensinando o que tanto preciso
Sempre a ti nós seremos fiéis
Estadual Senador José Gaudêncio
Serra Branca se orgulha de ti
Vem fazendo o progresso da gente
Pra os meus sonhos aqui se fluir

Letra: Gilliard Guimarães